

Sandro Dias

*As palavras e o coração – estudo sobre algumas imagens em O povo de
Jules Michelet.*

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-
Graduação em Teoria e História Literária do
Instituto de Estudos da Linguagem –
Universidade Estadual de Campinas, como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em História e Historiografia Literária.

Orientador: Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva
Dantas

Unicamp
Instituto de Estudos da Linguagem
2003

UNICAMP
BIBLIOTECA CENTRAL

UNICAMP BIBLIOTECA CENTRAL SEÇÃO CIRCULANTE

UNIDADE	BC
Nº CHAMADA	T/UNICAMP
	D543p
V	EX
TOMBO BCI	53858
PROC.	124103
C	☐
D	☒
PREÇO	R\$ 11,00
DATA	20/05/03
Nº CPD	

CM001B2852-3

BIB ID 290981

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA IEL - UNICAMP

D543p	Dias, Sandro As palavras e o coração : estudo sobre algumas imagens em <i>O povo</i> de Jules Michelet / Sandro Dias. - - Campinas, SP: [s.n.], 2003. Orientador: Luiz Carlos da Silva Dantas Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. 1. Michelet, Jules, 1798-1874 – O povo. 2. Historiografia. 3. França - História. 4. Literatura francesa – História e crítica. 5. Romantismo – França – Séc. XIX – História e crítica. I. Dantas, Luiz Carlos da Silva. II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.
-------	---

Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas – orientador



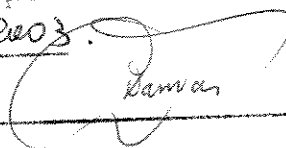
Prof. Dr. Jorge Sidney Coli Jr.

Profª. Dra. Mirian Viviana Gárate

Profª. Dra. Vera Maria Chalmers (suplente)

Este exemplar e a redação final da tese
defendida por André Dias

e aprovada pela Comissão Julgadora em
10/04/2003.



10317324

Esta dissertação é dedicada à "Vó Maria",
leitora voraz e de sensibilidade aguçada, de
quem certamente herdei o gosto pela
leitura.

Agradecimentos

Demonstrar gratidão por pessoas que contribuíram com o nosso trabalho nunca é mera formalidade, pois, no mais das vezes, elas doaram parte de seu tempo e de sua atenção simplesmente pelo sentimento de poder compartilhar de um sonho, de um projeto ou de uma idéia.

No meu caso, a idéia de levar a cabo um projeto de mestrado confunde-se com outros anseios, além do apreço pela pesquisa, como por exemplo a carreira acadêmica. Tornar uma atividade imensamente prazerosa como o trabalho intelectual um ofício é, sem dúvida, motivo de grata satisfação.

Desse modo, é imprescindível dar o devido reconhecimento àqueles que estenderam as mãos tão gentilmente e tornaram a minha jornada algo mais aprazível de caminhar. Assim, agradeço à Universidade Estadual de Campinas e, por decorrência, à sociedade que viabiliza a sua existência, pela estrutura, oportunidade e apoio para que esse trabalho fosse realizado.

Ao Prof. Dr. Luiz Carlos da Silva Dantas, antes orientador, agora amigo, as preciosas observações sobre o meu trabalho, a liberdade que tive de escolher determinados caminhos, a sugestão de outros, tornando sua orientação a um só tempo sensível e rigorosa, sempre procurando enxergar em meu texto uma escolha mais adequada e mais bela. A boa vontade e o entusiasmo com que me orientou fizeram-me primeiro admirar o professor e depois respeitar o homem. Por tudo isso, tenho uma dívida de gratidão e o sentimento de orgulho por tê-lo como orientador.

Do mesmo modo, agradeço imensamente aos professores que compõem a minha banca: à Prof. Dra. Mirian Viviana Gárate e ao Prof. Dr. Jorge Sidney Coli Jr. meus sinceros agradecimentos pelas preciosas observações no processo de qualificação que

muito contribuíram para que meu trabalho fosse melhorado. A presença dos professores da banca legitima e valoriza sobejamente meu trabalho.

Aos professores, colegas e funcionários da secretaria do Instituto de Estudos de Linguagem da Unicamp, cujo convívio e conhecimentos adquiridos certamente alimentaram muito do que produzi neste trabalho. O mesmo devo reconhecer em relação aos professores do curso de graduação em História da Universidade Metodista de Piracicaba. Às pessoas das instituições que mencionei devo o reconhecimento da imensa contribuição que foi o convívio da vida acadêmica.

Aos colegas de profissão do Colégio Técnico de Limeira – Unicamp, em especial aos amigos do Departamento de Humanas, onde encontrei pessoas dedicadas e generosas, sempre prontas a uma palavra de incentivo, como a Prof^ª. Maria de Lourdes Zaros Giralddello que gentilmente fez a revisão do original. Pessoas que reforçam meu orgulho de ser professor de uma instituição como a Unicamp.

À minha família agradeço imensamente o apoio incondicional, pessoas maravilhosas, sem as quais não poderia sequer iniciar este trabalho. A meu pai, João Francisco Dias; minha mãe, Clarice Jorge Dias e à Luciana Dias, minha irmã, meus agradecimentos especiais pelo sustento, incentivo e apoio que me deram durante todo esse tempo. A eles devo ainda muito do que sou.

À Janaina, por incansáveis motivações e incentivos. Mais que o apoio em relação ao trabalho, devo-lhe ainda tantos outros sonhos compartilhados de uma história que já construímos até aqui e que está apenas começando.

Ao Rio Jacaré Pepira Mirin, no município de Brotas-SP, em cujas límpidas águas a prática da canoagem, entre remadas e reflexões, deu-me o equilíbrio necessário para concluir meu trabalho e a consciência dos vínculos sagrados que unem o homem à natureza.

Por fim, à memória desse ilustre homem e historiador que foi Jules Michelet, cujas palavras e história de vida, desde o primeiro contato, causaram em mim uma identificação tocante que, antes de qualquer coisa, me motivou a produzir algo sobre a sua obra. Espero, assim, que meu modesto trabalho seja também uma singela homenagem a todos que reconhecem e admiram sua obra.

SUMÁRIO

Capítulo 1 – *A guisa de apresentação*, 11

Capítulo 2 – *A construção da identidade – entre conhecimentos e afetos*, 29

Capítulo 3 – *A memória – experiência como conhecimento*, 81

Capítulo 4 – *A observação – cenas do cotidiano*, 103

CONSIDERAÇÕES FINAIS, 115

BIBLIOGRAFIA, 117

RESUMO

Este trabalho analisa algumas imagens construídas por Jules Michelet em *Le Peuple*, na primeira metade do século XIX, no contexto da "historiografia romântica". Essa análise constituiu-se de uma tríade: a identidade – a relação entre conhecimentos e afetos; a memória – a experiência como conhecimento; a observação – cenas do cotidiano.

RESUMÉ

Ce travail analyse quelques images construites par Jules Michelet dans "Le Peuple", à la première moitié du XIXe siècle, dans le contexte de "l'historiographie romantique".

Cette analyse s'est constituée d'une triade: l'identité – la relation entre les connaissances et les affects; la mémoire – l'expérience comme connaissance; l'observation – les scènes du quotidien.

Capítulo 1 – A guisa de apresentação.

Em 1998 foi comemorado, na França, o bicentenário do nascimento do historiador Jules Michelet. Mais que uma celebração francesa, a deferência ao autor da monumental *Histoire de France*¹ atingiu boa parte do mundo acadêmico. Sérgio Augusto de Andrade, entre nós, em artigo da Revista *República*², chamou a atenção para o que classifica como uma das marcas do historiador francês, isto é, o excesso. A ciência de Michelet, segundo Andrade, é a ciência da afronta e não a do tempo; lembra a conhecida lenda a respeito dos celtas, povo cujo maior temor era a de que o céu desabasse sobre a sua cabeça. Michelet, em defesa dos celtas, alerta que esse povo nunca foi temeroso e relata, no início da sua *Histoire de France*, que, nos dias de tempestade, os celtas lançavam flechas ao céu e enfrentavam as ondas com espadas em punho, ou seja, preferiam o enfrentamento ao temor simplesmente.

Como bom “celta”, lembra Andrade, Michelet nunca se esquivou de um confronto, o que lhe custou a desconfiança de seus pares e mesmo a repulsa da Igreja de sua época. Sua História parece-nos perturbadora e excitante demais se comparada à produzida por outros grandes historiadores contemporâneos.

Sabemos que a História sempre foi importante para legitimar ou derrubar governos, regimes e poderes em todos os lugares e em todas as épocas. Entretanto, no âmbito acadêmico até o início do século XIX, o estudo da História, tal como a concebemos, era muito marcada por atividades de antiquaristas e cultuadas muitas vezes

¹ Obra que ocupou boa parte de sua vida: *Moyen Âge*, 6 v. (1833-44); *Révolution*, 7 v. (1847-53); *Temps modernes*, 7 v. (1857-67); *Préface* à edição completa (1869); *Histoire du XIXe siècle*, 3 v. (1872-3). MICHELET, J. *Oeuvres complètes*, sous la direction de Paul Viallaneix: première édition critique histoire des textes, présentation des variantes, dossiers de presse), Paris, Flammarion, 1971.

por amadores, no sentido de não pertencentes à Universidade, vista como instância que legitima o saber. A partir dessa época foram criadas sociedades nas Universidades com o firme propósito de profissionalizar a atividade do historiador, partindo de um "método histórico" cujo interesse previa técnicas filológicas e a crítica dos documentos. Há que se considerar que no século XVIII Gibbon³ havia desenvolvido técnicas apuradas de crítica dos documentos, antes, portanto, do desejo ardoroso da comunidade de historiadores metódicos e seu pretenso distanciamento com o objeto de estudo em nome da ciência.

Em princípio, a História deveria nortear-se por ideais científicos combinados com o gênero artístico, em contraposição às filosofias da História. A intenção de historiadores "metódicos", tais como Langlois e Segnobs⁴, era a de conciliar o rigor científico da escola positivista e a arte romântica por meio de "técnicas novelísticas". A preocupação com o "fazer História" suscitou em alguns historiadores o desejo de fundar ou incentivar escolas com suas concepções acerca do ofício do historiador, com estilos que se destacaram no início e meados do século XIX.

No início do século XIX, fez-se necessário, por parte dos historiadores e filósofos, um repensar da atividade do ofício do historiador. Mais que isso, foi necessária a justificação do conhecimento histórico. No momento em que houve uma mudança significativa na concepção da História, quando a princípio, falamos precisamente dos

² ANDRADE, Sérgio Augusto. "A História como um caso pessoal" in: *República*. São Paulo: D'Ávila Comunicações Ltda., 1998, Ano 2, N° 22, p. 36.

³ Gibbon, Edward (1737-1794), principal historiador inglês de sua época, autor de *História do declínio e queda do Império Romano* (6 volumes, 1776-1778).

⁴ A escola histórica, a que chamamos "metódica" ou, mais frequentemente, "positivista", representada, entre outros historiadores, por Ch.-V. Langlois e Ch. Seignobos, que em 1898 redigiram um guia que visava à objetividade absoluta no domínio da história. A esse respeito ver: "A ESCOLA METÓDICA" in: BOURDÉ, G. e MARTIN, H. *As Escolas Históricas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

autores do século XIX, a História era concebida não como ciência, mas como atividade de uma “área geral do estudo”.

Mas o estatuto de “ciência” pesou sobre os ombros daqueles que exerciam a atividade historiográfica. O conhecimento histórico é chamado a fazer parte do rol do saber científico que integrava a física, a biologia, a matemática, entre outras. Surgem, nesse momento, não gratuitamente, as cátedras de História, tais como as fundadas na França e Alemanha, no início do século XIX, como defendeu Hayden White⁵. Esses profissionais formavam uma espécie de clerezia voltada para a promoção e a cultura de uma historiografia socialmente responsável.

No entanto, a transição do pensamento histórico, a princípio concebido como atividade amadora e, num segundo momento, encarado como profissional sob a égide da ciência, na visão de Hayden White, não foi acompanhada por mudanças conceituais, como verificado em outros campos do saber científico. É possível verificar uma série de posicionamentos que indicavam aos historiadores um princípio seguidor de um “método histórico” dotado de cuidados filológicos mais refinados. Se, por um lado, o fazer do historiador tinha um compromisso com o rigor científico, por outro, o resultado da atividade do historiador deveria ser exposto de forma artística, admitindo-se, assim, uma combinação entre ciência e arte.

“Sem dúvida, era evidente que o historiador deve ser científico em sua investigação dos documentos e em seus esforços por determinar o que

⁵ WHITE, Hayden (1928-?), escreve *Metahistory: The Historical Imagination in Nineteenth-Century Europe*. Johns Hopkins University Press, 1973. Nesse livro White discute a problemática da dialética razão-imaginação do século XIX. Ver também: WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da Cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994; a primeira edição, no original: *Tropics of Discourse: Essays in Cultural Criticism*. Johns Hopkins University Press, 1978.

realmente aconteceu no passado e que devia representar o passado artisticamente a seus leitores”⁶

Nesse sentido, a História não poderia ser concebida como nos dizeres do século XIX – uma “arte livre”; ao contrário, pairava no ideário das pretensões históricas uma desejada “objetividade”, no que tange às questões contemporâneas, que deveria evitar questionamentos em nome de uma rigidez metodológica. Devemos considerar, também, que a própria “profissionalização” da História tem suas implicações políticas, uma vez que, se temos num extremo a recusa do comprometimento para com os preceitos da filosofia da História, em outro estaria, em certa medida, a utilização do saber histórico visando a fins políticos, pautada na ideologia conservadora e liberal. Mas a preocupação com a não utilização da História em meios de política revela o cuidado para que não fossem difundidas idéias impróprias aos ideais conservadores e aos olhares da comunidade metódica.

Exemplo claro foi o afastamento de intelectuais docentes das Universidades, em nome de suas idéias supostamente agressivas à “objetividade” do rigor científico, sendo mesmo Michelet afastado⁷. Essa prática teria custado sérias críticas à comunidade de “historiadores profissionais” e, sobretudo, à própria academia.

É com Hegel⁸ que surge a preocupação com a Filosofia da História, no sentido de mostrar uma História reflexiva – cujas bases iniciais foram traçadas por Kant⁹, já que

⁶ WHITE, Hayden. *Meta-História – A Imaginação Histórica do século XIX*. Trad. José L. Melo, São Paulo: Edusp, 1992, p. 148.

⁷ Para maior detalhamento, ver bibliografia de Jules Michelet, por Paul Viallaneix: VIALLANEIX, P. *Michelet, les travaux et les jours 1798-1874*. Paris: Gallimard, 1998.

⁸ Hegel, Georg Wilhelm Friedrich (1770-1831), filósofo alemão. É o representante máximo do idealismo e seu trabalho revela a influência do pensamento grego e de autores como Baruch Spinoza, Jean-Jacques Rousseau, Immanuel Kant, Johann Gottlieb Fichte e Schelling. Entre suas obras mais importantes estão: *A fenomenologia do espírito* (1807), *A ciência da lógica* (1812, 1813, 1816) e *Lições de história da filosofia* (1833-1836).

Hegel entendia que era tarefa da filosofia a elaboração de uma sistemática da ciência emergente da História.

Essa concepção de Hegel não foi bem aceita entre os historiadores que repudiaram a submissão dos resultados obtidos nas pesquisas às significações apriorísticas das concepções filosóficas, fato que demonstraria o teor da objetividade pretendida pelos metódicos. Temos neste contexto uma incompatibilidade entre a historiografia e a filosofia da História, uma vez que a História, na concepção dos historiadores, pressupunha:

"(...)disposição de ir aos arquivos sem quaisquer pré-concepções, estudar os documentos lá encontrados e, em seguida, escrever uma História acerca dos acontecimentos atestados pelos documentos de modo a fazer da própria história a explicação do que tinha acontecido no passado. A idéia era deixar a explicação emergir naturalmente dos próprios documentos e depois exprimir seu significado em forma de história"¹⁰.

É nesse quadro controverso que, na primeira metade do século XIX, surgem com destaque os escritos de Jules Michelet, que representou um outra via no que tange à concepção de História, destoante daquela que foi apresentada até aqui na sociedade oitocentista. Representou um anseio de, por meio da identificação do historiador com a sua obra, no inegável comprometimento do analista social e sua leitura da sociedade, tornar sua produção científica, caracterizando uma posição diferenciada, pois buscou conciliar sua filosofia de História aos estatutos científicos que naquele momento

⁹ Kant, Immanuel (1724-1804), filósofo alemão. Obras e tratados: *Crítica da razão pura* (1781), *Metafísica da ética* (1797), *História universal da natureza e teoria celeste* (1755).

nortearam seu ofício. Dessa forma, buscou na “compreensão romântica do mundo a condição de um enfoque científico”¹¹.

Ainda que Michelet tenha criticado os românticos pela exposição exagerada em sua opinião, das chagas da França, poderia bem se colocar na tradição da “historiografia romântica” da primeira metade do século XIX, e, apesar de sua recusa, a identificação com o povo, com a causa revolucionária e o compromisso social com a mudança para uma sociedade melhor, mais educada e fraterna, diríamos hoje talvez que seu compromisso foi endereçado aos “excluídos da História”.

Sem o compromisso prévio com a política ou com as ideologias da época, Michelet considerou a História um caso pessoal e valoriza sua experiência, sua memória pessoal e se coloca na posição de um visionário. O “historiador – sacerdote” ou “historiador – teólogo” guia os moradores do Hades para dar a eles a voz que já não possuem.

Se Michelet fez da obsessão uma regra, como defende Sérgio de Andrade, poderíamos dizer que a observação era a sua lei. À maneira de um Heródoto, o “visionário” Michelet atesta sua verdade, entrevendo para o passado e mesmo para o presente a autoridade legitimada pela sua vivência, num jogo personalíssimo de simpatias e repulsas, fazendo de sua História mais que uma lição, como definira Barthes, uma rede de obsessões¹². Desse modo, concebe o conhecimento como algo que o

¹⁰ WHITE, Hayden. *Meta-História – A Imaginação Histórica do século XIX*. Trad. José L. Melo, São Paulo: Edusp, 1992, p. 153.

¹¹ *Op. cit.*, p. 160

¹² A expressão é um empréstimo de: BARTHES, R. *Michelet*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. A primeira edição foi BARTHES, R. *Michelet*. Éditions du Seuil, 1954. A edição brasileira traz comentário de Leyla Perrone-Moisés que informa que este pequeno livro, escrito durante a estada do autor em um sanatório, por ocasião da tuberculose, deveria ser uma tese universitária, entretanto, segundo o próprio Barthes, o resultado foi muito pouco acadêmico e foi publicado. Neste livro Barthes flagra exemplarmente algumas das “obsessões” de Michelet, temas e assuntos mais recorrentes.

aproxima do sentimento e é nessa relação que o saber histórico, na visão do historiador francês, deve se constituir.

Sua originalidade afrontava seus coetâneos. Ao considerar, por exemplo, os ciclos de seus ancestrais, considera o maior deles a menstruação como matriz temporal de todos os ciclos. Como sugere Andrade, a toilette feminina recobre-se de uma legitimidade por meio dos ciclos naturais das marés e da lua. Desse modo, é erótica e não social a base de toda a civilização. Afirmção exagerada de Andrade? Talvez não; mas, por certo, forte e instigante que nos leva a concordar com outra, a de que, apesar dos dois séculos que nos separam da sua obra, Michelet parece-nos ainda mais atual do que antes, se considerarmos toda a produção recente sobre as relações entre a Literatura e a História que tomam Michelet como uma espécie de pai fundador dessa tendência de dar voz aos “excluídos da História”, utilizando para tanto expedientes quase que literários. Se sua obra não foi reconhecida à sua época, foi reabilitada no século XX, desde a École des Annales, movimento ou escola que reivindicou para a História uma sensibilidade maior que essa disciplina portara até esse momento¹³.

Para acompanhar esse itinerário que levou Michelet a ser reabilitado como historiador identificado com as massas, tomamos especificamente um pequeno “livro-manifesto” que é *Le Peuple*¹⁴, sendo possível colher palavras e expressões que manifestam em Michelet esse desejo expresso de reconhecer a questão do povo como personagem importantíssimo para as transformações sociais da França oitocentista. A esse respeito, apoiamo-nos na trilha deixada por Pierre Macherey¹⁵ e sua apreciação em torno do tema do “homem de baixo”, ou o “homem subterrâneo”. Macherey

¹³ Para uma apreciação mais detalhada sobre a École des Annales ver: BURKE, P. *A revolução francesa da historiografia: a História dos Annales, 1929 à 1989*. Trad. Nilo Odália. São Paulo: Unesp, 1991.

¹⁴ A edição brasileira é MICHELET, J. *O povo*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

desenvolveu importante análise do romance social, uma "Literatura das profundezas" que atingiu a Literatura e a História e cujos elementos anunciantes se encontram a partir do fim do século XVIII e demonstram conter, simultaneamente, aspectos estéticos e políticos que por sua vez encerrariam uma espécie de "filosofia literária".

Demonstra, por exemplo, que, em 1836, ocorreu na França uma mudança considerável no domínio da imprensa, coincidente com o surgimento de novos meios de comunicação e correspondente a um novo tipo de público, as massas. Mudança que foi percebida, no domínio da imprensa, por alguns de seus iniciadores, como E. de Girardin que, no editorial do primeiro número de *La Presse*, expressou o desejo de uniformizar o discurso público e de transportar o ponto de aplicação, o direcionando de alto a baixo, ou da superfície ao fundo, reunindo-se todas as formas de opinião. Ainda que de maneira dispersa, Macherey viu nesse processo o surgimento da figura nova do "homem subterrâneo", imagem subjetiva, metáfora que designa essa classe "obscura", que "vem de baixo" e toda consideração que se fez a esse povo potencialmente perigoso, porque revolucionário, como um vulcão adormecido, esperando o momento de erodir o solo e dar curso a sua erupção.

Assim como na obra de Michelet em que fica patente o desejo de dar voz ao povo, aos excluídos, enfim àqueles que não se viram representados, ou cuja voz não se faz ouvir nas decisões políticas, na academia, nos livros, também a imprensa da época parece interessada em "aprofundar", isto é, verificar o que se passou nos subterrâneos da opinião, exatamente nas profundezas da sociedade onde se reunia a massa.

Macherey faz interessante paralelo entre esse olhar que se dirige para baixo, à própria disposição dos folhetins nos jornais, o mesmo movimento que dirigia o olhar do leitor de um jornal até a parte inferior de uma página, ao subsolo da escritura, em que se elaborava e se expunha essa que era a forma por excelência de uma Literatura das

¹⁵ MACHEREY, P. *A quoi pense la littérature? Exercices de philosophie littéraire*. Paris: Presses

profundezas, isto é, o folhetim, que se tornou um modo de expressão extremamente popular, promovendo, assim, a identificação com as massas.

Michelet parece desejar o mesmo, fazer de seu testemunho histórico em forma de livro, *Le Peuple*, ser o suficientemente identificado com o povo que pretende retratar, fazendo de sua produção historiográfica algo que se aproxime dos expedientes literários, cujo movimento de sensibilidade capta melhor a atmosfera das massas, seu “calor vital”. Essa preocupação em ressaltar a dignidade do povo, suas virtudes e seus atributos históricos teve seu melhor correspondente literário em Victor Hugo, para o qual o “sublime” também viria “de baixo”.

Em *Les Misérables*¹⁶, obra monumental de Hugo, um retrato em que o exótico e o histórico seriam substituídos pelo realismo e a História. O próprio mote do romance teria seu correspondente real, como em outras obras, Hugo tirou-o da realidade, teve acesso à História de um ex-forçado que, graças à sua força sobre-humana, conseguira fugir das galés. Escondido sob pseudônimo, tal homem transformou-se numa espécie de Conde de Monte Cristo social, defendendo e protegendo pessoas trituras pela máquina social, à maneira de um Mefisto, que tudo corrompe, tudo demoniza, isto é, a sociedade moderna. Definiu o romance como “a tempestade em um crânio” e, com efeito, seus melhores momentos, são aqueles em que o Hugo narrador se expõe tal como um analista social, de olhar atento e engajado para os problemas sociais. Assim como Michelet, considerara os princípios da Revolução como a “lei de Deus”.

No historiador Michelet, temos uma miríade de conjecturas que o aproximam do romancista Hugo. Poderíamos reivindicar para ambos o epíteto de filósofos-historiadores? A forma quase que literária com que Michelet enreda sua trama de

Universitaires de France, 1990.

¹⁶ A edição brasileira utilizada é: HUGO, V. *Os miseráveis*. Trad. Casemiro L M. Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.

considerações o aproxima francamente do romancista, e este, não podemos negá-lo, também não se distancia em suas considerações, do cientista social. Não nos ocuparemos dessa questão aqui, a aproximação entre os dois autores não é objeto de nosso trabalho, mas vale notar que assim como Michelet, Hugo também pretendeu essa aproximação com o espírito das massas; ainda que *Les Misérables* não tenha sido publicado inicialmente em forma de folhetim¹⁷, forma mais popular de contato com a Literatura, foi escrito com as formas próprias de seu gênero, que também chegou à dignidade literária. Assim, podemos afirmar que esse romance pretendeu, em todos os sentidos, ser um livro do povo, escrito para o povo e talvez escrito por ele, pois direcionava-se intencionalmente à análise da estrutura social do povo, um esforço para “desindividualizar” as situações, as coisas e as pessoas para evocar a multidão. Para evocá-la, tomou por porta-voz, personagens incertos de sua própria identidade e de seu destino, aparecendo senão para desaparecer nas profundezas da sociedade que o atira para o abismo. Assim, seu Jean Valjean testemunha para a humanidade inteira, de modo análogo ao que faz Michelet com os vários tipos que analisa, partindo sempre do individual, de situações particulares, para desembocar em situações mais abrangentes do complexo social. Mas esse recurso, segundo o qual o homem é maior que o povo não traz à tona a perspectiva psicológica tradicional individualizada, pois a profundidade com que se pretende analisar a sociedade só pode ser encontrada no povo, nas massas, portadora de um calor vital e de virtudes de sacrifício e regeneração. Há, nesse particular, uma aproximação entre o literato e o historiador que pretendiam com suas obras, contribuir para a harmonia social.

Para flagrar essa “ação recíproca” entre indivíduo e a coletividade que movimenta a história em todos os seus processos, tomamos um artigo intitulado “La nation et le

¹⁷ A esse respeito, ver: “AU FOND DES CHOSES – Autour de Victor Hugo: figures de l’homme d’en bas” in: MACHEREY, P. *A quoi pense la littérature? Exercices de philosophie littéraire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.

peuple chez Michelet"¹⁸, em que Isabelle Garo atribui a Michelet o título de "historiador filósofo", com princípios universalizantes e com vocação para a defesa da harmonia social, por vezes identificada como uma concepção geral da História, ao mesmo tempo uma filosofia da natureza e uma teoria do homem; enfim, um projeto social, tanto quanto uma reflexão sobre o método histórico.

Michelet é um pensador da unidade, o teórico de uma visão histórica ao mesmo tempo tortuosa e orientada de uma humanidade diversa, mas construindo sem prejuízo da universalidade e de liberdade e que deve finalmente realizar sua vocação, a harmonia social. A esse respeito, pode-se entrever nele uma filosofia da História, muito próxima do argumento de Macherey a respeito da filosofia literária a partir do fim do século XVIII.

O engajamento histórico, o movimento da escritura, a reivindicação política que lhe confere originalidade, sem jamais conduzir aos princípios ou às leis históricas simples, aos quais Michelet sempre combateu, como por exemplo, o fatalismo cristão, reducionista. A História é princípio e legenda, ação e narrativa, cujo único autor capaz de afirmar a ligação e de apresentar a identidade. A teorização é um dos momentos do desenvolvimento de um pensamento profuso e múltiplo que só faz reunir para melhor se ramificar e diversificar; não uma doutrina, mas um impulso que estrutura a obra a partir do índice inacessível de intuições, que são, indissociavelmente, políticas, estéticas, emotivas, filosóficas, religiosas, históricas.

Pode-se, entretanto, qualificar de dialético tal impulso, esse movimento de pesquisa contínua, na medida em que Michelet cria pólos conceituais que organizam toda a sua pesquisa e que o situa bem na vizinhança imediata dos filósofos da História: *fatalismo e liberdade, natureza e História, indivíduo e povo, instinto e ciência, vida e maquinismo*, etc. Essas noções duplas não têm por função resumir sua teoria da História

¹⁸ GARO, Isabelle. "La nation et le peuple chez Michelet" in: *Revue littéraire Europe*. 76^e année,

mas de criar a tensão que alimenta seu dinamismo e que conduz a um estudo tão preciso quanto possível dos fatos. A contradição não é a força motriz de Michelet: ela é uma oscilação objetiva da História humana entre os princípios antagonistas que lhe são inerentes, finalizados ao mesmo tempo, mas imprevisíveis em suas seqüências de detalhes. Ela é tanto um instrumento de análise e de explicação, que sintetiza num instante a multiplicidade dos fatos na unidade viva que eles contêm. Desse ponto de vista, é surpreendente notar que quando Michelet emprega o termo dialética, é para reunificar seus dois sentidos, e ele faz designar ao mesmo tempo o devir do mundo e os procedimentos de sua exposição. Para Michelet, os princípios são ao mesmo tempo elementos objetivos da História e instrumentos de sua apresentação, as condições de sua inteligibilidade sempre a completar e as regras de uma retórica que dão a entender a unidade entre o pensamento e o ato. O expediente de tornar situações individualizadas, como as que são apresentadas em *Le Peuple*, com os vários tipos analisados, são essenciais para dar a dimensão do todo, da sociedade e do povo em especial.

A unidade da História como processo real e da História como apresentação se realiza dentro do historiador. O método será, portanto, subjetivo e buscou sempre uma empatia. Michelet se declara na onda inesgotável de uma escritura que mistura vivos e mortos, minúcia arquivista e paixão profética, entusiasmo popular e discurso científico, concepções universais e emoções íntimas, como ele próprio o declara: "(...)minhas paixões individuais se transformam em generalidades ou minhas generalidades se convertem em paixões, em que meus povos passam a ser eu mesmo, em que meu eu volta a animar os povos".¹⁹

A dialética de Michelet traduz-se por um estilo que unifica o pensamento e a intuição do movimento sem fim de uma narrativa ofegante, que funde o historiador e

seu objeto: se uma filosofia da História em resultado, ela é inseparável da individualidade atormentada e onipresente de seu autor, ela é uma psicologia do indivíduo de incomum habilidade de iluminar todos os lugares e todos os tempos.

Centralizando a pesquisa sobre a questão do povo e da nação, percebe-se que Michelet elabora bem uma teoria da Nouvelle Histoire²⁰, em seu método como em seus objetivos, e que apresenta uma inclinação filosófica explícita, sem jamais se constituir, portanto, em sistema acabado ou mesmo simplesmente coerente. O tema da nação francesa parece bem ser com efeito uma das forças ativas da elaboração de sua obra, fazendo entrelaçar todas as dimensões de sua tentativa e dando ao nacionalismo sua forte identidade.

As noções de povo e de nação são definidas com uma concepção da natureza e uma teoria do gênio: a França é uma pessoa e sua identidade resulta da "fusão íntima das raças", podendo surgir seu gênio "democrático" ou "social". A França não terminou de avançar nisso; ela sintetiza, assimila, reúne, sem nada negligenciar.

Le Peuple, publicado em 1846 e que reúne impressões de sensibilidade sobre as várias classes e ofícios, suas agruras, suas qualidades. Muito criticada, a obra ontem e hoje, ora por seu caráter de manifesto, ora por ser muito pouco histórico, dado que se dedica às impressões de seus contemporâneos. Sua importância é hoje reconhecida, a nosso ver, pelo conceito de "epistême", tal como Foucault o introduziu em *As palavras e as coisas*²¹, num movimento de forma histórica do saber, que lança mão de uma série

¹⁹ *Op. cit.*, p. XI, no original: "(...) mes passions individuelles, tournent en généralités, où mes généralités deviennent passions, où mes peuples se font moi, où mon moi retourne aimer les peuples", *op. cit.*, p. 8.

²⁰ Para investigar sobre a Nouvelle Histoire ver: LE GOFF, Jacques. *História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990; primeira edição original: LE GOFF, Jacques. *La Nouvelle Histoire*. RETZ CEPL, Paris, 1978.

²¹ FOUCAULT, M. *As palavras e as Coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

de significações e representações, de acordo com as visões de mundo que, naturalmente, compõem o "real vivido".

Aprendemos com Roland Barthes que o movimento da escritura nunca é desprovido de sentido e significações que o possa tomar como um instrumento apenas, mas, ao contrário, é justamente por ser portador de um sentido que a construção histórica, que se constitui em Michelet de um conjunto de representações próprias da Literatura são a essência de sua obra, há inclusive um interessante paralelo entre homem e natureza, sentimentos e ideologias, uma aguçada sensibilidade literária que ora leva o historiador Michelet a se aproximar do naturalista, ora o faz revestir seu discurso da autoridade do cientista social que faz parte da academia. Nesse sentido, temos uma imbricação entre o fazer literário e os expedientes próprios do discurso científico, histórico.

Esse "movimento da escritura" em Michelet traz uma tríade composta por atributos que o autorizam a falar do povo, mais que qualquer outro: a identidade – a relação entre conhecimento e sentimento; a memória – isto é, a experiência como atributo de verdade; a observação – a necessidade de criar e recriar o real-vivido por meio de expedientes literários. A identificação, nesse sentido, como sugeriu Andrade, torna sua História um caso pessoal. Nosso trabalho se organizará nesses termos, tendo para cada elemento um capítulo correspondente.

Capítulo 2 – *A construção da identidade – entre conhecimentos e afetos*

Nossa intenção, neste capítulo, é detectar algumas palavras e expressões que constituem a linguagem imagética utilizada por Michelet e que pretendemos associar à idéia de uma relação entre “afeto” e “conhecimento”. Sua apreciação da realidade contemporânea é norteadada por uma série de imagens concernentes à profundidade, à interioridade; há, nesse sentido, uma simbiose entre conhecimento e profundidade, ou, dito de outro modo, há uma estreita relação entre o sentir e o conhecer.

“Esse livro é mais que um livro; sou eu mesmo”²², é com essa afirmativa que Michelet inicia seu *Le Peuple*, obra dedicada ao seu amigo Edgard Quinet, “livro testemunho”, denunciador das agruras da vida no século XIX. Nele, a História francesa, ou pelo menos a História da sociedade industrial francesa oitocentista é uma auto-representação, no sentido de que o conhecimento de uma determinada realidade remete a uma experiência pessoal, sem a qual nada é dado a conhecer.

A continuação da frase que citamos é:

“Sou eu e é você, meu amigo, ousei dizer. Conforme você observou com razão, nossos pensamentos, comunicados ou não, sempre estão de acordo. Vivemos o mesmo coração”²³.

Por suas raízes industriais e as de Quinet, militares, declara que ambos representam as duas faces modernas do Povo e seu recente advento, e que merece,

²²Edição brasileira, em português: MICHELET, Jules. *O povo*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 1. No original: “Ce livre est plus qu’un livre; c’est moi-même.”, edição francesa utilizada: MICHELET, Jules. *Le Peuple*. Paris: Flammarion, 1992, p. 1

²³*Op. cit.*, p. 1, no original: “C’est moi et c’est vous, mon ami, j’ose le dire. Vous l’avez remarqué avec raison, nos pensées, communiquées ou non, concordent toujours. Nous vivons du même cœur...”³, *op. cit.*, p. 57.

portanto, o reconhecimento como representante do homem moderno, apto, nesse sentido, a falar dele, ao que se segue o testemunho de fazer parte desse povo, sofrer com ele as vicissitudes que atingem os mais humildes. Natural, assim, a sua preocupação em relatar sua História, uma vez que compartilhou de suas desventuras e que necessita arduamente de recolocar a verdade em relação ao povo. Ao reconhecer-se como povo, Michelet ouviu os homens, passou a ouvi-los falar da própria sorte, recolher, como ele próprio escreveu, da própria boca do homem simples o que muitas vezes não pode ser encontrado na obra dos maiores escritores: “as palavras do bom senso”.

Essa filia com as classes humildes tem paralelo na sua própria História: Michelet nasce em 1798, portanto inserido na tradição da Revolução. Cresceu durante o período napoleônico e a restauração dos Bourbon; foi batizado na adolescência, quando se tornou católico; trabalhou inicialmente como preceptor da princesa de Parma nas Tulherias. Não obstante a sua pobreza, herança dos pais, sua família era da pequena burguesia culta – sabe-se que um de seus avôs fora organista da Catedral de Laon e seu pai, humilde impressor, completamente arruinado por Napoleão quando este reprimiu a imprensa. Antes mesmo de seu nascimento, a tipografia de seu pai sofrera uma devassa dos policiais à procura de textos jacobinos.

Ao completar dez anos, viu seu pai ser preso por não pagar suas dívidas. Em decorrência desse fato, o pai de Michelet teve lacrada a tipografia e o selo do prelo teve no pai do historiador francês um impacto profundo, ao ponto de incluir em seu testamento uma cláusula que desobrigava sua esposa de selar o caixão quando ele morresse.

“Triste época! Eram os derradeiros anos do Império; tudo parecia perecer ao mesmo tempo para mim, família, fortuna e pátria.”²⁴

²⁴ *Op. cit.*, p. 2, no original: “Triste époque! c’étaient les dernières années de l’Empire; tout semblait périr à la fois pour moi, la famille, la fortune et la patrie” , *op. cit.*, p. 58.

Michelet declarou sem titubear que tudo o que houvera conquistado, como pessoa e como profissional, deveria ser creditado às provações da juventude, pois foi a partir delas que ele guardou o “profundo sentimento do povo”, sua absoluta familiaridade ao referir-se a ele e, especialmente o sacrifício visto como virtude maior do ser humano, especialmente ligado às pessoas mais humildes.

Há nessa relação entre conhecimentos e afetos interessante paradoxo para um historiador que se vê obrigado a renegar um distanciamento em relação ao seu objeto de estudo, proposto posteriormente pelos metódicos. Referimo-nos aqui à escola histórica que mencionamos como “metódica” e que por vezes chamada “positivista” pouco apropriadamente, o período de sua aparição pode ser colocado durante o período da Terceira República na França, e seus princípios fundamentais, segundo Bourdê e Martin²⁵, estão expostos em dois textos-programas, um deles, o manifesto, escrito por G. Monod, para lançar *A Revista Histórica* em 1876, e o *Guia*, redigido por iniciativas dos estudantes por Langlois e Seignobos em 1898, documentos que, embora tenham sido redigidos posteriormente à obra de Michelet, são posicionamentos que lhe são contemporâneos.

A escola metódica quis impor ao estudo da História uma investigação científica que afastasse toda a especulação filosófica e cujo objetivo primário era a objetividade absoluta na historiografia. Esse objetivo seria alcançado por meio de técnicas rigorosas no que se refere ao inventário das fontes, à crítica dos documentos e à organização dos procedimentos e tarefas na profissão de historiador. Os historiadores metódicos participaram ainda da reforma do ensino superior, ocupando cátedras em novas universidades e criando novas e vastas coleções que serviram de base para a organização e formulação de manuais e programas destinados aos colégios secundários e escolas

²⁵ BOURDÊ, G. e MARTIN, H. *As Escolas Históricas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.

primárias. Esses manuais, notadamente, elogiavam o regime republicano, alimentavam a propaganda nacionalista e aprovavam o colonialismo; funda, portanto, uma disciplina científica e comporta um ambíguo discurso ideológico, simultaneamente. Essa tendência dominou o ensino e a pesquisa histórica na França até os anos 1940, e o resultado desse processo inscreveu-se na memória da coletividade francesa até os anos 1960, sob a forma de um quadro de heróis e acontecimentos exemplares que estão muito longe daquilo que pretendia Michelet, em meados do século XIX, com uma História mais próxima do povo, que levasse em conta os sentimentos e afetos, não apenas uma pretensa objetividade científica que, no caso da escola metódica, desembocaria numa defesa ardorosamente ideológica dos grandes feitos e grandes personagens da História, como arma política que distanciara a França da História de seu povo.

Ao vincular pensamento e coração, Michelet francês não expressa somente o apreço ao amigo Quinet, a quem dedica o prefácio de *Le Peuple*, mas sobretudo a idéia de que o conhecimento implica, inclusive, algo arraigado aos sentimentos humanos; “vivemos o mesmo coração”, o coração que bombeia e distribui o sangue pelo organismo, alimenta todo o complexo de que é feito o corpo humano; a parte central do indivíduo, que simboliza toda a rede de afetos, aflições, sentimentos e emoções humanas, daí por que nos referimos a ele como a parte central, o mais importante, e um sem número de expressões como o “coração nas mãos”, “bom coração”, “coração apertado”, “cortar o coração”, etc.

Não há aqui a oposição clássica entre os sentimentos e o mundo da natureza, da anatomia, isto é, entre as contrações desse músculo que por meio dos ventrículos alimenta todo o corpo de sangue e toda a carga simbólica que atribuímos a ele a respeito das emoções humanas. O mesmo se aplica à noção de territorialidade, quando

pretendemos falar da parte mais importante, como “o coração da cidade”, para designar o elemento pulsante, vivo, o ritmo vertiginoso das metrópoles, por exemplo.

A mesma rede de conexões que esse órgão vital estabelece com o corpo, fazendo fluir o sangue (outro elemento crucial na obra de Michelet), deve ser atribuída ao conhecimento. Seguindo essa lógica, ele também tem seus veios que precisam ser articulados, alimentados de calor vital, é preciso “corar”, tornar vermelho, pleno de sangue que faz vicejar. Por decorrência, a imagem do coração emoldura de sinceridade, verdade aquilo que pode ser dito, e é nesse sentido que Michelet o emprega, a sinceridade historiográfica não pode prescindir desse sentimento, no qual o indivíduo e seus sentimentos se confundem com o objeto de estudo, ou dito de outro modo, é preciso que seu conhecimento brote a partir da seiva fornecida pelo coração.

Na primeira página do prefácio, Michelet já recorre a uma imagem com a qual deseja expressar a origem de seu trabalho:

“Toda a variedade de nossos trabalhos germinou de uma mesma raiz viva: o sentimento de França e a idéia de Pátria.

Receba-o então, porque ele é você, porque ele sou eu”²⁶.

O verbo “germinar”, aqui, toma todo o sentido de ter desenvolvimento, de difundir-se, revelar-se, enfim. Para Michelet, o conhecimento sempre é gerado interiormente, isto é, não pode ser completamente autônomo, parte sempre do indivíduo, de suas experiências e da sua identidade. Nesse sentido, “raiz” simboliza exemplarmente o conhecimento como algo profundo, oculto, que pode ser trazido à tona, que pode assim “germinar”. A raiz que engendra essa noção de profundidade

²⁶*Op. cit.*, p. 2; no original.: “Toute la variété de nos travaux a germé d’une même racine vivante: Le sentiment de la France et l’idée de la Patrie.

Recevez-le donc, ce livre du Peuple, parce qu’il est vous, parce qu’il est moi”, *op. cit.*, p. 57.

ancora o conhecimento em algo que se apresenta com consistência, solidez, que é a terra, é como se o conhecimento formal só pudesse ser levado à tona depois de colher todo o substrato de nutrientes de que é feita a realidade.

Outras acepções e imagens podem ser associadas à “raiz”, como por exemplo, a idéia de algo oculto, profundo ou escondido, assim o conhecimento é apresentado como secreto, ou ainda outras imagens ligadas à questão da anatomia, a parte inferior de qualquer órgão ou tecido. Seja como for, todas elas sugerem princípio, origem, germe, mas também liame, vínculo e ligação com o devir. Curiosamente, esse princípio definidor de sua noção de conhecimento, se aplica à História tal como nós mencionamos as “raízes históricas” para nos referirmos às origens de um processo histórico.

Do mesmo modo, Michelet refere-se a sua História pessoal e em tom de testemunho, conta à Quinet, no prefácio de *Le Peuple*, a História de sua própria família, mesmo antes de analisar as Histórias dos operários das fábricas, uma das tarefas a que se propõe. Porém, ao falar da História da própria família, em certo sentido, ele também está retratando os processos que coligiu ao longo de sua investigação nas fábricas.

Desse modo, faz da sua História e da História de sua família um mote para falar da História da França e mesmo confundir-se com ela. Sua História é apresentada tão grandiosa quanto o são os grandes processos históricos e tudo nela aparece como excesso, algo gigantesco e teatral. Como por exemplo menciona os sacrifícios “heróicos” que sua família fez para que ele avançasse e, ao falar disso, Michelet demonstra que as longas conversas com o amigo Quinet nunca abordaram o essencial, o cerne de sua vida e o de sua obra:

“(...)Você ainda não o sabe; o mais das vezes conversamos sobre assuntos filosóficos ou políticos, não chegando aos detalhes pessoais. Cedo a essa tentação. É uma rara ocasião de reconhecer os sacrifícios perseverantes,

heróicos que minha família fez por mim e de agradecer a meus parentes, pessoas modestas, algumas das quais envolveram em obscuridade seus dons superiores, e só quiseram viver em mim.”²⁷

Assim ele declara sua filiação às duas famílias de que procede, uma da Picardia e outra das Ardenas, ambas originariamente famílias de camponeses que combinavam aos trabalhos da terra uma certa indústria. Exalta o sacrifício – sempre visto como virtude incontestável – de boa parte dos irmãos de seu pai que não se casaram para facilitar a educação de alguns meninos que iam para a escola, primeiro sacrifício que Michelet nota. Menciona ainda, na família materna, em especial, as irmãs, notáveis pela virtude da economia, a seriedade, a austeridade, segundo Michelet, voluntárias e humildes servas dos senhores seus irmãos, sempre com o fito de prover as despesas, desse modo “enterravam-se na aldeia”.

Michelet nota que essas senhoras, muitas sem cultura e na solidão da orla dos bosques, apresentavam sempre grande finura de espírito, e ouvia com prazer as Histórias contadas com clareza de espírito e raciocínio. Alerta que também havia em sua família padres, mundanos e fanáticos, mas que estes não predominavam; conta-nos com orgulho uma das Histórias que ouvira de suas judiciosas tias, segundo a qual um dos seus tios-avós fora queimado vivo por ter escrito certo livro.

O avô paterno de Michelet era um professor de música em Laon, que reuniu suas economias depois do Terror, e reuniu-se com seu filho, pai de Michelet, que era funcionário de uma tipografia que produzia *assignats*. Confiou tudo o que tinha numa tipografia para ajudar o filho, enquanto outros nem se casaram para favorecer o

²⁷ *Op. cit.*, p. 10; no original: “(...) Vous ne la savez pas encore; nous causons plus souvent de matières philosophiques ou politiques, que de détails personnels. Je cède à cette tentation. C’est pour moi une rare occasion de reconnaître les sacrifices persévérants, héroïques, que ma famille m’a faits, et de remercier mes parents, gens modestes, dont quelques-uns ont enfoui dans l’obscurité des dons supérieurs, et n’ont voulu vivre qu’en moi.”, *op. cit.*, p. 64.

negócio, mais um sacrifício mencionado por Michelet; seu pai, agora proprietário de uma tipografia, casou-se e viu seu empreendimento prosperar, oxigenado pelas assembléias e notícias dos exércitos. Entretanto, logo se seguiu uma supressão dos jornais, cabendo ao pai de Michelet apenas a impressão de um jornal eclesiástico, como já mencionamos.

Essa supressão reduziu os impressores para sessenta, os grandes foram preservados e os pequenos suprimidos; mesmo recebendo boa indenização, isso não foi suficiente para deter a derrocada da família Michelet, que fora obrigada a imprimir para os credores algumas obras pertencentes ao pai de Michelet como forma de pagamento das dívidas.

Jules Michelet juntava tipos para a impressão e como as obras que restavam para ser impressas se caracterizavam pela futilidade, eram, segundo o historiador, livros de humor leve, jogos, divertimentos de salão, charadas e acrósticos –, enfim, nada que pudesse alimentar o espírito do jovem compositor de tipos e futuro historiador Michelet. Entretanto, foi exatamente a secura dessa atividade tediosa e o vazio dessas produções tão pobres de espírito que possibilitavam ao jovem Michelet divagar e fomentar sua imaginação:

“Quanto mais meus romances pessoais se animavam em meu espírito, mais rápida era minha mão, mais depressa o tipo era encontrado... Compreendi então que os trabalhos manuais que não exigem nem extrema delicadeza nem grande força física não constituem de forma alguma entraves à imaginação. Conheci várias mulheres distintas que declararam só conseguir pensar e conversar bem enquanto teciam.”²⁸

²⁸ *Op. cit.*, p. 12; no original.: “Plus mes romans personnels s’animaient dans mon esprit, plus ma main était rapide, plus la lettre se levait vite... J’ai compris dès lors que les travaux manuels qui n’exigent ni délicatesse extrême, ni grand emploi de la force, ne sont nullement des entraves pour l’imagination.”, *op. cit.*, p. 66.

Malgrado a sua pobreza, como ele afirmou, nascera "como uma erva sem sol entre duas pedras de calçada de Paris". O afeto empenhado por seus familiares alimentavam seu espírito, prenunciando seu ideal de regeneração de que o próprio povo francês, segundo ele, seria capaz. Apesar da dureza de seu trabalho de operário, teve ele compensações: a bondade dos pais e sua fé em seu futuro. Afora as exigências do trabalho, Michelet dispunha de uma excelente independência, era aprendiz, mas sem contato com a grosseria dos mestres que caracterizavam o trabalho nas fábricas, por exemplo. Antes do trabalho, passava na casa de um velho gramático que lhe passava algumas linhas de tarefa por dia, aprendera com ele que a quantidade das tarefas escolares é o que menos importa, pois as crianças só apreendem um pouco de cada vez, como os vasos de boca estreita, em que se despejando muito ou pouco, só recebem um pouco de cada vez.

A grande redentora desse quadro humilde, e por vezes trágico, foi a fé de sua família, pois se os pais, obedecendo à razão, tivessem feito dele um operário nas fábricas e com isso talvez salvassem a família, arruinariam seu gênio? Para Michelet a resposta é negativa, pois ressalva que se os operários não possuem o mérito, sobram-lhes, contudo, o espírito e o caráter:

"(...) vejo entre os operários homens de grande mérito, que pelo espírito espírito valem bem os homens de letras, e pelo caráter muito mais..."²⁹

Quando Michelet, já na escola, toma contato com outros estudantes, toma a consciência de que é pobre, nunca sentira até esse momento qualquer sentimento de inveja. Apesar dos sofrimentos da pobreza, era rico de infância, gozava da liberdade

²⁹ *Op. cit.*, p. 16 ; no original: "(...) je vois parmi les ouvriers des hommes de grand mérite, qui pour l'esprit valent bien les gens de lettres, et mieux pour le caractère...", *op. cit.*, p. 69.

concedida pelo pai e nutria-se de imaginação e sentimento, na época da infância recheada de trabalho manual, latim e amizade. Quando teve que se matricular numa escola, o contato com os outros estudantes na terceira série do Colégio Carlos Magno trouxe a consciência da pobreza, as zombarias dos colegas quanto ao seu traje e outras coisas o levaram a uma misantropia que o fez refugiar-se nos livros, sempre acompanhado de um canto de Virgílio, um livro de Horácio.

Passava o tempo decorando seus versos, ainda supondo maus todos os ricos e, apesar disso, Michelet declarara não ter inveja de ninguém e seus estudos progrediam depressa. Num desses dias frios, em meio a sua desgraça, seus colegas, rindo dele como de costume, sem saber sequer se teria pão à noite, sentiu uma mescla de esperança religiosa, um sentimento estóico e que ele relata em *Le Peuple*, com entusiasmo a oportunidade em que suas mãos enregeladas esmurram uma mesa de carvalho, sentindo uma alegria que expressava a virilidade da juventude e a esperança no futuro.

Lembrou-se desse fato trinta anos depois, num dia semelhante, em que a neve cobria tudo: Michelet, aquecido e já estabelecido, deu-se conta, com tristeza, de que outros passavam fome e frio. Adveio-lhe desse fato um sentimento de culpa e, ao mesmo tempo, de cumplicidade e o desejo de poder fazer algo, que ele expressou em *Le Peuple*.

"Então, observando a mão que desde 1813 guarda o sinal do frio, disse para me consolar: 'Se você trabalhasse com o povo, não trabalharia para ele... Portanto, se você der à pátria sua História, eu o absolverei de ser feliz.'"³⁰

³⁰ *Op. cit.*, p. 17 ; no original: "Alors, regardant celle de mes mains qui depuis 1813 a gardé la trace du froid, je me dis pour me consoler: "Si tu travaillais avec le peuple, tu ne travaillerais pas pour lui... Va donc, si tu donnes à la patrie son histoire, je t'absoudrai d'être heureux", *op. cit.*, p. 70.

Findos seus estudos, Michelet declarou não querer viver do que escrevia, por isso escolheu a docência, que seus estudos facilitavam. Em 1821, por concurso, torna-se professor de um colégio; depois, em 1827 tornou-se professor da Escola Normal, que deixaria a contragosto em 1837, quando predominou nela a influência eclética. Posteriormente, foi igualmente eleito para o Instituto e o Collège de France, cátedra que ocupou durante a confecção de *Le Peuple*. Importante nesse fato, para o nosso trabalho, é que a partir da docência que Michelet pôde estabelecer contato maior com a sociedade dos homens, seus alunos alimentaram sua obra ao mesmo tempo em que suas privações da juventude alimentara seu espírito. Sua atividade como professor libertara-o da misantropia dos primeiros anos da escola, havia mencionado que nascera como uma erva entre duas pedras da calçada de Paris, mas essa erva conservou sua seiva, isto é, sua identificação total com o povo do qual fez e faz parte e declara o favor grandioso que sua atividade como docente e seus alunos prestaram.

“Sem saber, prestaram-me um serviço imenso. Se, como historiador, eu tivesse um mérito especial que me colocasse ao lado de meus ilustres predecessores, eu o deveria ao ensino, que para mim foi a amizade. Esses grandes historiadores foram brilhantes, judiciosos, profundos. Mas eu amei mais.”³¹

Também atesta Michelet que ele teria sofrido mais sem, contudo, deixar de ser povo e mais difícil que isso seria subir, permanecendo o mesmo, sem esquecer suas origens, seu passado. Michelet ressalta ainda que os defeitos dos trabalhadores estão em seus livros que, no entanto, não possuem suas qualidades. Assim, em Michelet sempre é

³¹ *Op. cit.*, p.19 ; no original: “ils m’ont rendu, sans le savoir, un service immense. Si j’avais, comme historien, un mérite spécial qui me soutînt à cotê de mes illustres prédecesseurs, je le

necessário colher a seiva do povo, que trará a arte e o conhecimento a um novo grau de rejuvenescimento e vida, pois consulta menos a sua força e mais o seu coração. Para tanto, reivindicou para a sua História um nome que ninguém havia dado.

Se para Thierry ela foi uma *narração* e para Guizot uma *análise*, para Michelet ela teria o nome de *ressurreição*. Ele próprio se questiona sobre as razões de outorgar-se o porta-voz desse povo de que tanto fala e até critica seus próprios livros por não comportarem de forma mais honesta o espírito do povo ou suas qualidades, como afirmamos anteriormente, e, talvez, ironicamente, enumera algumas razões: “um interesse?”

Responde ter vários, mas alerta que perdera inúmeros amigos com a publicação de *Le Peuple*, deixara, inclusive, uma posição tranqüila, consagrada para se lançar ao estudo do povo. “Para ingressar na vida pública?”. Alega não ter nem a santidade nem o talento para fazê-lo. “Então por quê...?” Seu veredicto enaltece seu envolvimento com o povo, sua filia com os excluídos e o desejo de combater o deplorável divórcio que se pretende produzir entre as classes, entre os homens, uma vez que Michelet os comporta em seu interior.

“Falo porque ninguémalaria em meu lugar. Não que não haja uma multidão de homens capazes de fazê-lo; mas todos estão exasperados, odeiam. Quanto a mim, ainda amava... Talvez também soubesse melhor os precedentes da França; vivia de sua grande vida eterna e não da situação. Estava mais vivo de simpatias, mais morto de interesses; abordava as questões com o desinteresse dos mortos.”³²

devrais à l'enseignement, qui pour moi fut l'amitié. Ces grands historiens ont été brillants, judicieux, profonds. Moi, j'ai aimé davantage.”, *op. cit.*, p. 71.

³² *Op. cit.*, p. 21; no original: “Je parle, parce que personne ne parlerait à ma place. Non qu'il y ait une foule d'hommes plus capables de le faire, mais tous sont aigris, tous haïssent. Moi, j'aimais encore... Peut-être aussi savais-je mieux les précédents de la France ; je vivais de sa grande vie

Ao colocar-se como porta-voz, quase que de forma messiânica, do povo e dos humildes, ao final do prefácio de *Le Peuple*, Michelet chama a atenção para a necessidade do entendimento, a paz entre os homens e entre as classes, e conclama a população à unidade: "Um povo! Uma pátria! Uma França!". O "sentimento da França e a idéia de pátria" alardeados por Michelet sempre reforçam a noção de um conhecimento atrelado à afetividade, à interioridade e à profundidade, uma disposição afetiva e sensível em relação a coisas de ordem moral ou intelectual, um sentimento quase religioso, evocatório e entusiástico, como a idéia de pátria, palavra que freqüentemente utilizamos para nos referimos evidentemente ao país onde nascemos, nosso torrão natal, nossa terra, aldeia natal, mas também à terra dos pais.

A pátria nos une por um sentimento de filiação sentimental e também objetivo, marca o lugar em que nascemos, tal como é muito comum nos referirmos a ela como o "berço", daí, por decorrência, patriota é aquele que ama a pátria, conhece-a porque lhe tem amor, compartilha do mesmo coração. É nesse sentido que Michelet menciona o sentimento da França e a idéia de pátria; por oposição, desconhecer o sentimento da França, a idéia de pátria ou o sentimento do povo significa não ter afeto pela terra e pelos homens, o (des) conhecimento implica um (des) afeto, como o misantropo não se filia porque é incapaz de gostar, assim como é incapaz de conhecer:

éternelle, et non de la situation, j'étais plus vivant de sympathies, plus mort d'intérêts ; j'arrivais aux questions avec le désintéressement des morts", *op. cit.*, p. 73.

"Este livro eu o fiz de mim mesmo, de minha vida e de meu coração. Brotou de minha experiência, muito mais que de meu estudo"³³

Michelet reforça a idéia de que a sua experiência contribuiu mais à obra que acaba de escrever que a sua formação acadêmica. O verbo brotar aqui empregado denota uma origem que vem do interior daquele que fala, isto é, algo que procede intimamente do autor, de maneira inevitável, o pensamento irrompe tal como a flor que desabrocha, rebentando o botão que o enclausura. Mas há aqui uma diferença, esse jorrar de experiência que propõe o autor é inevitável, especialmente por ser consciente, ele o deseja.

No mesmo parágrafo, ele o atesta: "o acaso gosta de servir àquele que persegue sempre um mesmo pensamento"³⁴, desse modo há uma convergência entre pensamento e urgência para transmiti-lo, uma organicidade entre o acadêmico e o instintivo, conhecimento formal, exterior, em uma palavra, a ciência, e o muitas vezes referendado instinto, sentimento vivo que complementa o conhecimento sistematizado. Logo à frente, Michelet atribui o melhor de sua obra ao conhecimento do povo, com base nas privações de infância:

"Tudo o que tenho de melhor, sem dúvida nenhuma, devo a essas provações; a elas deve ser creditado o pouco que vale o homem e o historiador. Delas guardei sobretudo um profundo sentimento do povo, o pleno sentimento

³³ *Op. cit.*, p. 2; no original: "Ce livre, je l'ai fait de moi-même, de ma vie, et de mon coeur. Il est sorti de mon expérience, bien plus que de mon étude.", *op. cit.*, p. 57.

³⁴ *Op. cit.*, p. 2; no original: "le hasard aime à servir celui qui suit toujours une même pensée.", *op. cit.*, p. 58.

do tesouro que existe nele: a *virtude do sacrifício*, a terna lembrança das almas de ouro que conheci nas mais humildes condições”⁵⁵

Novamente aqui, para Michelet só é possível ser conhecedor da vida social se compartilha da vida do povo, se compartilha de seu sofrimento, enfim, se conhecemos a realidade dura do viver sem posses, em meio à desesperança. Entretanto, esse despojo é virtude em Michelet, o sacrifício, tema recorrente em *Le Peuple*, é sempre visto como positivo, algo capaz de dotar o homem de um conhecimento acerca do povo que nenhuma ciência social poderia proporcionar.

Em outro momento, Michelet lembra que o fato de se referir ao seu tempo não exclui a consciência de que é preciso interpelar o passado, suas “origens”, seu processo histórico; assim, a visão nua e crua do presente não pode e não deve ser suficiente para o entendimento da época da qual se fala:

“Quem se atém ao presente, ao atual, não compreende o atual. Quem se contenta em ver o exterior, em pintar a forma, não poderá sequer vê-la: para vê-la com exatidão, para traduzi-la fielmente, é preciso saber o que ela encobre; não há pintura sem anatomia”⁵⁶

Anatomia, cuja acepção mais imediata e também mais significativa é o estudo científico, a dissecação ou outros métodos de estudo de órgãos de um ser vivo,

⁵⁵ *Op. cit.*, p. 2-3, no original: “Ce que j’ai de meilleur, sans nul doute, je le dois à ces épreuves; le peu que vaut l’homme et l’historien, il faut le leur rapporter. J’en ai gardé surtout un sentiment profond du peuple, la pleine connaissance du trésor qui est en lui: la vertu du sacrifice, le tendre ressouvenir des âmes d’or que j’ai connues dans les plus humbles conditions.”, *op. cit.*, p. 58.

⁵⁶ *Op. cit.*, p. 9; no original: “Celui qui veut s’en tenir au présent, à l’actuel, ne comprendra pas l’actuel. Celui que se contente de voir l’extérieur, de peindre la forme, ne saura pas même la voir.

pressupõe uma análise minuciosa, um estudo rigoroso das formas e dos tecidos em profundidade. A oposição proposta por Michelet entre a pintura e a anatomia denota a preocupação de que o estudo de uma dada realidade só pode ser confiável se temos, por um lado, o conhecimento das coisas como elas são dadas à primeira vista segundo a sua forma e seu exterior, a pintura como ele escreve (é preciso lembrar que a idéia de forma também remissiva à anatomia), mas também um conhecimento profundo, que escave para além da superfície, os mistérios e razões ocultas, do mesmo modo que quem vê o mar, as ondas e tempestades não visualiza, à primeira vista, os mistérios que ele encerra. Daí talvez por que ele não confia tão somente nos documentos oficiais, naqueles em que as estatísticas pretendem ser a realidade expressa, quando em realidade são apenas “quadros” sugestivos, pinturas sem anatomia.

Michelet condiciona o entendimento da contemporaneidade à recuperação atenta do processo histórico que o originou; mais que isso, revela a precariedade dos estudos que levam em conta apenas a questão econômica, material. A organicidade de sua obra é flagrante, como se outorgasse o direito de ser o portador das vozes do povo, a legitimidade que ele apresenta é a de quem sendo povo, pode conjecturar sobre ele, pode falar dos seus sentimentos, sentimentos aliás que ele espera que concorram para o ideal de Democracia, sua “religião”. Nesse sentido, sua vivência atua como autorização que o impele a falar sobre o povo do qual faria parte.

Ainda sobre a declaração de Michelet sobre guardar “um profundo sentimento do povo, o pleno conhecimento do tesouro que existe nele: *a virtude do sacrifício*”³⁷. Para ele, nunca é suficiente o conhecimento estatístico formal, econômico; o dado

pour la voir avec justesse, pour la traduire fidèlement, il faut savoir ce qu'elle couvre; nulle peinture sans anatomie”, *op. cit.*, p. 63.

³⁷ *Op. cit.*, p. 3; no original: “(...) un sentiment profond du peuple, la pleine connaissance du trésor qui est en lui: *la vertu du sacrifice* (...)”, *op. cit.*, p. 58.

social só pode ser apreendido em toda a sua complexidade se não indagarmos também sobre os sentimentos do povo.

Nesse momento, a questão da profundidade requer uma discussão: o conceito aqui sugere ir além daquilo que é aparente, é preciso portanto, buscar o âmago das coisas, daquilo que ficou oculto, escondido por uma série de fatores, entre os quais o desprezo dos intelectuais sugere um olhar que leve em conta todas as perspectivas em sua intimidade, aquilo que é mais difícil de ser atingido, como se para atingir a "alma", o "coração" de um processo histórico, precisaríamos buscar o fundo oculto de seus sentimentos, tal como no campo da ciência que trata da origem e da História geográfica do planeta. Os cientistas vão buscar sua chave entre as suturas submersas do velho continente da Pangéia, pois é lá no "fundo", no "interior" do mar que se pode alinhar o encadeamento de fenômenos que nos trazem o mínimo de conhecimento a esse respeito.

Não obstante, a idéia de profundidade não se encerra apenas no conceito de algo escondido, mas também de algo grave, crucial, isto é, não é apenas o dado oculto, íntimo ou entranhado, mas também o mais importante. Tal como um tesouro no fundo do mar, a questão da profundidade também tem seu paralelo com o conhecimento mais importante das coisas e podemos lembrar que o verbo aprofundar, para esse fim, tem a acepção de tornar sério, aprofundar-se de determinado conhecimento, atividade que revela toda a sagacidade ou agudeza de Michelet em perscrutar o sentimento do povo:

"Então fechei os livros e voltei ao seio do povo tanto quanto me era possível; o escritor solitário mergulhou de novo na multidão, ouviu-lhe os rumores, observou-lhe as vozes..."³⁸.

³⁸ *Op. Cit.*, p. 3; no original: "Alors, j'ai fermé les livres, et je me suis replacé dans le peuple autant qu'il m'était possible; l'écrivain solitaire s'est replongé dans la foule, il en a écouté les bruits, noté les voix..." *op. cit.*, p. 58.

O seio do povo de que fala Michelet é o seio coronário, é preciso, portanto, mergulhar na intimidade viva desse povo para conhecê-lo, aprofundar-se nele, navegando pelo extrato social, tendo por impulso os alísios de que é feito o conhecimento. Interessante nessa passagem é que Michelet parece refutar o conhecimento formal, exterior, acadêmico e institucional, representado na forma do livro, expressão máxima do conhecimento sistematizado e aclamado na academia.

O que ele propõe, em certo sentido, é a fuga dessa filiação, a qual ele não pode negar inteiramente, visto que faz parte da academia, mas revela a necessidade de sair dos códigos sistematizados do conhecimento formal e ir ao encontro do povo ou da História.

Ao discutir a relação entre "conhecimentos" e "afetos" na obra de Michelet, buscamos no itinerário de Paul Benichou uma análise das inquietudes que moveram boa parte dos escritores tidos como românticos, tradição com a qual Michelet não se identifica e que talvez seja lícito inseri-lo no que vamos chamar de historiografia romântica.

Benichou, em seu *Le temps des prophètes*³⁹, propõe percorrer e discutir a inquietude dos grandes escritores românticos em acreditar nos progressos da sociedade moderna. Identifica, além de uma Literatura de criação, uma *Literatura de doutrina*, tradição de que Michelet faria parte. Demonstra a contribuição do liberalismo, segundo o qual o exercício do pensamento moderno compreende o princípio da liberdade de pensamento e dignificação do indivíduo, princípios notadamente contrários às doutrinas dogmáticas, como o catolicismo tradicional e a nova utopia cientificista. O liberalismo, nesse sentido, seria uma intervenção livre do valor humano para as causas e os fins do progresso. Ainda que devamos compreender o quão conservadoras aos ideais

³⁹ BENICHOV, Paul. *Le temps des prophètes – Doctrines de l'âge romantique*. Paris: Gallimard, 1977.

revolucionários foram as teorias liberais que os alimentaram, referimo-nos ao liberalismo e à idéia de cidadania aplicada ao conceito de propriedade privada, por exemplo, que sugere a inserção de novos sujeitos sociais, desde que devidamente credenciados do ponto de vista do capital.

Em direção paralela, as utopias científicas procuraram ter uma visão que permitisse fazer algum prognóstico do devir, ignorando o homem e a sua História, o que a aproxima do cristianismo tradicional que limita, por assim dizer, o devir humano a partir de seus dogmas. Segundo Benichou, o *humanitarismo* da idade romântica “resolve” os impasses entre o cristianismo (mesmo o neo-catolicismo) e as utopias científicas. Na poesia e na arte, e na História, a busca pela liberdade vai caracterizar esse momento “moderno” no século XIX.

Benichou considera Michelet o mais ilustre doutrinário do humanitarismo do século XIX. Nossos contemporâneos descobriram em Michelet, por trás de seu discurso, uma riqueza de temas “sensoriais” e “afetivos” que contrariam algumas vezes as convenções do gosto e decência ordinária, que destoam da insipidez do chamado humanitarismo romântico. É preciso, então, mencionar as distinções do modelo micheletiano.

Citando Barthes, Benichou declara que os temas “obsessivos” de Michelet tratam por vezes de qualidades físicas dos objetos e dos corpos, sensações e efeitos que remetem à existência instintiva em geral, compondo, assim, Michelet um universo que se julga mais original que seu pensamento. A ideologia de Michelet se conecta com seu cotidiano, sua vivência e seu passado humilde. Assim, a historicização de temas como nação, massa, povo, etc., isto é, a elevação desses temas “esquecidos” ou obliterados pelas questões “importantes” à dignidade histórica, ao status de objeto científico são sintomáticos de uma identificação afetiva com o povo, com as classes baixas.

Exemplo dessa identificação em Michelet foi um sem-número de viagens dedicadas a conhecer melhor o mundo do trabalho, uma vez que para conhecer os trabalhadores, além de interrogar as lembranças, era preciso conviver com eles. Ao retornar a Paris, depois de Rouen e decidido a começar a redigir *Le Peuple*, Michelet revela a dificuldade de sua tarefa em carta dirigida a seu filho Charles, datada de 8 de setembro de 1845, expondo metaforicamente os infortúnios de lançar-se a uma abordagem nova, como a que pretende ao falar da vida do povo.

“Estou nadando penosamente no grande trabalho que você sabe e que é um oceano, mas um oceano de águas ainda turvas e viscosas, onde é difícil mover os braços. Grande fadiga, e também tristeza por avançar tão pouco.”⁴⁰

Em 1827, Michelet publica sua tradução de *Scienza Nuova*, obra que o filósofo italiano Giambattista Vico escrevera no século XVII, e que o influenciou profundamente. Vico prefere ao pensamento “cartesiano” um conhecimento que considere os “produtos humanos”, tais como a História, e concebe a História como fundamental, porque permite esclarecer o próprio conhecimento do espírito humano. Em relação às “técnicas cartesianas”, Vico acredita que sempre alguma coisa é exterior ao homem, enquanto, na História, isso é impossível, pois a História versa sobre aquilo que os homens criaram, este é o objeto da vontade humana, tão bem apreendida pela História. O pensador italiano considerou a linguagem um princípio fundamental para compreender os mitos, fábulas, tradições e expressões do espírito humano, antevendo uma visão entre filologia e filosofia. Nesse sentido, a linguagem não é vista como um meio artificial de comunicação de preceitos, mas ela é justamente o desenvolvimento do espírito humano.

⁴⁰ *Op. cit.*, p. IX, no original: “Je nage péniblement dans le grand travail que tu sais et qui est un océan, mais comme un océan d’eau trouble encore et visqueuse, où l’on a peine à remuer les bras. Grande fatigue, et tristesse aussi d’avancer si peu.”, *op. cit.*, p. 7.

Analisa e classifica duas linguagens: a linguagem mítica e a linguagem logística. A linguagem mítica, ele a concebe não como ilógica, mas acredita ser possível entender o caráter singular dessa linguagem que, por meio de imagens e comparação, e, portanto, por meio da mimese, é a própria representação daquilo que é.

“Os homens ignorantes (...) dão às coisas a sua própria natureza, como o povo, por exemplo, diz que o imã está enamorado do ferro...(....) o trabalho mais sublime da poesia é dar senso e paixão a coisas sem sentimento e é próprio das crianças tomar coisas inanimadas entre as mãos e, brincando, falar-lhes como se fossem pessoas vivas”⁴¹.

Como Vico, Michelet também tende a concordar com uma necessidade de laicização da História; assim como ele, Vico também critica a filosofia cartesiana, acha-a incompleta ou insuficiente. Ainda que ambos rejeitem a tirania dos dogmas da Igreja, também não simpatizam com o individualismo cartesiano. Preferem, naturalmente, e a sua maneira, um humanitarismo que, ao refutar a fé em Descartes, defende uma utopia organicista, coletiva, em que o pensamento individual só é aceito como expressão da liberdade e contraposição ao senso comum.

⁴¹ VICO, Giambattista. *Princípios de uma ciência nova acerca da natureza comum das nações*. Trad. Antonio Lázaro de A. Prado, São Paulo: Nova Cultural, 1988, p. 103.

"Passei dois meses reunindo material histórico e econômico; três desembaraçando-me de toda essa História, para sair do tempo, para entrar cada vez mais no amor, que está fora do tempo; mas recaía sempre na História, no material, em vez de aprofundar meu coração. Só ontem fiquei livre. Despojei-me da impaciência vaidosa e pus abaixo o Senhor Autor, sem me informar do resultado, já não desejando agradar senão a mim mesmo. Minhas máquinas literárias, sinto-o agora, como todas as máquinas desse tempo, ainda não passavam de concentrações de força para fazer as vezes de união, dispensar de amar. Os obstáculos que eu tinha no espírito, os entraves que pouco a pouco fui sentindo até mesmo no corpo, eram advertências legítimas da natureza a fim de tirar-me do falso caminho⁴²

Nessa longa passagem, Michelet denuncia sua angústia, que é a de um só tempo ser leal à sua ciência, isto é, promover, o que os metódicos chamariam "crítica dos documentos". Entretanto, não está satisfeito, é preciso desembaraçar-se daquela História, fria, feita de documentos, ou por outra via, é preciso "ouvir" os documentos. Ouvi-los nesse sentido, equivale a auscultar o próprio coração, verificar seus batimentos, seu ritmo e sua força, isto é, suas vontades e motivações.

Assim Michelet espera de sua História, - o que o tornou uma espécie de pai fundador da *nouvelle histoire* -, algo "mais material", mas também "mais espiritual", que não leve em conta apenas estatísticas e notações oficiais, talvez disséssemos hoje, um

⁴² *Op. cit.*, p. X, no original: "J'ai passé dix mois à entasser des matériaux historiques, économiques; trois à me dégager de toute cette histoire, à sortir du temps, pour entrer de plus en plus dans l'amour, qui est hors du temps; néanmoins je retombais toujours dans l'histoire, dans le matériel, au lieu de creuser mon cœur. D'hier seulement je suis libre. J'ai depouillé l'impatience vaniteuse et mis bas Monsieur l'Auteur, sans m'informer du résultat, ne voulant plus plaire qu'à moi-même. Mes machines littéraires, je le sens maintenant, comme toutes les machines de ce temps, n'étaient encore que des concentrations de force pour tenir lieu d'union, dispenser d'aimer. Les obstacles que j'avais dans l'esprit, les entraves que peu à peu je sentais

referencial transversal, que é o amor, isto é, é a filia do autor pelo seu tema que o autoriza a tratar dele mesmo, “já não desejando agradar senão a mim mesmo”, uma História egoísta? Curioso Michelet falar em “máquinas literárias” como quem as refuta, logo ele que as utiliza a favor de sua obra e cria tantas imagens, cenas e situações apropriadas aos seus temas e assertivas.

Mas o que o autor de *Le Peuple* procura nesse momento é demonstrar que sua formação e seu papel de historiador por vezes o impedem, são obstáculos à verdadeira união, ao amor, enfim, aquilo que considera essencial, que é a proximidade entre o conhecer e o sentir. Por decorrência, agradando a si, espera o autor ser fiel à sua causa, consultando seus sentimentos, vislumbra uma sinceridade e uma honestidade primordialmente necessárias a uma História moralmente aceitável, cujo produto é uma “violenta alquimia moral”, algo próximo da “tempestade num crânio” de Hugo? Talvez, mas ele o especifica:

“(...)minhas paixões individuais se transformam em generalidades ou minhas generalidades se convertem em paixões, em que meus povos passam a ser eu mesmo, em que meu eu volta a animar os povos”.⁴³

A confissão de Michelet é inequivocamente uma demonstração do quão envolvidos estão autor e obra, cientista e objeto, e cabe à natureza, ao corpo livrar o escritor das armadilhas do espírito; cabe, portanto, à luneta do coração guiar o historiador, consolidando a relação, sentimento e conhecimento. Todo o sentido é

même dans le corps, c'étaient des avertissements légitimes de la nature pour me tirer de la fausse voie.”, *op. cit.*, pp. 7-8.

⁴³ *Op. cit.*, p. XI, no original: “(...) mes passions individuelles, tournent en généralités, où mes généralités deviennent passions, où mes peuples se font moi, où mon moi retourne aimer les peuples”, *op. cit.*, p. 8.

dado assim à fórmula que enunciámos no início do capítulo e que bem poderia resumir a obra: “Este livro é mais que um livro; sou eu mesmo”.

O ensinamento que o autor de *Le Peuple* enuncia é o de alguém que, sendo povo, tendo passado pelas privações da juventude e retirado em primeira mão o conhecimento junto ao passado de seu país, que realizou sua pesquisa “sobre estradas” da França, pode, portanto, responder com a marca de sua identidade.

É de Paul Viallaneix, maior comentarista da obra micheletiana e que prefacia nossa edição de *Le Peuple*, a idéia de que o historiador oitocentista é cada vez mais tentado a identificar-se com seu herói – o povo –, e compartilha com ele uma série de hábitos. Michelet compara-o aos bárbaros, sublinha essa palavra e declara:

“Hoje compara-se com freqüência a ascensão do povo, seu progresso à invasão dos *bárbaros*. A palavra me agrada, aceito-a... *bárbaros*, isto é, viajantes a caminho da Roma do futuro, avançando lentamente, sem dúvida, cada geração avançando lentamente, sem dúvida, cada geração avançando um pouco lentamente, sem dúvida, cada geração avançando um pouco, parando com a morte, mas outros prosseguem”⁴⁴

Concordando com Vico, Michelet defende que a humanidade é obra dela mesma, no plano individual; nesse sentido é que reside o “heroísmo dos tempos modernos”. E vai buscar exemplos, como foi o caso do seu *Origens do Direito francês* (1837), quando compara o sucesso da sociedade ocidental, comparando a França de seu

⁴⁴ *Op. cit.*, p. 19, no original: “Souvent aujourd’hui l’on compare l’ascension du peuple, son progrès, à l’invasion des *Barbares*. Le mot me plaît, je l’accepte... *Barbares*! Oui, c’est-à-dire pleins d’une sève nouvelle, vivante et rajeunissante. *Barbares*, c’est-à-dire voyageurs en marche vers La Rome de l’avenir, allant lentement, sans doute, chaque génération avançant un peu, faisant halte dans La mort, mais d’autres n’en continuent pas moins.”, *op. cit.*, p. 72.

tempo como uma continuação de Roma e reitera que em seu livro, *Le Peuple*, a idéia diretora, isto é, a força motriz que induz a concepção do livro é o sentimento, e o declara: "o amor, único construtor da cidade".

Subiste ainda um problema: Michelet não se esquivava da ambigüidade entre indivíduo e massa, e o resolve afirmando que o homem individual é a expressão e a imagem da massa. Benichou lembra que para Michelet a sociedade se faz ela mesma, isto é, citando Michelet: "o homem é o seu próprio Prometeu", ele tenta resolver o impasse entre indivíduo e massa, afirmando que a massa representa a coletividade com os atributos do indivíduo, assim como ocorre com cada nação e até mesmo às espécies.

Michelet não ignora, por exemplo, o nascimento do pensamento socialista e considera nele complicada a situação do indivíduo perante o Estado que o anulava; é clara a demonstração de repugnância aos saint-simonianos, ao acreditar que seus partidários defendem em última análise um governo ditatorial.

Mais que às utopias modernas, é ao cristianismo que Michelet reserva suas maiores críticas: revela que a Igreja deveria unir as massas, sua missão natural, mas não tem legitimidade para fazê-lo. Daí por que propõe um entendimento entre a ciência e o povo em detrimento da religião do Céu e a favor de uma religião da Terra. Uma espécie de demonização da liberdade humana. Ainda que Michelet se valha de um princípio básico e inseparável da liberdade, trata-se do sacrifício, um sofrimento ativo em vista de um progresso futuro. Michelet revitaliza esse conceito e o aplica aos frutos da Revolução.

O autor de *Le Peuple*, como se sabe, acabou por adotar em relação ao cristianismo, uma atitude de hostilidade pura, não o denunciava como incompleto, mas como funesto em sua essência. Mas reivindicou para o historiador o papel de sacerdote laico, seu atributo e sua natureza, e a de manter a identificação vital com a humanidade. Mesmo com os mortos, os mesmos mortos que tenta ressuscitar por meio de sua

História. Essa consciência, Michelet tomou quando da morte de sua amada esposa, sofrimento que ele compartilhou com a sua História, sua obra. Uma verdadeira promoção espiritual do historiador que passa ao estado de evocador e intérprete profético do mundo dos mortos.

Benichou demonstra que os anos em que Michelet evoca a consciência de seu ministério da humanidade são precisamente aqueles em que se separou do cristianismo. À Graça ele opõe a justiça como exigência da humanidade e condição real do amor. Prefere à Graça, portanto, o que chama de língua dos homens, isto é, a fraternidade.

Esse radicalismo na rejeição da herança cristã não suprime os problemas relativos à natureza da nova fé. Deus é visível no homem; na Revolução, uma experiência espiritual, iluminação entusiasta, ao mesmo tempo emoção terrestre e revelação do infinito, que demonstra toda a excelência da humanidade, e Michelet é fiel a essa tradição. Ainda assim, prefere uma religião cívica, a fundação de uma nova religião, a religião da justiça em oposição àquela da Graça e da arbitrariedade, como foi na Idade Média.

A propósito dessa nova religião, Michelet atribui à Revolução a tarefa de destruir a ordem antiga e dar curso ao nascimento de uma nova ordem, a engendrada pela Revolução cujos valores eternos revelaram invariável justiça e indestrutível equidade. A experiência revolucionária está fundada nessa filosofia, ela é a fonte do sacrifício moderno.

Para Michelet, um dos caracteres da religião pressupõe uma comunidade de fiéis, um corpo terrestre superior à soma de seus membros. No humanitarismo, o Povo é esse corpo, o povo e a coletividade humana, seu sofrimento o dignifica, lembrando a comparação da ascensão do povo à invasão dos bárbaros. Essas dualidades são perseguidas por Michelet: o homem contra a natureza, o espírito contra a matéria, a liberdade contra o fatalismo. Essa característica fez de Michelet uma referência crucial

para os defensores da *Nouvelle Histoire*, tornou-se, portanto, o porta-voz de uma História diferenciada, propensa a fazer falar os silêncios da História, recriar a vida, uma obsessão que faz de Michelet um modelo fascinante.

Na primeira parte de *Le Peuple*, "Da servidão e do ódio", Michelet faz uma análise da sociedade industrial moderna. Perscruta todas as classes, uma a uma, demonstrando a trama de relações sócio-econômicas e culturais que une todas elas em exploradores e explorados. É capaz de observar, nesse ínterim, que, em todas as classes, essa ambigüidade, isto é, a de exploradores e explorados, caminham tragicamente à degradação social e moral.

Vítimas do mesmo processo de atividades que lhe garantem a sobrevivência, cujos antagonismos, entre exploradores e explorados são, à primeira vista irreconciliáveis, mas, ao mesmo tempo, na obra de Michelet ressurge a questão do afeto, do sentimento, como chave para a leitura da sociedade, como o remédio para a sua redenção, no sentido em que todos vivem ou sobrevivem de acordo com suas agruras, sofrimentos e preocupações.

O camponês, sempre em dívida com o agiota ou o advogado, convivendo com o fantasma do despejo, sonha com as "vantagens" que, segundo ele, gozam o operário das fábricas. Entretanto ele resiste, e para conhecê-lo é necessário saber do seu amor pelo campo, o apreço pela terra, sua "amante".

"Se aquilo não é amor, por que sinal reconhecê-lo neste mundo? É ele, não rias... a terra assim o quer, para produzir; caso contrário, não dará nada, essa pobre terra da França, quase sem gado e sem adubo. Ela produz porque é amada"⁴⁵

⁴⁵ *Op. cit.*, p. 28; no original: "Si ce n'est là l'amour, à quel signe donc le reconnaîtrez-vous en ce monde? C'est lui, n'en riez point... La terre le veut ainsi, pour produire; autrement, elle ne

Michelet chama a atenção para a necessidade de amar a terra, por decorrência conhecer a terra, seus problemas corresponde ao afeto necessário para entendê-la. Produzir, aqui, do latim “*producere*”, pode sugerir muitas coisas, como dar origem ou nascimento, fazer existir; criar, gerar: Dar visibilidade, originar e também tem a conotação de pôr em prática, levar a cabo ou efeito, enfim, realizar. No âmbito dos afetos pode significar ainda o “berço”, a “pátria” ou ainda, no campo da composição: criar pela imaginação, etc. Trata-se, portanto, de palavras que exprimem mais que um sentimento que se possa ter pela terra em questão, mas a necessidade do sentimento como força que permite criar, tornar fértil tanto a terra em si, como as considerações que se faz de sua importância e da relação que se estabelece entre a terra e o camponês, o homem e a natureza.

É por meio desse relacionamento sensual, na visão de Michelet, que se promove a fertilidade. Comenta em favor da França que sua terra pertence a quinze ou vinte milhões de camponeses que a cultivam, enquanto que na Inglaterra havia uma aristocracia de trinta e duas mil pessoas que a fazem cultivar. Segundo ele, os ingleses não têm as mesmas raízes no solo que os franceses, objeta aos ingleses que se referem sempre como o “país”, enquanto os franceses dizem a “pátria”.

“Entre nós, homem e terra estão juntos e não se deixarão; existe entre eles um casamento legítimo, para a vida e para a morte. O francês desposou a França”⁴⁶

A propósito dessa relação sensual e sentimental do camponês e da terra, Paul Viallaneix, incluiu interessante nota sobre o fato de Michelet já ter colocado na

donnerait rien, cette pauvre terre de France, sans bestiaux presque et sans engrais. Elle rapporte parce qu'elle est aimée.”, *op. cit.*, p. 79-80.

⁴⁶ *Op. cit.*, p. 28; no original: “Chez nous, l'homme et la terre se tiennent, et ils ne se quitteront pas; il y a entre eux légitime mariage, à la vie, à la mort. Le Français a épousé la France.”, *op. cit.*, p. 80.

introdução de outro livro, precisamente na Introdução de *Origines du droit* de 1837, considerações a esse respeito. Nessa introdução, o historiador francês que o pastor erra na superfície da terra é, portanto, seu amante infiel. Já o agricultor é marido, rasga sua cinta verde e aí deposita o duplo germe do grão e do suor. A união fixa do homem e da mulher cedo ou tarde produz outro casamento, o do homem com a terra; relação incestuosa, poderíamos dizer, entre o filho e a "mãe natureza".

O conhecimento que Michelet revela em relação à França ou à terra da França sempre está atrelado à afetividade. Ao referir-se ao país, lembra que é uma terra de equidade, pois em casos duvidosos sempre se adjudica a propriedade a quem nela trabalha, lembrando a diferença essencial para o caso inglês que expulsou o camponês em "favor" dos operários. Viallaneix demonstra que esse é um dos aspectos "espiritualistas" da Revolução, pois o homem e, sobretudo, o trabalho do homem tem um preço inestimável e superior ao capital.

Nesse sentido, o homem prevalece sobre a terra ao passo que na Inglaterra a terra prevaleceu sobre o homem, uma vez que muitos camponeses teriam sido expulsos da terra. A esse respeito, Michelet defende a propriedade da terra pelo camponês e compara-o ao soldado, pois que defende sua propriedade como se fora um *front*, mais que uma terra, defende sua honra.

Grave diferença moral! A propriedade, grande ou pequena, exalta o coração. Quem não se faz respeitar por si mesmo respeita-se e estima-se por sua propriedade. Tal sentimento acrescenta-se ao justo orgulho que esse povo tem de sua incomparável tradição militar. Tomai ao acaso, nessa multidão, um pequeno diarista que possui um vigésimo de *arpent*; não encontrareis nele os

sentimentos do diarista, do mercenário; trata-se de um proprietário, de um soldado (já o foi e sê-lo-ia amanhã); seu pai integrou o *grande exército*.⁴⁷

Ao defender a pequena propriedade, Michelet ressalva que ela não é somente um produto da Revolução e, portanto, é um erro pensar que ela é nova. A Revolução já encontrara esse movimento bastante adiantado, demonstrando, por exemplo, que, em 1875, um observador estrangeiro, Arthur Young, espantou-se ao ver que, na França, a terra era tão dividida, e mesmo antes, em 1738, o abade de Saint-Pierre já havia observado que na França, os diaristas quase sempre contam com uma horta, um pedaço de terra ou vinha.

Michelet observa que nos momentos de imensa crise, nos momentos de miséria universal, isto é, naquelas crises em que o rico é obrigado a vender porque está empobrecendo e por isso precisa dispor de suas terras, não foram raras as oportunidades em que o camponês andrajoso apareceu com sua moeda de ouro para adquirir um pedaço de terra. Para explicá-lo, Michelet apela para as virtudes desse homem do campo, seu tesouro escondido explica-se pelo trabalho persistente, pela sua sobriedade e, muitas vezes, pelo jejum de sua família; como uma dádiva que lhe foi concedida, um patrimônio que a essa raça "indestrutível" deu o dom de trabalhar, de combater quando necessário, sem comer quando preciso, na expressão de Michelet, o dom de viver de esperanças, o dom da alegria corajosa.

Nesses momentos em que o camponês consegue adquirir a terra, Michelet vibra com a constatação de que isso traz um acréscimo de fecundidade a elas, como

⁴⁷ *Op. cit.*, p. 29; no original: "Grave différence morale! Que la propriété soit grande ou soit petite, elle relève le coeur. Tel qui ne se serait point respecté pour lui-même, se respecte et s'estime pour sa propriété. Ce sentiment ajoute au juste orgueil que donne à ce peuple son incomparable tradition militaire. Prenez au hasard dans cette foule un petit journalier qui possède un vingtième d'arpent, vous n'y trouverez point les sentiments du journalier, du

aconteceu por volta de 1500, numa França esgotada, mas que teve em seus camponeses a sua redenção. Aparentemente sem explicação, isto é, tudo refloresce, as terras que pareciam ruínas onde tudo apontava descuido, destruição e abandono, de repente volta a vicejar, trabalha-se, constrói-se.

"Quem acreditaria que o país pudesse se reerguer?... Pois bem, mal terminara a guerra e desse campo devastado, dessa cabana ainda enegrecida e queimada sai a poupança do camponês. Ele compra; em dez anos, a França muda de aspecto; em vinte, todos os bens dobram, triplicam de valor. (...)

Belo movimento! Que coração de homem não tomaria parte nele?"⁴⁸

A esse entusiasmo, Michelet reúne a constatação de que esse "milagre" só pôde ser realizado devido aos imensos sacrifícios e privações enormes que o suor do camponês foi capaz de realizar. Lamenta, contudo, que esse movimento durou pouco tempo, enfraqueceu e parou por volta de 1650, pois os nobres que venderam suas terras acharam meios de reavê-las por preço vil, por conta das altas taxações aos camponeses que contrastavam com as isenções obtidas pelos nobres. Michelet lamenta que os camponeses que cresceram em orgulho e sentimento em relação às terras, mas que foram obrigados a vendê-las, tiveram que descer à condição de mercenários, rendeiros e meeiros ou meros diaristas; somente com incríveis esforços, puderam conservar suas famílias ou retomar essas terras no século XVIII.

mercenaire; c'est un propriétaire, un soldat (il l'a été, et la serait demain); son père fut de la grande armée.", *op. cit.*, p. 81.

⁴⁸ *Op. cit.*, p. 31; no original: "'Qui croirait que le pays se relève de là?... Eh bien, la guerre finit à peine, de ce champ ravagé, de cette chaumière encore noire et brûlée, sort l'épargne du paysan. Il achète; en dix ans, la France a changé de face; en vingt ou trente, tous les biens ont doublé, triplé de valeur. (...)

Beau mouvement! Quel coeur d'homme n'y prendrait part!", *op. cit.*, p. 82.

O direito sobre a terra, para Michelet, também tem o revestimento afetivo no caso do camponês, Michelet considera esses direitos sagrados, sobretudo nas regiões de fronteira, pois sem esses camponeses ninguém teria ocupado terras tão perigosas e elas ficariam desertas, não sendo justo, portanto, que no século XVIII ou mesmo no XIX, essas terras sejam disputadas, pois simplesmente não existiriam, não fosse a posse do camponês. Há, portanto, em Michelet, a idéia de propriedade associada também à afetividade e sobretudo ao trabalho; nesse sentido, em boa parte das terras francesas, considera que o direito do camponês sobre a terra é o primeiro de todos, isto é, o de tê-la feito. Michelet alerta que nesse caso não se trata de falar figuradamente, mas cria imagens belíssimas em torno dessa questão, imagens que demonstram a completa transformação que o trabalho do homem operou em determinadas regiões.⁴⁹

“Sim, o homem faz a terra; podemos dizer isso até das regiões menos pobres. E não o esqueçamos nunca, se quisermos compreender como ele a ama, e com que paixão. Lembremos que, por séculos, gerações lançaram nela o suor dos vivos, os ossos dos mortos, suas economias, seu alimento... Essa terra, onde o homem por tanto tempo depositou o melhor do homem, sua seiva e sua substância, seu esforço, sua virtude, ele bem sente que é uma terra humana e ama-a como uma pessoa”⁵⁰

Michelet retoma o tema da seiva do homem simples, que deposita sobre a terra sua substância, seu trabalho e toda uma carga de esperanças para torná-la viva e

⁴⁹ Parte dessas belíssimas imagens criadas por Michelet serão arroladas no Capítulo 4.

⁵⁰ *Op. cit.*, p. 34; no original: “Oui, l’homme fait la terre; on peut le dire, même des pays moins pauvres. Ne l’oublions jamais, si nous voulons comprendre combien il l’aime et quelle passion. Songeons que, des siècles durant, les générations ont mis là la sueur des vivants, les os des morts, leur épargne, leur nourriture... Cette terre, où l’homme a si longtemps déposé le meilleur de l’homme, son suc et sa substance, son effort, sa vertu, il sent bien que c’est une terre humaine, et il l’aime comme une personne.”, *op. cit.*, p. 84.

produtiva. Ama a terra e por isso não se importa com o que tem de aceitar para adquiri-la; emigra e afasta-se quando necessário, sempre amparado nesse pensamento, nessa esperança.

Entender sua História, na ótica micheletiana, significa entender seus sentimentos, suas aspirações, enfim, as motivações desse trabalhar infatigável que é o camponês, não importando quanto tempo dispensará em nome do seu sonho. O pai, para tê-la em alguns anos, vai trabalhar, ou talvez, morrer na África; a mãe tira o seio da boca de seu filho para dá-lo a um bebê estranho, desmamando o seu ainda muito pequeno. Há um incontável número de exemplos com os quais Michelet demonstra a veneração e a abnegação do camponês em nome da sua terra, num desses exemplos, Michelet repete as palavras de um pai: "Viverás ou morrerás, meu filho; mas, se viveres, terás terra!".

Coisa cruel de se dizer, mas para Michelet, a atitude do pai é de proteção e chama os leitores a sua reflexão: "terás terra", ou seja, não será um mercenário que ora se emprega e em outro momento se despede, sem raízes, sem liberdade; para Michelet, a palavra liberdade é sagrada e contém toda a essência da dignidade humana, seguindo a máxima de que não há virtude sem liberdade. Lembra-nos da fascinação que exerce a água ao pescador, fascinação muitas vezes descritas pelos poetas.

Entretanto, mostra que mais perigosa e fascinante que a atração da água, é a atração exercida pela terra; grande ou pequena a propriedade, ela atrai e sua incompletude, exige sempre expansão. Malgrado todas as dificuldades, o camponês sempre está disposto às mais cruéis privações para expandir suas terras, sua aquisição é para ele, na visão de Michelet, um combate do qual nunca recua, e lembra que outrora esse mesmo camponês combateu quando só o que havia a ganhar eram balas. O que esse mesmo camponês não faria em nome de sua terra? Tudo, menos comportar-se como um fraco.

Essa firmeza de propósito e, diria Michelet, de caráter leva-o muitas vezes ao isolamento e por vezes à amargura. Seu coração se fecha a qualquer sentimento de boa vontade para com o próximo, mesmo em relação aos outros camponeses, Michelet o compreende e compreende também por que o homem da cidade não se aproxima desse homem selvagem e talvez temeroso. A figura do homem da terra como homem tacaño, avaro é recorrente em nossas lembranças ao que Michelet confronta o desconhecimento de suas privações, seus sofrimentos que de alguma forma justificariam tal postura, não confia em ninguém, só ama a terra, sua religião. Sua imaginação é voltada às liberdades que a terra proporcionará, mesmo que a isso se some às obrigações da escravidão diária, à faina cotidiana que faz do camponês azafamado alguém pouco sociável.

"Assim o camponês se isola, se amargura mais e mais. Tem o coração excessivamente fechado para abri-lo a um sentimento de boa-vontade. Ele odeia o rico, odeia o vizinho, odeia o mundo Sozinho, nesta propriedade miserável, como em uma ilha deserta, ele se torna um selvagem. Sua insociabilidade, nascida do sentimento da própria miséria, torna-a irremediável; ela o impede de aproximar-se daqueles que deveriam ser seus auxiliares e amigos naturais, os outros camponeses."⁵¹

Essa animosidade do camponês, para Michelet, se justifica também pelo preço inestimável que ele atribui à terra, pois fosse ela somente "terra", não valeria tanto. O camponês acrescenta ao seu preço uma carga imensa de imaginação; não se trata de

⁵¹ *Op. cit.*, p. 36-37; no original: "Ainsi le paysan s'isole, s'aigrit de plus en plus. Il a le coeur trop serré pour l'ouvrir à aucun sentiment de bien-veillance. Il hait le riche, il hait son voisin, et le monde. Seul, dans cette misérable propriété, comme dans une île déserte, il devient un sauvage. Son insociabilité, née du sentiment de sa misère, la rend irrémédiable; elle l'empêche de

fazer as contas do que a terra devolve em trigo ou vinho, mas o acréscimo de estima que ela proporciona. Uma família que de mercenária torna-se proprietária e com isso também passa a se respeitar, na visão de Michelet, “colhe” um sem-número de virtudes que ele aprecia, e que são enunciadas pela obra de Michelet: a economia da mãe, a sobriedade do pai, a castidade da filha, o trabalho corajoso do filho, todos vistos como tesouros que foram propiciados pela posse da terra e, desse modo, seu alto valor se justifica e se paga. Por conseqüência, justifica-se a inabalável fé do camponês micheletiano. Ao comentar os “frutos” da revolução, Michelet exalta a propriedade como um dos seus bastiões, que os franceses devem defender.

“Diz-se que a Revolução suprimiu a nobreza; mas é precisamente o contrário, ela criou trinta e quatro milhões de nobres... (...)”

Esse povo é nobre depois de todas essas grandes coisas; a Europa continuou plebéia. Mas é preciso que defendamos seriamente essa nobreza, pois ela corre perigo.”⁵²

O perigo a que se refere Michelet, em relação ao camponês, está na escravidão ao usurário, pois uma vez tornado escravo, o camponês pobre não perderá apenas a terra ou tornar-se-á um miserável, mas perderá o que tem de melhor, sua coragem. Tornar-se-á um devedor temeroso do futuro, um soldado fraco diante de uma batalha prestes a ser perdida; tantos serão os seus sofrimentos se cair em tal desgraça que Michelet duvida do futuro dessa classe se submetida às emoções do constrangimento, da penhora, da

s'entendre avec ceux qui devraient être ses aides et amis naturels, les autres paysans”, *op. cit.*, p. 86-87.

⁵² *Op. cit.*, p. 38; no original: “On dit que la Révolution a supprimé la noblesse; mais c'est tout le contraire, elle a fait trente-quatre millions de nobles...(...) Ce peuple est noble, après ces grandes choses; l'Europe est restée roturière. Mais cette noblesse, il faut que nous la défendions sérieusement: elle est en péril.”, *op. cit.*, p. 88.

expropriação; o historiador atento indaga qual será a coragem desse povo, assim submetido ao terror dos judeus.⁵³

Ao terminar a sua apreciação da vida do camponês, Michelet lembra que a agricultura, desde a Revolução, não teve nenhum governo que a defendesse adequadamente. A indústria, “irmã mais nova da agricultura”, fez obliterar a primogênita, que embora seja a parcela mais numerosa, responsável pela maior receita do país no século XIX, mais forte e mais sadia, do ponto de vista físico e moral, não recebe o tratamento adequado do governo, dominado por capitalistas e industriais.

Muitos economistas contemporâneos a Michelet dizem “trabalhador” por “operário”, esquecendo-se do papel estratégico dessa classe laboriosa que é a imagem da própria França. Entretanto, adverte que essa injustiça que se faz ao camponês não deve esconder os sofrimentos do operário, que outrora foi camponês, mas uma vez tendo abandonado o campo, nunca mais voltaria a vê-lo. Analisemos algumas imagens desse homem que representa uma das faces do trabalhador moderno, o “operário dependente das máquinas”.

Assim como em relação ao camponês, é pela via da afetividade que Michelet procura conhecer e entender esse homem, suas submissões, suas angústias e padecimentos. Se a cidade e seu ritmo vertiginoso, seus produtos, suas facilidades, enfim, são absolutamente sedutoras para os camponeses, para seu irmão urbano, o operário, a situação é completamente diversa. Entretanto, o camponês não se furta de encantar-se com as “maravilhas” ao visitar as cidades, e recebe com estranheza as queixas do homem urbano que recebe mais que ele, que tem ao menos um teto sobre a cabeça enquanto trabalha.

⁵³ Há uma nota, de Paul Viallaneix, que explica que a palavra “judeu” aqui se emprega em sua acepção popular de judeu, banqueiro, agiota, tal como o definiu Toussenel, em panfleto: *Les juifs, rois de l'époque*, lido por Michelet em 1845, ano anterior à escritura de *Le Peuple*. *Op. cit.*, p. 88, nota (a).

Desenvolver sua atividade num recinto fechado, aos olhos do camponês, parece uma melhoria imensa, especialmente no inverno, cujo castigo é o mesmo, ainda que se esteja acostumado a ele.

Michelet, como sempre, alia as suas impressões pessoais a respeito das análises que pretende empreender e notando que passou muitos invernos sem fogo, e nem por isso tornando-se menos sensível ao frio, considerando que a mudança das estações do ano pelas quais as classes abastadas passam com indiferença, para os pobres isso se constitui de um imenso acontecimento.

Quando por exemplo, a neve cessava de cair, os trabalhadores humildes experimentam um estado de contentamento e um gozo ao qual poucos se comparam, a primavera, assim, é recebida com um encantamento inigualável, pois esse acontecimento faz parte da substância da vida dos pobres.

Outro dado interessante que faz o camponês maldizer o campo em favor das cidades é que se "ganha" mais pelo trabalho, mas ele não compreende a pobreza que se amontoa nas cidades. Michelet utiliza um sem número de virtudes que o camponês perderia se vivesse a vida dos operários; utiliza palavras como "sobriedade", "economia", "avareza" e argumenta contra o camponês fascinado pela cidade que é muito mais fácil manter tais virtudes longe das cidades, economizar, longe das tentações de gastar, quando a única satisfação que se apresenta é o prazer de economizar

"Mas como é difícil, quanta força de vontade, quanto autodomínio é necessário para segurar o dinheiro e fechar o bolso quando tudo pede que ele se abra!"⁵⁴

⁵⁴ *Op. cit.*, p. 47; no original: "Mais combien est-ce difficile, quelle force faut-il, quelle domination de soi-même, pour tenir l'argent captif et la poche scellée, quand tout sollicite à l'ouvrir!", *op. cit.*, p. 95.

Michelet acrescenta, em detrimento do operário, que a caixa de poupança que encerra um dinheiro “virtual” não proporciona nem de longe a mesma satisfação do tesouro escondido, que o camponês enterra e desenterra com imenso prazer, que inspira sentimentos de mistério e medo, nem há o entusiasmo e encantamento pelo pedaço de terra, vista e revolvida todos os dias que se pretende sempre fazer expandir, prosperar e ver crescer.

O homem na cidade necessita ser muito virtuoso para poupar, sua docilidade juvenil, segundo Michelet, o faz ceder aos colegas e a se entregar a todo tipo de despesas que o levarão a todos os lugares, a taberna, o café; quando honesto, poderá para os costumes da época, se casar em boa hora, se o trabalho o permitir; sua mulher, que possivelmente ganhará pouco ou nada, quando tiver filhos, trará novas opressões que o homem solteiro nunca imaginara, uma vez deparado às despesas fixas e opressivas do dia-a-dia.

Há outros inconvenientes que impedem o camponês de se fixar nas cidades, ainda que desejasse, e que se referem à dura realidade do operário das máquinas, a que vamos nos ater daqui em diante.

Michelet enumera uma série de dificuldades que impedem o ingresso imediato do trabalhador urbano no universo das fábricas: a dificuldade de ingressar num ofício, as longas demoras do aprendizado e o espírito excludente das confrarias e corporações. Entretanto, Michelet alerta que isso se refere às famílias industriais que, na infância das fábricas, admitiam poucos aprendizes e os tratavam com alguma crueldade, ainda que se tratassem dos próprios filhos. Mas no tempo de que fala Michelet, novas profissões foram criadas nas fábricas, o trabalho já não exige tanta preparação como na época em que eram admitidos aprendizes. O operário de que ele fala não requer esse tipo de especialização, pois agora ele está submisso às máquinas, à sua velocidade, aos seus movimentos frios e ritmados. Esse trágico início da indústria, dependente dessas

máquinas filhas do metal e do vapor, faz baixar o custo das mercadorias produzidas e, conseqüentemente, o salário dos trabalhadores, transformados em “operários-máquina”.

“O verdadeiro operário, nessas profissões, é a máquina; o homem não precisa de muita força, nem de habilidade; está lá apenas para supervisionar, para auxiliar esse operário de ferro.”⁵⁵

No entanto, Michelet relewa o fato de que, apesar da miserabilidade dos trabalhadores, os processos produtivos tornaram as mercadorias mais acessíveis, aliviando, em certo sentido, a vida das pessoas. Esse processo, visto por Michelet como positivo, foi considerado uma verdadeira revolução pouco notada, mas flagrada pela ótica micheletiana, no campo da higiene; uma espécie de embelezamento do lar pobre; roupas pessoais, de cama e mesa e produtos como a cortina, enfim, puderam ser adquiridos por quem nunca os tivera.

A visão de Michelet sobre esse processo alimenta a tensão dialética que percorre toda a sua obra. Mesmo reconhecendo a origem aristocrática das máquinas, pela força centralizadora que ela possui, e mesmo pela centralização de capital que é possível esperar dela, Michelet reconhece que a vulgarização dos produtos pelos baixos preços significou, por todos esses motivos, não obstante as servidões do operário das máquinas, um agente poderoso do progresso democrático.

Essa evolução pôde ser flagrada de modo privilegiado na indústria têxtil, que permitiu o “aquecimento” do trabalhador pelo acesso facilitado aos tecidos,

⁵⁵ *Op. cit.*, p. 47; no original: “Le véritable ouvrier, dans ces métiers, c’est la machine; l’homme n’a pas besoin de beaucoup de force, ni d’adresse; il est là seulement pour surveiller, aider cet ouvrier de fer.”, *op. cit.*, p. 95

especialmente os tecidos baratos (chita), processo que o historiador francês credits ao casamento da arte com a técnica.

Seja como for, esses progressos, para Michelet, nunca significam simplesmente um avanço material; mais uma vez, o que ele considera é a transformação afetiva que ele alcança. São inúmeros os relatos em que ele demonstra a transformação ocorrida no lar operário; a mulher que outrora trajava o luto, sua única opção, que guardara anos sem o lavar, receando estragá-lo, agora, ao preço de uma diária, recebe de seu companheiro uma roupa de flores.

A essa mudança no exterior, corresponde uma mudança no interior, o que Michelet chama de *igualdade visível*, um aprendizado que os leva em direção à preocupação com as vestes, com a moda, para ele uma iniciação à arte, mas também o desejo de ser digno, esforça-se agora para sê-lo, para perseguir uma postura que lhe corresponda a uma atitude moral.

Em outros momentos, ao perseguir a oscilação dialética própria de sua obra, Michelet vê com tristeza que os avanços prodigiosos desse trabalhador vêm acompanhados de uma série de indignidades, de homens que vivem pela metade, que já não vêem em seu trabalho o produto de seu gênio, pois que é rebaixado, humilhado pela sujeição diante das máquinas, impotente diante do artesão do aço moderno, que não erra que produz, em série, que é a máquina, e que coloca seu operador na posição incômoda de ser apenas um coadjuvante, um verdadeiro apêndice das máquinas.

Michelet se irrita ao constatar que muitos observadores vêem nesse homem diminuído, nessa aparência triste e melancólica o fato de que essa população é má, viciada, corrompida, enfim. Adjudica em favor dos operários que a maioria das pessoas vêem apenas à saída das fábricas, em geral, barulhentas, mais parecidas, aos olhos da dama que passa e vê com medo tal espetáculo -, a uma rebelião. Entretanto, poucas são as pessoas que acompanham seus sofrimentos durante o trabalho, o aturdimento e a

fadiga de quem é submetido a tão horrível situação e por isso julgam maus os operários das fábricas.

“O coração baterá ali? Muito pouco, sua ação está como que suspensa; durante essas longas horas, parece que um outro coração, comum a todos, toma o lugar, o coração metálico, indiferente, impiedoso; e parece que esse barulho, ensurdecedor em sua regularidade, é sua pulsação”⁵⁶

Michelet recorda que o trabalho do tecelão era bem menos penoso, pois a ele era dada a oportunidade de sonhar, ao contrário da máquina que não permite nenhum devaneio, nenhuma divagação, qualquer distração pode se tornar perigosa. Aqui Michelet se aproxima de Marx, que também discute o papel do operário na sociedade capitalista e a perda de sua autonomia em relação ao artesão da Idade Média. Michelet cita os tecelões místicos da Idade Média que cantarolavam uma cantiga de ninar enquanto trabalhavam.

O ritmo da lançadeira, lançada e recolhida em ritmo idêntico ao da cantiga, aproximava-se do ritmo do coração e não raro, ao fim do dia, junto com o pano teciam uma nova cantilena; por vezes Michelet associa o trabalho manual ao pensamento íntimo, à completa identificação entre trabalhador e trabalho, rompida com a Revolução Industrial.

Ao deixar a casa e o artesanato e ao entrar para a manufatura e desenvolver o trabalho operário, para Michelet, é como renunciar à livre posse da alma; nada no ambiente das fábricas inspira afetividade; ao deixar os móveis carcomidos da família e

⁵⁶ *Op. cit.*, p. 52; no original: “Le coeur bat-il dans cette foule? Bien peu, son action est comme suspendue; il semble, pendant ces longues heures, qu’un autre coeur, commun à tous, ait pris la place, coeur métallique, indifférent, impitoyable, et que ce grand bruit assourdissant dans sa régularité, n’en soit que le battement..”, *op. cit.*, p. 99.

outros tantos objetos familiares e queridos, o trabalhador se depara com uma fábrica inteiramente branca,

Michelet, que estava acostumado à sombra de um cômodo aconchegante, agora se vê numa sala ampla e de uma luminosidade que o cega e que chama a atenção sem cessar para uma realidade em que não é possível a menor imaginação, o menor sonho, refém que é do ritmo inexorável das máquinas, que com mil braços, noite e dia, trabalham impulsionados pelo vapor, os aperfeiçoamentos desse rival de ferro que não cessa de oprimi-lo.

Michelet criou cenas lindíssimas para demonstrar que essa escravidão não esmagou completamente o homem operário, este busca suas compensações no lar e no amor. Cita, sem maiores referências, um puritano inglês que pintou um quadro pitoresco sobre a felicidade que goza o operário das manufaturas e que revela que lá, no interior das fábricas, a carne se aquece muito, devido à temperatura e a proximidade dos sexos. Michelet zomba de tal quadro e argumenta que reside aí uma causa moral.

A fábrica é, por excelência, o reino da necessidade, da fatalidade, um mundo de ferro para usar uma expressão micheletiana; e é nesse mundo de ferro que o trabalhador se vê cercado pelo frio metal por todos os lados. Alia-se a isso a supervisão de seu superior e a monotonia das longas horas. Esse homem, portanto, sente-se tão fraco diante das máquinas, e é necessária uma sucessão tão grandiosa de dependências que de um momento ao outro podem lhe retirar o pão, que ele cala e se submete.

Ao sair, com a costumeira fanfarrice que já descrevemos, revela todos os desejos que um cativo em liberdade pode aspirar, e é no amor que pode se tornar devassidão, é que ele encontra o refúgio necessário para aplacar suas angústias, seus nervos esfrangalhados pela escravidão do trabalho.

"O homem sente-se tão pouco homem que, ao sair, precisa procurar avidamente a mais viva exaltação das faculdades humanas, a que concentra o sentimento de uma imensa liberdade no curto instante de um bom sonho. Essa exaltação é a embriaguez, sobretudo a do amor."⁵⁷

Para entender o homem, é necessário, portanto, entender seus sentimentos, suas necessidades. Mais uma vez o imperativo *conhecimento/afetividade* se coloca na obra Micheletiana e o faz ver a História segundo essa lógica de simpatias e repulsas, sentimentos e julgamentos. A mesma lógica se aplica quando Michelet se refere à embriaguez, agora a etílica; procura revestir aquilo que poderia ser identificado aprioristicamente como fraqueza moral em necessidade de liberdade tornada abuso.

O homem humilhado durante o trabalho procura, de todas as formas, continuar homem, um dos efeitos de seu equívoco pode ser a procura de uma falsa energia no vinho. Mais uma vez, em defesa dos operários, Michelet aduz que a esse homem, que não bebe vinho todos os dias, ao ingerir um adulterado, tendo saído enervado pelo trabalho, fatigado pela atmosfera da oficina, a embriaguez é infalível.

Entretanto, o historiador francês cede e admite que a essa dependência física, fruto das exigências da vida instintiva, cotidiana, segue-se a impotência moral e toda sorte de causas de seus vícios; ainda assim, tal como Rousseau, para Michelet essa classe não é má em si, não basta ao homem reunir-se para se entregar à balbúrdia e às fraquezas morais, tais expedientes, na visão micheletiana, são decorrências da sua condição social.

⁵⁷ *Op. cit.*, p. 54; no original: "l'homme se sent là si peu homme, que dès qu'il en sort, il doit chercher avidement la plus vive exaltation des facultés humaines, celle qui concentre le sentiment d'une immense liberté dans le court moment d'un beau rêve. Cette exaltation, c'est l'ivresse, surtout celle de l'amour.", *op. cit.*, p. 101.

"Essa multidão não é má em si. Suas desordens derivam em grande parte de sua condição, de sua sujeição à ordem mecânica que, para corpos vivos, é ela própria desordem, uma morte, e que por isso provoca, nos raros momentos de liberdade, violentos retornos à vida."⁵⁸

A fatalidade aqui, para Michelet, é o total vazio de espírito do operário das fábricas. Seu trabalho, que já não exige força nem habilidade, que nunca requer o pensamento, "nada, sempre nada!" é a expressão de Michelet que faz de qualquer força moral uma fragilidade do trabalhador. Contra esse declínio social, Michelet defende o conhecimento como instrumento generoso, missão elevada que as escolas deveriam ensinar desde o princípio ao jovem.

Essa tragédia anunciada por Michelet recai especialmente sobre a mulher e a criança. No campo, ao menos a última é feliz, quase nua e sem sapatos, às vezes comendo um pedaço de pão preto, diverte-se ao vigiar animais, vive ao ar livre. O trabalho do campo só a fortalece e, ademais, vive imensa liberdade, ainda que se torne um camponês miserável, Michelet lembra que essa criança ganhou dez ou quinze anos de liberdade.

Já como operário nas manufaturas, o trabalho o enfraquece e corrompe, é inferior ao seu irmão do campo. Contudo, Michelet, nessa atmosfera, tem uma vantagem natural, é mais sociável, vê nele uma disposição natural para ajudar o próximo em suas necessidades, diferentemente da postura do camponês micheletiano que já mencionamos. Michelet resigna-se a aceitar essa vantagem, exaltada como virtude: "que nessa servidão exterior, conservem um coração livre de ódio, *que amem mais!...*".

⁵⁸ *Op. cit.*, p. 56; no original: "Cette foule n'est pas mauvaise en soi. Ses désordres dérivent en grande partie de sa condition, de son assujettissement à l'ordre mécanique qui pour les corps vivants est lui-même un désordre, une mort, et qui par cela provoque, dans les rares moments de liberté, de violents retours à la vie.", *op. cit.*, p. 102.

Hã outra qualidade que faz do jovem operário das manufaturas algo superior aos meninos camponeses segundo Michelet, ele quer aprender. Michelet descreve uma cena em que essa paixão pelo estudo é evidenciada e levada às últimas conseqüências, o estudante urbano é obrigado a conciliar seu trabalho e seu estudo, obviamente prejudicado pela imensa carga que pesa sobre seus ombros.

"Sempre será visto lendo, sonhando; lendo durante o curto tempo da refeição, e à noite, absorvido em um livro, e no domingo, resguardado e sombrio. É difícil imaginar o que seja a fome de leitura nesse estado de espírito. Durante o trabalho, o mais inconciliável que existe com o estudo, com o barulho e a vibração de vinte máquinas, um infeliz tecelão que conheci abria um livro na extremidade de sua bancada e lia uma linha toda vez que o carro do tear recuava e lhe deixava um segundo livre."⁵⁹

Michelet reconhece a dificuldade de avançar, obter progressos desse modo, só mesmo com sofrimentos heróicos poderia o trabalhador assim lograr êxito. Natural, portanto, que o remédio incansavelmente propagado por Michelet para todos os tipos de males sociais, isto é, a faculdade de amar, seja prejudicado, diminuído. Afinal, todo tipo de preocupações rivaliza com o progresso desse jovem, ama menos a família, esta o importuna, maldiz a própria sorte. Ainda assim, a crença de Michelet num contrato entre a ciência e o amor é inabalável.

⁵⁹ *Op. cit.*, p. 65; no original: "Vous le verrez toujours lisant, rêvant; lisant aux courtes heures de repas, et le soir, la nuit encore, absorbé dans un livre, le dimanche, enfermé et sombre. On se figure à peine ce que c'est que la faim de lecture, dans cet état d'esprit. Pendant le travail, et le plus inconciliable de tous avec l'étude, parmi le roulement, le tremblement de vingt métiers un

"Por si mesma, a ciência não seca o coração, nem o esfria. Se aqui produz tal efeito é porque chega ao espírito cruelmente amesquinhada. Não se apresenta sob sua luz natural, sua verdadeira e completa luz, mas obliquamente, parcialmente, como esses raios minguados e falsos que penetram numa caverna. Não produz o ódio e a inveja pelo que dá a conhecer, mas pelo que esconde."⁶⁰

Essa imagem que denota a crença de Michelet numa ciência viva, numa espécie de contrato entre a ciência e o sentimento, serve tanto à compreensão da complexa rede de problemas sociais vividos pelo operário, quanto para o desejo do autor de *Le Peuple*, preocupado com as agruras de seu povo, isto é, para a sua redenção; é preciso que os homens de bom senso, as classes abastadas promovam o crescimento dessa *cultura voluntária*, isto é, o desejo de perseguir com vontade apaixonada a ciência, o desejo de estudar das classes operárias, que propiciem essa elevação que no argumento micheletiano levará ao verdadeiro progresso, tal como diriam, talvez, os socialistas utópicos do século XIX.

Não obstante tantas privações do jovem operário, Michelet vê em seus obstáculos, suas privações, um grande estimulante e declara que se o operário ama os livros, é porque tem poucos, um às vezes. O próprio historiador revela que passou anos com um Virgílio e achou ótimo, pois muitas vezes um bom livro, lido, relido, ruminado e digerido, vale bem uma vasta leitura, por vezes indigesta.

malheureux fileur que j'ai connu, mettait un livre au coin de son métier, et lisait une ligne chaque fois que le chariot reculait et lui laissait une seconde.", *op. cit.*, p. 110.

⁶⁰ *Op. cit.*, p. 66; no original: "La science en elle-même ne sèche point le coeur, ne le refroidit point. Si elle produit ici cet effet, c'est qu'elle n'arrive à l'esprit que rétrécie cruellement. Elle ne se présente pas sous son jour naturel, dans sa vraie et complète lumière, mais obliquement, partiellement, comme ces jours étroits et faux que reçoit une cave. Elle ne rend point haineux, envieux par ce qu'elle fait savoir, mais par ce qu'elle laisse ignorer.", *op. cit.*, p. 110.

Em razão disso, isto é, de sua gana pelo conhecimento, os jovens operários na obra de Michelet são superiores aos camponeses e muito mais às classes superiores, pois estas possuem todos os instrumentos, todos os livros de que necessitam, e tudo o mais concernente à cultura e ao lazer, transportam-no ao infinito. Entrementes, há outro dado considerado neste capítulo que é a noção de identidade, aliada, como afirmamos, à relação entre conhecimento e sentimento.

Essa classe nova, representante do trabalhador moderno, na visão de Michelet, vale mais que as outras, não só pelo seu desejo de aprender, mas porque encerra uma sabedoria que não se encontra nos bancos dos escolares. Trata-se, como já abordamos, da sua vivência, da sua experiência, do conhecimento adquirido nas classes de baixo, como uma flor que quer a luz do Sol e volta-se para ela, sabe que sem ele fenecerá, assim como os homens alegam-se ou se entristecem quando ela vem ou vai. Essa luz simbolicamente também é o conhecimento, a cultura, que deve caminhar *pari passu* com a vivência interior, com a História pessoal, nesse sentido, a flor também deve ter suas raízes.

"Homens de livros, sabeis que esse homem sem livro e de fraca cultura possui em compensação algo que substitui tudo isso: é mestre em sofrimentos. Quer ele consiga ou não, não vejo nenhum remédio possível. Prosseguirá seu caminho, o caminho do pensamento e do sofrimento. 'Ele buscou a luz (diz meu Virgílio), vislumbrou-a, gemeu!...' E gemendo, sempre a buscará. Quem a vislumbrou renunciará a ela?"⁶¹

⁶¹ *Op. cit.*, p. 68; no original: "Hommes de livres, sachez bien que cet homme sans livre et de faible culture a en récompense une chose qui en tient lieu: Il est maître en douleurs. Qu'il réussisse, ou non, je n'y vois nul remède. Il ira son chemin de la pensée et de la souffrance. 'Il chercha la lumière (dit mon Virgile), il l'entrevit, gémit!...' Et, tout en gémissant, il la cherchera toujours.

Se esquecêssemos que Michelet é um dos mais importantes historiadores franceses do século XIX, e supuséssemos absurdamente, por um instante, que o autor de *Le Peuple* fosse um autor desconhecido, até aqui, o leitor de nosso trabalho, seria tentado a acreditar que Michelet amaldiçoa as classes altas. Entretanto, para aqueles que conhecem a obra de Michelet, – e que certamente não são poucos – sabem que não se trata disso. Há em *Le Peuple* um pequeno conjunto de considerações sobre o industrial, esse empreendedor arguto, que em sua maioria, talvez, compõe uma classe de operários de origem; na primeira metade do século XIX, meio milhão de operários tornaram-se proprietários; outros tantos, comerciantes, esperando alcançar aquilo que supunham ser a sua independência.

Não se pode negar o mérito desse homem que se fez sozinho. Esses operários enriquecidos demonstraram arrojo, audácia, iniciativa e, assim, muitos fizeram fortuna, tais são as qualidades que Michelet destaca. Entretanto, esses homens, não raro de um passado militar, guardaram dessa origem não a honra, mas a violência, importando-se pouco ou nada com coisas e pessoas e tratando impiedosamente, para utilizar a expressão de Michelet, duas classes de homens: o operário e o consumidor.

A preocupação com os negócios, os riscos, a iminente crise e toda sorte de sofrimentos morais tornaram o industrial completamente indiferente aos sofrimentos materiais dos operários, ele não os conhece como seu pai, operário do tempo em que se admitiam aprendizes na infância da indústria.

O trabalhador considerado assim é apenas um detalhe, por vezes dispensável, desse mundo dominado pelas máquinas, cuja precisão, regularidade, velocidade o homem é incapaz de imitar; os únicos que escapam a essa lógica são exatamente os proprietários das pequenas fábricas, que ainda não perderam o laço com os operários,

uma vez que guardam a marca indelével do passado operário, por isso o compreende e o protege tanto quanto possível.

Sobre o comerciante, Michelet considera que homens como o operário e o industrial tomam-no como um ocioso. Sempre atrás do balcão, conversando o dia inteiro para ao final do dia recolher o dinheiro do caixa e, ainda por cima, devolve ao industrial todas as humilhações que sofrera do comprador; no entanto, ele também tem as suas servidões.

Michelet lembra que ele é obrigado a empreender uma guerra de trapações se pretende sobreviver. Para tanto, muitas vezes conta com a cumplicidade do industrial com pequenas e grandes fraudes, alterando a qualidade, copiando as marcas da moda, enfim, há um imperativo que determina a conduta do comerciante, que é a miserável necessidade de mentir, fraudar, falsificar continuamente.

Para Michelet, a pior das falsificações é a da bebida. Ao comercializar uma mistura alcoólica que serve com o nome de vinho, o comerciante vende a embriaguez, e seu crime não é o do envenenamento, mas, sobretudo, o de aviltar o povo que procura nas tabernas o falso alívio de suas opressões, como vimos anteriormente. Embriagado e com os bolsos vazios, o operário das fábricas é lançado à rua; aos olhos do homem rico, o povo é assim.

Contudo, o comerciante também tem suas servidões, não tarda a rarear seus clientes, e o pior, seus devedores também somem. O comerciante vai esmorecendo e, além do dinheiro, perde o mais importante, o hábito do trabalho. Michelet enumera uma série de desvantagens da atividade do comerciante. Em primeiro lugar, o comerciante não cria, não vê, como o operário, o fruto de seu trabalho; outra desvantagem: é obrigado a agradar.

O comerciante é obrigado, a despeito de seu humor ou de alguma animosidade, a ficar alegre e cordial de um momento a outro, não somente ele, mas também sua

família. Ao abrir seu negócio, ele compromete a família inteira. O que esperar do funcionário? Seus sofrimentos são ainda piores. Ao contrário da relação entre o operário e o industrial, que têm um contrato simples, o primeiro vende seu tempo e seu trabalho, o segundo vende seu produto.

Nesse estado de servidões e opressões que atingem desde o operário até o industrial, do povo ao burguês, Michelet deposita sua fé no futuro na gente jovem e na sua necessidade de rejuvenescer constantemente, retomar suas raízes, acolhendo o pensamento popular, Michelet defende o pensamento de que, tanto à História da França como a sua atividade como historiador, é necessário retomar a seiva poderosa que desde 1789 fez o gênio, a riqueza e a força da França.

"De minha parte, espero que minha ciência, meu querido estudo, a História, se revitalize com essa vida popular e se torne, graças a esses recém-chegados, a coisa grande e salutar com que eu havia sonhado. Do povo sairá a História do povo."⁶²

Cabe notar que no original houve um deslize do tradutor na última frase, e que é bem significativa. Com a correção, pelo original, temos: "Do povo sairá o historiador do povo". Frase dúbia, que pode significar a autonomia necessária ao povo que, como seu próprio Prometeu, é senhor do seu devir, do progresso da História francesa. De outro lado, temos novamente a idéia do conhecimento aliado à identidade, à filiação do historiador à História da França, tornando a História um caso pessoal.

Por seu pertencimento a essa História, por ter passado pelas mesmas privações do seu povo, entende-o como ninguém e por isso se autoriza a falar dela. Seguindo o

⁶² *Op. cit.*, p. 101; no original: "Pour ma part, j'espère bien que ma science, ma chère étude, l'histoire, ira se ravivant à cette vie populaire, et deviendra par ces nouveaux venus, la chose grande et salubre que j'avais rêvée. Du peuple, sortira l'historien du peuple.", *op. cit.*, p. 139.

itinerário que perseguimos até aqui, e tomando a expressão de Michelet que nos parece exemplar: entende-o porque o amou mais, e é nessa chave que une conhecimentos e afetos que devemos compreender a obra micheletiana.

Capítulo 3 – *A memória* – experiência como conhecimento.

Várias temáticas ou como prefere Barthes, várias obsessões⁶³ são perseguidas por Michelet, entre elas o sentimento do povo e a idéia de pátria; e outras, como a amizade e o amor, estabelecendo sempre essa ligação entre conhecimentos e afetos, saber e interioridade. Mas há outro componente de que trataremos neste capítulo: refere-se a outro valor especialmente importante na obra de Michelet, a questão da experiência que, na visão do autor, legitima e autoriza sua fala.

O autor francês dedica seu pequeno livro a um grande amigo de formação, Edgar Quinet, ambos iniciados por Cousin na filosofia da História. Escrito mais que pessoal, *O Povo* não teve o compromisso de ser refém de nenhum esquema rígido, ao gosto da época. Sua obra, ele o atesta, originou-se muito mais da experiência como algo intrínseco à tarefa do historiador de reunir informações e acontecimentos, cujo encadeamento, de algum modo, ele próprio vivenciou:

“Este livro eu o fiz de mim mesmo, de minha vida e de meu coração. Brotou de minha experiência, muito mais que de meu estudo. Tirei-o da observação, das relações de amizade e vizinhança; coligi-o ao longo dos caminhos; o acaso gosta de servir aquele que persegue sempre um mesmo pensamento.”⁶⁴.

Assim é que sempre o vivido, a experiência e a lembrança vão nortear sua análise da sociedade francesa, à maneira da antropologia ou da etnologia, uma observação participante, como um método de investigação em que o estudioso visa integrar-se ao

⁶³A esse respeito, ver: BARTHES, Roland. *Michelet*. Trad. Paulo Neves. São paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁶⁴*Op. cit.*, p. 2; no original: “Ce livre, je l’ai fait de moi-même, de ma vie, et de mon coeur. Il est sorti de mon expérience, bien plus que de mon étude. Je l’ai tiré de mon observation, de mēs

grupo de indivíduos estudado, vivendo junto a este e participando de suas atividades por período relativamente prolongado, como se fosse um de seus membros, de modo a captar com maior riqueza de detalhes a vida do grupo estudado e minimizar a influência de sua presença sobre este.

A diferença aqui é que a identidade do historiador está completamente consonante com o seu objeto. E é por essa razão que Michelet defende a legitimidade do seu estudo, uma vez que ele próprio participou dessa comunidade, conhece-a desde as classes mais baixas. Em seguida, na mesma página, revela que também suas memórias corroboraram a sua obra de modo a dar-lhe sustentação: "Enfim, encontrei-o (o livro) sobretudo nas recordações da juventude. Para conhecer a vida do povo, seus trabalhos, seus sofrimentos, bastava-me interrogar as lembranças".⁶⁵

Temos, portanto, outro atributo importantíssimo na consideração da História micheletiana, que é a questão da memória, da recordação, do movimento de identificação do indivíduo e da sociedade, com base na interrogação de suas lembranças, o que, em outro momento, Michelet chamou *ressurreição integral do passado*. A esse respeito, Barthes já havia atribuído a Michelet a necessidade de um conhecimento fantasmático, sendo "fantasma" um empréstimo à psicanálise lacaniana para designar as fantasias ocultas ou os mistérios do subconsciente:

"(...) a História, em fim de contas, é a História do lugar fantasmático por excelência, isto é, o corpo humano; foi partindo desse fantasma, ligado nele à

rapports d'amitié, de voisinage; je l'ai ramassé sur les routes; le hasard aime à servir celui qui suit toujours une même pensée" *op. cit.*, p. 58.

⁶⁵*Op. cit.*, à p. 2; "Enfin, je l'ai trouvé surtout dans les souvenirs de ma jeunesse^a. Pour connaître la vie du peuple, ses travaux, ses souffrances, il me suffisait d'interroger mes souvenirs", *op. cit.*, p. 58.

ressurreição lírica dos corpos passados, que Michelet pôde fazer da História uma imensa antropologia”⁶⁶

A idéia da pesquisa histórica como uma ação antropológica pode ser mais bem exemplificada com as visitas de Michelet às fábricas, misturou-se à multidão para assim perder-se no sentimento do povo, do qual ele fez ou faz parte, para lembrar aqui suas origens operárias, daí sua legitimidade por vezes ostentada. Essa ação, que é um misto de pesquisa historiográfica e especulação antropológica norteadas pela recordação, faz-nos lembrar da origem simbólica da História com o nascimento de Clio, sua musa, filha do poder e da memória – Zeus e Minemosyne, respectivamente –, imagem cara aos antigos gregos, mas que ressoa ainda hoje como o poder da História de rememorar o passado e forjar o próprio presente; enfim, de criar e recriar contextos de identidade.

O historiador Michelet ampara-se em dois pilares de legitimação: a experiência e a lembrança. De ambas, tal como os antigos gregos consideravam, faz nascer a sua História e a identidade de seu povo, persegue a todo momento a memória para que nada escape ao esquecimento, ao tempo que tudo leva, tudo faz perecer. É preciso, portanto, que sua narrativa traga das profundezas do indivíduo e da pátria, sobretudo, as sensações de que a historiografia tradicional fora incapaz de restituir.

A importância da memória para Michelet está na atividade consciente da rememoração, muito diferente, para citar um exemplo distante e somente com intenção comparativa, do narrador proustiano que fala da *memória involuntária*, aquela desprovida de intencionalidade, cuja ocorrência não depende de um esforço consciente de recordar e que qualquer estímulo ao acaso é capaz de trazer à tona⁶⁷.

⁶⁶ BARTHES, R. *Aula*. Tradução e pós-fácio de Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989, p. 44-45.

⁶⁷ Lembramos aqui a propósito da *lembrança involuntária*, a famosa passagem de Proust segundo a qual o narrador tem a recordação de sua infância despertada pelo sabor de um biscoito, a “madeleine”, constante num dos romances do ciclo *Em busca do tempo perdido*, intitulado

Ao contrário, esse esforço de rememoração de Michelet é consciente e proposital, trata-se de reafirmar sua identidade pela lembrança do vivido, daquilo que legitimamente forjou sua existência, seu conhecimento interior. Essa “autoridade” se soma à outra, simbólica, mas que dá o tom de toda a sua obra. Além de se utilizar da observação e da memória, outorga-se o título de povo também, reconhece sua origem e a reivindica em sua obra como uma herança valiosa:

“Mereço, em vários sentidos, o verdadeiro nome do homem moderno, o nome de trabalhador. Antes de escrever livros, eu os compus materialmente.”⁶⁸

Temos, portanto, uma tríade composta por atributos que o autorizam a falar do povo, mais que qualquer outro: a observação, a memória, a identidade. A identificação torna sua História um caso pessoal. Que dizer de seu desconforto quanto às classes altas, de quem nada aprenderá?: “Que se pode aprender com as pessoas de sociedade? Jamais deixei um salão sem sentir o coração apequenado e frio”⁶⁹.

Assim, o “homem povo” sente a necessidade de voltar às classes baixas e sentir o calor vital, a experiência que só ao povo ele pode recolher, para assim dar-lhe voz:

“Du côté de chez Swann, edição brasileira: PROUST, Marcel. *No caminho de Swann; À sombra das moças em flor*. Trad. Fernando Py. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

⁶⁸ *Op. cit.*, p.2; no original: “Le vrai nom de l’homme moderne, celui de *travailleur*, je le mérite en plus d’un sens. Avant de faire des livres, j’en ai composé matériellement (...)”, *op. cit.*, p. 58.

⁶⁹ *Op. cit.*, p.3; no original: “Qu’apprendre avec ceux du milieu? Pour les salons, je n’en suis sorti jamais, sans trouver mon coeur diminué et refroidi”, *op. cit.*, p. 59.

"Então fechei os livros e voltei ao seio do povo tanto quanto me era possível; o escritor solitário mergulhou de novo na multidão, ouviu-lhe os rumores, observou-lhe as vozes (...)"⁷⁰.

Nessa imagem, temos como em muitas outras o recurso metafórico das forças da natureza; o "mergulhar na multidão" pressupõe perder-se em algo tão obscuro e selvagem quanto as correntes de um mar revolto. Lembremo-nos de algo como o "romance de aventura" cujo herói é arrancado de seu cotidiano e levado a vivenciar situações limite que se impõem num ritmo vertiginoso, acontecimentos que interferem tão abruptamente em sua vida quanto as águas intempestivas do alto mar.

Entretanto, é somente nesse "mergulho" que Michelet consegue se entronizar na vida do povo, seus costumes, suas aflições. Ora, por que um historiador, com toda a necessidade de distanciamento do objeto estudado, tal como entendiam seus pares nesse período, insiste em fazer parte dessa História? Seu comprometimento é de tal ordem que ele próprio se funde ao objeto estudado, e ainda que pensássemos nisso com naturalidade, uma vez que se trata da sua época, do seu tempo, salta-nos aos olhos a idéia de que um acadêmico se envolva tão apaixonadamente pelo seu estudo ao ponto de incluir-se nele.

Em outros momentos, Michelet atesta a precariedade da historiografia de sua época, bem como dos documentos oficiais, as estatísticas. Mas sua crítica não se resume aos escritos acadêmicos ou oficiais, também a Literatura da época é criticada, uma vez que a reconhece como forma de sistematização, estruturação da realidade e que, portanto, deve ser observada e considerada como arma.

Questiona se esses escritos, cuja autoridade dos literatos franceses contamina toda a Europa, são "legítimos", ou se mostraram apenas a face bizarra, mais fragilizada da

⁷⁰*Op. cit.*, p.3; no original: "Alors, j'ai fermé les livres, et je me suis replacé dans le peuple autant qu'il m'était possible; l'écrivain solitaire s'est replongé dans la foule, il en a écouté les bruits, noté les

sociedade francesa e que a deixa “nua” diante das outras nações: “Importaria examinar se esses livros franceses, tão populares na Europa, tão cheios de autoridade, representam realmente a França; se dela não mostraram certas faces excepcionais, bastante desfavoráveis(...)”⁷¹.

Para Michelet, o que nos chama a atenção quando observamos qualquer pessoa, é a parte defeituosa. Assim teria acontecido à França: seus defeitos foram temerosamente hipertrofiados. Seu “alvo” são alguns historiadores, literatos e artistas, cuja crítica aos amores errantes, às fragilidades morais, enfim, ao seu olhar enviesado ofusca a correta leitura da sociedade francesa. Vejamos esse parágrafo:

“Os românticos acreditavam que a arte estava sobretudo no feio. O amor errante parecia-lhes mais poético que a família, o roubo mais que o trabalho, a prisão mais que a oficina. (...). Senti-la e mostrá-la não é tarefa do contra-regra; não é preciso aí multiplicar os lances teatrais. Bastam olhos afeitos a essa luz suave, capazes de enxergar na obscuridade, no pequeno e no humilde; e o coração também ajuda a ver nesses recessos do lar e nessas sombras de Rembrandt”⁷².

Essa defesa do povo, a historicização de sua imagem visa reabilitar a própria nação francesa, sempre retratada, segundo Michelet, de uma forma superficial, especialmente por uma Literatura que fazia da vida social francesa uma realidade

voix...”, *op. cit.*, p. 58.

⁷¹*Op. cit.*, p.5; no original: “Il importerait d’examiner si ces livres français qui ont tant de popularité en Europe, tant d’autorité, représentent vraiment la France s’ils n’en ont pas montré certaines faces exceptionnelles, très défavorables (...)”, *op. cit.*, p. 60.

⁷²*Op. cit.*, p.8; no original: “Les romantiques avaient cru que l’art était surtout dans le laid. Ceux-ci ont cru que les effets d’art les plus infaillibles étaient dans le laid moral. L’amour errant leur a semblé plus poétique que la famille, et le vol que le travail, et le bain que l’atelier. La sentir et la montrer, ce n’est point l’affaire du machiniste; il n’y faut multiplier les accidents de théâtre. Seulement, il faut des yeux faits à cette douce lumière, des yeux pour voir dans l’obscur, dans le petit et dans l’humble, et le cœur aussi aide à voir dans ces recoins du foyer et ces ombres de Rembrandt.”, *op. cit.*, p. 63.

reprovável aos olhos da boa sociedade. É preciso entender que para Michelet o povo sempre é o vigor ou a falência das nações; por decorrência, é somente ao reabilitá-lo que ele reabilitará a própria França. Não por acaso é o seu inconformismo com autores de grande notoriedade, especialmente, Eugène Sue⁷³, Honoré de Balzac⁷⁴, George Sand⁷⁵.

Michelet vislumbra nesses autores uma imagem fraturada do povo, que leva em conta somente vícios e torpezas e, portanto, pouco honesta se considerado o processo histórico que originou o modo de vida que levam os trabalhadores franceses. Ao

⁷³ Sue, Eugène (1804–1857), autor de *Os mistérios de Paris* (1842–1843) e *O judeu errante* (1844–1845).

⁷⁴ Balzac, Honoré de (1799–1850), autor de 95 romances e numerosos contos curtos, obras de teatro e matérias jornalísticas. Em 1834, teve a idéia de fundir todos os seus romances em uma obra única, *A comédia humana*, com a intenção de oferecer um grande afresco da sociedade francesa. Incluiria 150 romances, divididos em três grupos principais: *Estudos de costumes*, *Estudos filosóficos* e *Estudos analíticos*. Conseguiu completar aproximadamente dois terços deste enorme projeto. Romances: *Le Père Goriot* (1834), *Eugénie Grandet* (1833), *A busca do absoluto* (1834) e *Ilusões perdidas* (1837–1843). Romances: *A pele de onagro* (1831), *A obra-prima desconhecida* (1832), *O lírio do vale* (1835–1836), *César Birotteau* (1837) e *O padre de Tours* (1839), a peça de teatro *Vautrin* (1839) e suas célebres *Cartas à estrangeira*, que reúnem a longa correspondência que manteve desde 1832 com Eveline Hanska.

⁷⁵ Sand, George (1804–1876), pseudônimo de Amandine Aurore Lucie Dupin, baronesa Dudevant, romancista francesa do movimento romântico, cujo estilo de vida anti-convencional e seus numerosos amores escandalizaram a sociedade parisiense. Entre seus romances destacam-se: *Indiana* (1832), *Valentine* (1832), *Lélia* (1833), *Um inverno em Mallorca* (1841), *Consuelo* (1842), *François et Champi* (1848), *A pequena Fadette* (1849), *Jean de la Roche* (1860) e *O Marquês de Villemer* (1861). Em 1854–1855 foi publicada sua biografia *História de minha vida* e em 1873 *Contos de uma avó*, uma coleção de contos.

desconhecer sua história e suas opressões, esses autores, “tão cheios de autoridade”, pintam um quadro desprezível da sociedade francesa.

A prisão é sempre mais poética que a oficina; o amor errante, mais que a família; o crime, mais que o trabalho, e sentencia: “(...) se eles próprios tivessem descido, por seus sofrimentos pessoais, às profundas realidades da vida da época, veriam que a família, o trabalho, a vida mais humilde do povo possuem, por si mesmos, uma poesia sagrada”.⁷⁶

Portanto, é sempre a experiência, na visão de Michelet, que vai contribuir para uma correta leitura da sociedade francesa. Nesse sentido, *Le Peuple*, foi escrito como uma resposta a esses escritos. Como advogado do povo, ele coloca em questão a autoridade desses autores ao construir uma imagem amplamente desfavorável e vergonhosa à França, face à Literatura erigida nesse período. Completando frase já mencionada, Michelet declara:

“Importaria examinar se esses livros franceses, tão populares na Europa, tão cheios de autoridade, representam realmente a França; se dela não mostraram certas faces excepcionais, bastante desfavoráveis; se essas pinturas, onde sô encontramos nossos vícios e torpezas, não causaram a nosso país uma injustiça enorme, perante as nações estrangeiras. O talento, a boa fé dos autores, a conhecida liberalidade de seus princípios deram às suas palavras um peso opressivo. O mundo acolheu seus livros como um julgamento terrível da França sobre si mesma”⁷⁷

⁷⁶ *Op. cit.*, p. 6; no original: “(...)S'ils étaient descendus eux-mêmes, par leurs souffrances personnelles, dans les profondes réalités de la vie de cette époque, ils auraient vu que la famille, le travail, la plus humble vie du peuple, ont d'eux-mêmes une poésie sainte.”, *op. cit.*, p. 63.

⁷⁷ *Op. cit.*, p. 5; no original: “Il importerait d'examiner si ces livres français qui ont tant de popularité en Europe, tant d'autorité, représentent vraiment la France s'ils n'en ont pas montré certaines faces exceptionnelles, très défavorables, si ces peintures où l'on ne trouve guère que nos vices et nos laideurs, n'ont pas fait à notre pays un tort immense près des nations étrangères.

Não obstante, reconhece que quando os escritores atentaram para isso e reconheceram “as profundas realidades da vida e da época”, enfim, quando identificaram a “poesia sagrada” que envolve os simples, foram admiráveis. Mais uma vez, Michelet confronta a sua condição de “povo” para legitimar sua observação: “E eu, que saí dele, eu que vivi com ele, que trabalhei e sofri com ele, venho opor a todos a personalidade do povo”⁷⁸.

Revela as suas virtudes de sacrifício, a bondade, a faculdade do devotamento e as superioridades do espírito. Essa “defesa”, via de regra, é demonstrada pelo esforço mimético, por uma representação quase que literária, que antecede mesmo a análise de seu objeto. Isso se evidencia no início de cada capítulo em que ele procura desvencilhar-se das análises mais corriqueiras para assim considerar todo o processo histórico que envolve determinada situação ou posição social.

Curioso verificar que, ao fazer a defesa do povo, Michelet ataca os literatos coetâneos, ataca sobretudo o livro, instrumento por excelência institucional, que porta a autoridade da palavra escrita e impressa, e que oferece ao mundo – numa perspectiva simplista – a versão acabada de uma verdade inexistente. Ora, Michelet, ao defender seu “povo”, também se utiliza desse veículo consagrado pela academia e portador de uma autoridade sublime no século XIX, uma dignidade superior à da imprensa que, a essa altura, já começa a tomar o seu lugar.

Para Michelet, nesse sentido, a obra histórica deve se oferecer como um elo entre os “simples” e os letrados, e o historiador como um sacerdote que entende a religião como re-ligação entre os mortais e o divino, passando, necessariamente, pela

Le talent, la bonne foi des auteurs, la libéralité connue de leurs principes, donnaient à leurs paroles un poids accablant. Le monde a reçu leurs livres, comme un jugement terrible de la France sur elle-même.”, *op. cit.*, p. 60.

⁷⁸*Op. cit.*, p. 8; no original: “Et moi, qui en suis sorti, moi qui ai vécu avec lui, travaillé, souffert avec lui, qui plus qu’un autre ai acheté le droit de dire que je le connais, je viens poser contre tous la personnalité du peuple”, *op. cit.*, p. 63.

intermediação de um iniciado que porta a um só tempo a sabedoria dos simples e o conhecimento dos doutos.

A História vista, assim, como religião e o historiador, como sacerdote, tem seu correspondente na academia. Ele próprio, um acadêmico, pode fazê-lo, pois conhece os códigos, isto é, é portador de um arcabouço verbal à guisa de uma ciência que beira a arte, mas que também é reconhecida como ciência no sentido institucional.

Em Michelet os acontecimentos nacionais se misturam às experiências pessoais, seu esforço mimético não se resume em recriar uma atmosfera próxima à realidade que pretende reconstruir, mas, em alguns momentos, sua própria experiência se funde aos acontecimentos narrados. Numa dessas passagens, funde o drama nacional que são as derrotas do Império Napoleônico ao estado de saúde de sua mãe, "Minha mãe piora, a França também (Moscou!... 1813!...)"⁷⁹, e segue numa fusão composta de dramas pessoais e o temor pelos acontecimentos políticos:

"(...) o inimigo a dois passos (1814!) e os meus inimigos rindo de mim diariamente, certo dia, numa quinta-feira de manhã, eu me recompus: sem fogo (a neve recobria tudo), não sabendo sequer se teria pão à noite, tudo parecendo acabar para mim – tive em mim, uma mescla de esperança religiosa, um puro sentimento estoico –, esmurrei com a mão enregelada a mesa de carvalho (que ainda conservo) e senti uma alegria viril de juventude e futuro"⁸⁰.

Além do procedimento de identificação que se impõe com sua História, consolidando sua autoridade como homem do povo, cujo pertencimento às "classes

⁷⁹ *Op. cit.*, p.15; no original: "Ma mère devient plus malade, la France aussi (Moscou!... 1813!...)", *op. cit.*, p. 69.

⁸⁰ *Op. cit.*, p.17; no original: "(...) l'ennemi était à deux pas (1814)!, et mes ennemis à moi se moquant de moi tous les jours, un jour, un jeudi matin, je me ramassai sur moi-même : sans feu (la neige couvrait tout), ne sachant pas trop si le pain viendrait le soir, tout semblant finir pour moi, – j'eus en moi, sans nul mélange d'espérance religieuse, un pur sentiment stoïcien, – je frappai de ma main, crevée par le

baixas” é atestado por uma juventude cheia de privações, Michelet também enaltece a importância de sua atividade como professor, destacando a contribuição de seus alunos, seus cúmplices, na construção de um conhecimento que só pode ser fundado na amizade:

“Sem saber, prestaram-me um serviço imenso. Se, como historiador, eu tivesse um mérito especial que me colocasse ao lado de meus ilustres predecessores, eu o deveria ao ensino, que para mim foi a amizade. Esses grandes historiadores foram brilhantes, judiciosos, profundos. Mais eu amei mais. Também sofri mais. As provações da infância me são sempre presentes, guardei a impressão do trabalho, de uma vida áspera e laboriosa, continuei sendo povo”⁸¹.

Michelet insiste em sua filiação com o povo, declarando suas privações da juventude e, exatamente por isso, o fato de ter mudado sem ter corrompido sua essência, “(...)cresci como erva (sem sol) entre duas pedras da calçada, mas essa erva conservou sua seiva, (...). O difícil não é subir, mas subir permanecendo o mesmo”⁸².

Seus escritos, ainda que sempre se refiram à multidão empregando metáforas relacionadas à força desmesurada, perigosa e incontrollável da natureza, também se utilizam dos atributos “positivos” dessa mesma natureza, portadora de uma energia e uma força revigorante, própria de seus ciclos:

froid, sur ma table de chêne (que j'ai toujours conservée), et sentis une joie virile de jeunesse et d'avenir., *op. cit.*, p. 70.

⁸¹*Op. cit.*, p.19; no original: “Ils m'ont rendu, sans le savoir, un service immense. Si j'avais, comme historien, un mérite spécial qui me soutînt à côté de mes illustres prédécesseurs, je le devrais à l'enseignement, qui pour moi fut l'amitié. Ces grands historiens ont été brillants, judicieux, profonds. Moi, j'ai aimé davantage.

J'ai souffert davantage aussi. Les épreuves de mon enfance me sont toujours présentes, j'ai gardé l'impression du travail, d'une vie âpre et laborieuse, je suis resté peuple”, *op. cit.*, p. 71-72.

⁸²*Op. cit.*, p. 19; no original: “(...) j'ai crû comme une herbe entre deux pavés, mais cette herbe a gardé sa sève, (...). Le difficile n'est pas de monter, mais, en montant, de rester soi”, *op. cit.*, p. 72.

"Hoje, compara-se com freqüência a ascensão do povo, seu progresso, à invasão dos bárbaros. A palavra me agrada, aceito-a... bárbaros! Sim, isto é, cheios de uma seiva nova, viva e rejuvenescedora(...)

Nós, os bárbaros, temos uma vantagem natural; se as classes superiores têm a cultura, temos muito mais calor vital"⁸³.

A palavra bárbaro, por exemplo, é positivada como rejuvenescimento da sociedade; ao corrompê-la, também traz a força de uma transformação que a moderniza, uma "seiva nova" como diz, é dessa substância que é feito o povo. E o povo para Michelet é apenas a matriz de algo que concorre sempre para a alma nacional. Uma vez que é inconcebível povo sem pátria, Michelet passa à exaltação da alma nacional:

"Nossa ruína é absurda, ridícula, só provém de nós mesmos. Quem tem uma Literatura que ainda domina o pensamento europeu? Nós, por mais que estejamos enfraquecidos. Quem tem um exército? Nós apenas"⁸⁴.

⁸³ *Op. cit.*, p. 19-20; no original: "Souvent aujourd'hui l'on compare l'ascension du peuple, son progrès, à l'invasion des Barbares! Oui, c'est-à-dire pleins d'une sève nouvelle, vivante et rajeunissante. (...)

Nous avons, nous autres Barbares, un avantage naturel; si les classes supérieures ont la culture, nous avons bien plus de chaleur vitale", *op. cit.*, p. 72.

⁸⁴ *Op. cit.*, p. 22; no original: "(...)notre ruine est absurde, ridicule, elle ne vient que de nous. Oui a une littérature, qui domine encore la pensée européenne? Nous, tout affaiblis que nous sommes. Qui a une armée? Nous seuls.", *op. cit.*, p. 74.

Esse sistema se torna completo quando Michelet evoca a união, não das classes, uma vez que não entende o povo como uma sociedade dividida em classes, mas a união de propósitos, uma conciliação que pouco tem a ver com o contrato social de Hobbes, mas com uma filia, substância própria e essencial da idéia de nacionalidade. Michelet termina seu prefácio com um manifesto:

"Um povo! Uma pátria! Uma França!...

Franceses de qualquer condição, de qualquer classe ou partido, guardai bem uma coisa: sô tendes nesta terra um amigo seguro, a França. Sereis sempre culpado perante a coalizão eterna das aristocracias de ter desejado, há cinqüenta anos, libertar o mundo. Não vos perdoarão nunca. Sois ainda um perigo para eles. Podeis vos distinguir uns dos outros por diferentes nomes de partidos. Mas, como franceses, estais condenados em conjunto. Perante a Europa, sabei-o bem, a França só terá um nome, inexpiável, que é seu verdadeiro nome eterno: A Revolução!"⁸⁵.

Desse modo, Michelet fecha seu sistema de consagração da alma nacional. O "povo", a "pátria" e a "França", esses três elementos, vão dar o tom a uma História que tem como acontecimento mestre para esse país: a Revolução, a verdadeira religião de Michelet, a partir de cujos ideais fora reivindicado fundar sua base e força. Não obstante, sua raiz não parece ser a de uma História política, mas de uma História afetiva que procura explicar o processo histórico corrente, considerando o "sentimento do povo"

⁸⁵*Op. cit.*, p. 23; no original: "Un peuple! une patrie! une France!... Ne devenons jamais deux nations, je vous prie.

Sans l'unité, nous périssons. Comment ne le sentez-vous pas?

Français, de toute condition, de toute classe, et de tout parti, retenez bien une chose, vous n'avez sur cette terre qu'un ami sûr, c'est la France. Vous aurez toujours, par-devant la coalition, toujours subsistante, des aristocraties, un crime, d'avoir, il y a cinquante ans, voulu délivrer le monde. Ils ne l'ont pas pardonné, et ne le pardonneront pas. Vous êtes toujours leur danger. Vous pouvez vous distinguer entre vous par différents noms de partis. Mais, vous êtes, comme Français, condamnés d'ensemble. Par-devant l'Europe, la France, sachez-le, n'aura jamais qu'un seul nom, inexpiable, qui est son vrai nom éternel: La Révolution!", *op. cit.*, p. 75.

como essencialmente importante para o entendimento da História francesa e suas conquistas.

Na segunda parte de *Le Peuple*, em sua primeira seção intitulada "O instinto do povo, pouco estudado até hoje", Michelet insiste na incompreensão dos literatos e observadores sociais em relação ao povo. A apreciação desses autores, sempre criticados por Michelet, é enviesada pela impressão das classes altas. Vêem o povo somente pelos seus vícios, nas tabernas, nas galês e prisões.

O equívoco apontado em *Le Peuple* é que os autores criticados destacaram sempre o excepcional na sociedade francesa e, o que é pior, sem entendê-lo, daí a ojeriza da boa sociedade em relação ao povo, sobretudo à classe que vai posar para esses pintores do povo, recolhido à multidão das grandes cidades, especialmente aqueles que mais contribuíram para esse quadro, a classe industrial. Para Michelet, esses autores não se dignaram a verificar que essa classe é apenas um sexto da população que pretenderam retratar, isto é, tomaram-na pelo todo.

Michelet convida-os a examinar bem essas turbas espirituosas e corrompidas das grandes cidades, observar seus costumes, seu linguajar, sua má educação, se quiserem. Um povo nem puro nem irrepreensível, mas, que dentre eles e ao seu modo, é possível encontrar espíritos bastante cultivados cujos ensinamentos podem ser valiosos para o analista social.

Essa educação do povo que se dá ao simples contato cotidiano produz um *calor natural*, uma sabedoria peculiar promovida pelo sentimento de fraternidade. Para caracterizá-la, é preciso nortear-se pelo sentimento principal que domina a maioria, enxergá-la como classe preocupada em estabelecer, pelo trabalho, pela economia, os meios mais dignos de uma obra imensa que é a participação de todos na propriedade, de que é feito o poder na França, sempre referendado por Michelet. Para entendê-la, é

preciso ir ao âmago da sua existência, por trás de seus costumes, muitas vezes tidos como grosseiros.

"Queria chegar ao fundo da terra. Mas, dessa vez, não é um monumento de ódio e de guerra civil que gostaria de exumar... O que quero, ao contrário, é encontrar, penetrando essa terra estéril e fria, as profundezas onde reinicia o calor social, onde está guardado o tesouro da vida universal, onde se reabririam para todos as fontes estancadas do amor."⁸⁶

A crítica que Michelet faz aos notáveis escritores de sua época revela sua indisposição, sobretudo com relação aos românticos. Entretanto, não podemos ignorar a filiação de Michelet com certo romantismo político. Expresso de outro modo, queremos dizer que a própria inclusão do povo como agente histórico é procedimento de uma certa tradição romântica.

Ao afirmá-lo, apoiamo-nos na concepção de Jacob Guinsburg⁸⁷ que defende o romantismo como um movimento de uma "emergência histórica" que revoluciona uma gama de práticas culturais, artísticas, científicas e, sobretudo, uma visão de mundo, uma maneira de pensar dos europeus entre o final do século XVIII e meados do século XIX. Trata-se de reconhecer no romantismo para além de uma escola, movimento, estilo, ou qualquer outro tipo de classificação estéril, "uma maneira de pensar que pensou e se pensou historicamente".

⁸⁶ *Op. cit.*, p. 120; no original: " Je voudrais atteindre au fond de la terre. Mais ce n'est pas cette fois un monument de haine et de guerre civile que je voudrais exhumer... Ce que je veux, c'est au contraire, de trouver, en descendant sous cette terre stérile et froide, les profondeurs où recommence la chaleur sociale, où se garde le trésor de la vie universelle, où se rouvriraient pour tous les sources tarries de l'amour", *op. cit.*, p. 155.

⁸⁷ GUINSBURG, Jacob. "Romantismo, Historicismo e História" in: GUINSBURG, J. (org). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

Nesse aspecto, distancia-se cabalmente do cristianismo ou da concepção clássica da História, que destacava os "heróis" ou personalidades ilustres, como exemplificadora de uma ética a ser seguida. Ao contrário, o que chamamos aqui de uma história romântica, leva em conta os acontecimentos subordinados à ação do homem, motor incontestável da História e que destacam, sobretudo, a sua participação no movimento revolucionário.

Na mesma obra, organizada por Guinsburg, encontramos o argumento de Nachman Falbel⁸⁸, para o qual o período que normalmente se denomina por "romântico" desabrochou no processo histórico posterior à Revolução Francesa e à Revolução Industrial. Em especial, a Revolução Francesa permitiu entrever um momento crucial a partir do qual a realidade é vista como histórica e o homem como sujeito histórico, ganhando enorme importância na historicização de temas, como a nação, o povo e tantos outros ideais gregários que vão nortear todos os movimentos que se seguiram.

Com Guinsburg, o romantismo faz tudo ser "histórico" e, por conseqüência, tudo se torna realidade a partir da consideração do processo histórico que acompanha todos os acontecimentos. Nessa lógica é que Michelet buscará erigir sua História, alicerçada no passado revolucionário francês, creditando ao povo o heroísmo e o sacrifício que o tornou protagonista da História.

Não nos ocupamos aqui de analisar a solidez dessas classificações do que se conhece por movimento romântico, mas antes de reconhecer os princípios universalizantes de igualdade, liberdade e fraternidade, apoiados na crença de progresso, amizade, entre outros que tornariam a História de Michelet uma representação da realidade sempre enviesada pelas aspirações políticas e sociais.

⁸⁸ FALBEL, Nachman. "Os fundamentos Históricos do Romantismo" in: GUINSBURG, J. (org). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

O autor de *Le Peuple* pretendeu, assim, ser sempre a voz portadora dessa enunciação revolucionária, que flagrou o movimento de emancipação do povo e da História ante as amarras do classicismo personalista, que destaca os "heróis" da História ou o cientificismo austero que não reconhece a alma desse mesmo povo.

Ao pretender "ressuscitar" a História francesa, Jules Michelet, com *Le Peuple*, procura legitimar-se como portador dessa história do povo, uma vez que faz parte dela e, ao contar parte de sua própria História nessa obra, procura vinculá-la à vida social francesa. Seu papel de "ressuscitador" da História global pretende dar voz ao povo na medida que recupera a voz daqueles que viveram ou vivem a realidade que se enuncia.

Sua concepção de História leva-o a retirar dos documentos a totalidade e a unidade viva, segundo uma cadeia de identidades cujo fio condutor é a sua memória e sua experiência. O "argumento testemunho" que enuncia é retirado de primeira mão junto ao passado da França e de sua história pessoal, de um conhecimento adquirido "sobre as estradas", mas também de sua própria experiência do trabalho e da pobreza.

Seu longo estudo dos séculos passados confirma a lição que retirou de suas lembranças pessoais, ao confrontar-se com a concepção clássica da História, com suas vidas ilustres; Michelet apresenta uma revolução sem heróis, sem nomes próprios, isto é, nenhum indivíduo em que se pudesse despejar a glória dos acontecimentos. Ao contrário, é a sociedade, com todos os seus atores, classes e interesses, que conduziu a França em sua vitória revolucionária.

Desse modo, se quisermos encontrar, depois dessa vitória, um herói, Michelet apresenta o povo, tem a sensibilidade e a sabedoria para concentrar sua atenção no passado desse povo, força motriz de sua História, "verbo social" e seu tempo. De dezembro de 1833 a janeiro de 1844, concebe os seis primeiros volumes de sua obra maior, *Histoire de France*. Interrogando-se sobre as origens da França, manifesta seu

interesse pelo povo e recusa-se a considerar o povo francês como um simples complexo racial:

“(...) a França fez a si mesma com esses elementos de que qualquer outra mistura poderia resultar. Os mesmos princípios químicos compõem o óleo e o açúcar. Uma vez dados os princípios, nem tudo está dado; resta o mistério da existência própria e especial”⁸⁹.

É a esse mistério que cerca o nascimento de todo ser vivo e que escapa a qualquer determinismo hereditário que Michelet pretende circunscrever com *Le Peuple*, determinar-lhe os movimentos, considerá-lo como um organismo vivo e pulsante, reconhecer a intervenção de uma multidão de desconhecidos que nunca chegaram ao poder, mas que agiram em silêncio, determinando a importância que se concede aos acontecimentos.

Michelet atribui ao povo um valor determinante nos destinos da nação francesa, ao dimensionar que são os povos que trazem a força e a fraqueza das nações; e não o contrário. É o entrecruzamento entre os dois termos que dará a idéia de pátria, pois não há povo sem pátria, mas depende do povo que a pátria seja um vínculo de servidão ou um monumento de liberdade.

⁸⁹ *Op. cit.*, p. XV; no original: “(...)la France s’est faite elle-même de ces éléments dont tout autre mélange pouvait résulter. Les mêmes principes chimiques composent l’huile et le sucre. Les principes donnés, tout n’est pas donné; reste le mystère de l’existence propre et spéciale”, *op. cit.*, p. 11.

Aponta-nos de chofre as limitações impostas pelo próprio solo e clima e nos lembra que todo estudo das origens de uma nação deve apoiar-se em sólida base geográfica. Entretanto, a intervenção do homem no meio natural, como a do camponês em relação ao solo, tudo altera e valoriza: a natureza torna-se campo, a oficina transforma material sujo e feio em produtos belos e úteis.

A essa pátria transfigurada pela ação do homem, Michelet chama de "nação". Lembra que o povo francês usa essa palavra com altivez; os *sans-culottes* têm seu grito: "Viva a Nação" convertido, no século XIX, na palavra de ordem dos democratas de toda a Europa. Considera nisso uma originalidade do mundo moderno que, conservando e mesmo aumentando a solidariedade entre os povos, só faz fortificar, portanto, o caráter de cada povo, tornando-o uma pessoa, isto é, fortalecendo a sua unidade.

Mencionamos há pouco que Michelet declara ter "colhido" *Le Peuple* nas estradas, qual um passante solitário, sempre confrontando sua história, suas experiências com a observação do povo, nas oficinas, nos bulevares, nas duas margens do Sena. Impossível imaginar, como sugere Villianeix na biografia de Michelet, esse parisiense de nascença cochilando no banco de uma diligência. Traz os olhos abertos, presta atenção nas conversas e mistura-se a elas.

Le Peuple parece assim menos com um livro e mais com um diário de bordo, cujo portador, na parada da noite, faz notas sobre o que acaba de aprender sobre os trajes, os costumes, as técnicas e as falas do povo. Esforça-se para interpretá-las à luz de sua experiência, experiência de quem já foi povo e por isso pode falar dele não imparcialmente, mas completamente comprometido em fazer justiça ao mundo mental do homem da terra e do operário; que vê, por exemplo, nas robustas flamengas que lhe voltam as costas não um sinal de antipatia ou animosidade, mas o sinal de um povo laborioso, menos preocupado com o comércio de passagem e mais interessado pela

agricultura. Assim reconhece a personalidade e perseverança, por meio da paisagem, ao camponês.

Começa seu inquérito por Lyon (e em Saint-Etienne) em 1839, sua intenção é visitar as grandes cidades industriais, como o fizera cinco anos antes na Inglaterra, flagrando, em Manchester e em Liverpool, a ascensão do maquinismo que estava em vias de transformar o trabalhador em proletário. Compara-os com as lembranças que tem dos artesãos de sua infância, cotejando a pobreza dos últimos à miséria dos primeiros.

Lembrando o tempo dos tecelões que cantavam à medida que trabalhavam, seguindo o ritmo de seus teares, assim como seu pai que cantava a romanza enquanto compunha na tipografia, um tempo que, resignado, admite que já não mais voltará. Diagnosticando o mal que se aproxima com a escravidão dos operários dependentes das máquinas, nota que é a máquina e não o homem que dita o ritmo, ela que o faz trabalhar.

Na expectativa de uma revolução que colocaria fim a esse tipo de escravidão, promete a si mesmo denunciá-la; anota em seu diário, no dia três de setembro de 1834, que a pesquisa dos ricos já havia sido feita, agora era necessário fazer a resposta dos pobres.

Juramento respeitado, Michelet, qual um advogado dos pobres, durante suas viagens, acumula as informações que vão alicerçar sua resposta. Ao se dirigir a Lyon, em março de 1839, ele o fez para interrogar o tipo de operário das fábricas de seda daquela cidade, recentemente protagonista de revoltas. Não se limita a ouvir e interrogar Arlès-Dufour, seu guia, mas interpela os operários que tomaram parte naquela insurreição, descobrindo como a oficina era incrivelmente suja, o trabalho infantil era explorado e a remuneração insuficiente.

Nos anos seguintes, a experiência em Saint-Etienne se renova frequentemente. Já em Rouen, recolhe a maior parte das informações que comporão, em *Le Peuple*, o quadro da unidade "Servidões do operário dependente das máquinas", que analisamos no capítulo 2. A revolta que experimenta, sobretudo influenciada pelas lembranças da juventude, não o cega, ao contrário, ele continua a experimentar os malefícios do maquinismo que, escandalosamente, produz riqueza ao mesmo tempo que reproduz miséria entre os operários.

Somada às experiências pessoais e a sua perseverança, como defendeu Viallaneix, toda uma "violenta alquimia moral" determinou a gênese de *Le Peuple*. Essa alquimia, ao que parece, teve por origem o fim da vida de Pauline, cujo último suspiro Michelet recolhe a 31 de maio de 1842. Esse fato causou em Michelet sinais de um desespero inesperado e o lança no estado que ele mais teme: a solidão, e relata-o em seu *Journal* no dia 12 de setembro: "Ah! É preciso convir que não são meras palavras: *Sereis uma só carne...* Deus! Tudo junto, depois nada junto.... é morrer mais que se ambos tivessem morrido."⁹⁰

Entretanto ele avança em sua obra, declara ter nascido só e, portanto, é preciso fazer como se fosse só realmente, lembrando que há alegrias próprias da solidão. Lembra-se de seus alunos, para os quais não pretendeu ser o centro, mas apenas insuflar-lhes o espírito da vida por meio de um gênio maternal. Teve milhares de filhos-alunos dispersos no espaço e no tempo, mas nenhum que pudesse abraçar. A essas amarguras Villianeix contrapõe uma energia descomunal. Mesmo depois da morte da Senhora Dumesnil, um grande ímpeto vai apoderar-se de Michelet, arrancá-lo à solidão

⁹⁰ *Apud* Viallaneix, Paul, *op. cit.*, p. XXIV; no original: "Ah! C'est qu'il faut convenir que ce ne sont pas de vaines paroles: *Vous devenez même chair...* Dieu! Tout ensemble, puis rien ensemble... : c'est mourir, plus que si tous les deux étaient morts.", *op. cit.*, p. 18.

e transportá-lo à defesa de uma comunidade da qual se converterá em profeta, "Que remédio mais adequado para o mal da solidão do que o 'sentido do povo'?"⁹¹

⁹¹ *Op. cit.*, p. XXV; no original: "Quel remède mieux approprié au mal de la solitude que le 'sens du peuple'?", *op. cit.*, p. 19.

Capítulo 4 – *A observação – cenas do cotidiano.*

Antes de utilizar os exemplos que demonstram como Michelet recria cenas cotidianas de forma a restituir o sentido dos eventos que pretende enunciar, julgamos apropriada uma discussão sobre a relação entre o discurso histórico e o fazer literário.

Hayden White, em ensaio intitulado "O texto histórico como artefato literário"⁹², traz questão primordial, mas não nova, a respeito do fazer do historiador, isto é, qual o *status* epistemológico das explicações históricas? Questão que sugere ainda outras, como: qual é a estrutura de uma consciência particularmente histórica? Ou então: quais as formas possíveis de representação histórica e quais são suas bases?

Alerta-nos o autor que tanto os historiadores – que possivelmente são a um só tempo os mais indicados e os menos indicados para tal análise – quanto filósofos e teóricos da literatura não têm se dedicado adequadamente a explorar tais questões, só o fazendo tangencialmente. Em outras palavras, há que se debruçar mais seriamente sobre a ideia do *status* da narrativa histórica, via de regra, considerada apenas "como artefato verbal que pretende ser um modelo de estruturas e processos há muito decorrido, e, portanto, não sujeitos a controles experimentais ou observacionais"⁹³.

⁹² WHITE, Hayden. "O texto histórico como artefato literário" in: *Trópicos do discurso – ensaios sobre a crítica da cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: USP, 1994.

⁹³ WHITE, H. *op. cit.*, p. 98.

Cabe reconhecer, nesse sentido, o caráter provisório de toda representação histórica, de modo geral, todo historiador sério apressa-se em reconhecer a precariedade ou a provisoriedade das construções que faz e é exatamente disso que depende grande parte de sua credibilidade. Bem como, com a mesma frieza, é forçoso reconhecer que os teóricos literários também se debruçaram por precaução sobre a natureza da estrutura das narrativas históricas.

Não obstante, num e noutro caso, mostra-nos White, houve durante certo tempo, relutância em reconhecer as narrativas históricas como “ficções verbais”, cujos conteúdos podem ser inventados ou descobertos e que, sob esse aspecto, a literatura e a história, ou, de modo mais abrangente, a ciência e a arte se entrecruzam⁹⁴.

⁹⁴ Entre aqueles que possuem algum conhecimento da historiografia francesa oitocentista, é famosa a frase de Jules Michelet: “Je suis un homme complet ayant les deux sexes de l’esprit”. Célia Pedrosa utilizou-se desse “axioma-testemunho” para traçar interessante paralelo entre o historiador francês e a obra de Antonio Candido que comenta em ensaio de publicação que homenageia o autor da “Formação da Literatura Brasileira”: PEDROSA, Célia. “Os dois gumes da história” in: D’Incao, Maria A.; SCARBOTO, Eloisa F. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antonio Candido*. São Paulo: Companhia das Letras; Instituto Moreira Salles, 1992. Nesse ensaio, a autora reconhece nos dois uma articulação entre os “dois sexos do espírito”: o racional e o imaginativo, o reflexivo e o intuitivo e apaixonado. Revela, em Candido, a necessidade de analisar não só a prática do historiador, mas também o que chamou de “vitalidade fértil dos acontecimentos” por meio da contradição. Em a “Formação da Literatura brasileira”, Candido defende o duplo empenho segundo o qual considera “a pena como algo orgânico do escritor, fazendo parte do seu corpo e prolongando no contato com a página o ritmo da sua vida”. Haveria frase mais micheletiana?

Considera Pedrosa que a “pena orgânica” poderia caracterizar os escritores que, ao se apropriar do ideário do Iluminismo europeu, puderam desenvolver uma atividade intelectual e pessoal de “duplo gume”, na associação entre o subjetivismo e o engajamento político. Ao comentar a obra de Candido, a autora oferece-nos excelente leitura da relação entre mimesis e poesis, – não rara também em Michelet, ou seja, o conhecimento de uma atividade a um só tempo mimética e poética, referencial e criativa, própria dos fazeres literário e historiográfico, por sua vez remissiva ao campo intelectual e social, que passa por um movimento de reelaboração que faz referência a uma realidade histórica, fruto tanto de uma “razão filosófica” quanto de uma imaginação política.

Segundo essa perspectiva, podemos aproximar Antonio Candido e Michelet, ambos na condição de historiadores que souberam redimensionar a reflexão sobre o seu objeto à medida que colocaram em cena da obra que erigiram o próprio historiador, evitando sempre adequar suas obras a quaisquer esquemas conceituais rígidos. Comum também aos dois autores a formação de ambos nas ciências sociais e nas letras, articulando sociologia, história e estudos literários, reafirmando a importância do dado racional e imaginário.

Não é sem polêmica que a constatação anterior atingiu a academia, especialmente os historiadores e teóricos da literatura. O que vemos constantemente é a tentativa de construir uma oposição cabal entre o fazer literário, com seus expedientes ficcionais e o ofício do historiador. Como lembra Northrop Frye, “em certo sentido, o histórico é o oposto ao mítico, e dizer ao historiador que aquilo que dá forma ao seu livro é um mito lhe parecia vagamente acintoso”⁹⁵. Também é de Frye a afirmação que atribui a todo historiador a constituição de sua obra como algo mítico na forma, aproximando-se do poético.

Ainda utilizando-se das formulações de Frye, White demonstra como a História por vezes se constitui com base em uma categoria de “escrita discursiva” que, num dado momento, torna-se uma espécie de “gênero bastardo”, produto de uma união profana entre a história e a poesia. O que para a maioria dos críticos é apontado como um problema e talvez o maior inconveniente da História, para Hayden White pode ser virtude incontestável. Segundo o autor, as histórias só conseguem parte de seu caráter explicativo graças ao sucesso de suas “estórias de simples crônicas”. A essas “criações” White chama de “urdidura do enredo”, entendida aqui como codificação dos fatos

Especialmente em *Candido*, podemos encontrar uma definição valiosa da literatura como “atividade ou processo de estruturação para o qual contribuem dados psicológicos, sociológicos, históricos, lingüísticos e estéticos – devidamente transformados pela elaboração racional e imaginativa que lhes impõe cada escritor. A unidade textual, portanto, é compreendida como organicidade complexa de múltiplos e, às vezes, contraditórios componentes.”

A relação passado-presente, autor-obra se estabelece à medida que *Candido* considera sua atividade um *ato crítico*, que se constrói e se transforma com base na realidade do autor, do tempo em que se escreve. Sua pena orgânica, assim considerada, coincide com outra afirmação recolhida por Pedrosa, segundo a qual Antonio Candido revela que “a tarefa política do intelectual não é a de sair às ruas, empunhando a bandeira de um partido ou os dogmas de alguma ideologia, mas a de pôr ordem nas idéias, visando combater todas as formas de pensamento reacionário”.

O importante ensaio de Célia Pedrosa, para além de oferecer aguda leitura da obra de Antonio Candido, permite-nos reconhecer o quanto sua “postura” na obra e na vida são coincidentes, – ainda que separados por um século – com a de Jules Michelet. Autores que contribuíram significativamente, na França e no Brasil, para a recusa da rígida divisão disciplinar que impõe cercas e muros de classificações simplistas em detrimento da sensibilidade e da liberdade.

⁹⁵ *Op. cit.*, p. 98.

contidos na crônica, a fim de explicitar e compor tipos específicos do processo que se deseja abordar, tal como Frye sugere para o caso das ficções em geral.

À medida que admitimos que o relato histórico é, à imagem que Foucault criou para se referir ao conhecimento, um processo cheio de buracos, verificamos a impossibilidade do historiador de trazer o passado em toda a sua inteireza e especificidade, ainda que seja da própria natureza do historiador forçar-se a isso. Nesse sentido, é necessário que o historiador “preencha” essas lacunas para lhes dar algum sentido. White lembra R. G. Collingwood, para quem o historiador era sobretudo um contador de histórias, à medida que a sensibilidade histórica se manifesta por meio da possibilidade de criar uma história plausível a partir de uma reunião de fatos aos quais se pretende dar uma lógica ou uma explicação. Collingwood chamava esse recurso de “imaginação construtiva” que, por sua vez, complementa o registro histórico, sempre incompleto, fragmentário.

Entretanto, White rebate Collingwood ao defender que os elementos dispersos de um dado registro histórico oferecem, ao máximo, elementos de uma história. Os acontecimentos são convertidos, desse modo, pela supressão, subordinação, realce ou motivação do historiador, enfim, técnicas que correspondem à urdidura do enredo de um romance. A isso corresponde afirmar que o historiador traz à noção de registro histórico a necessidade de criar histórias compreensíveis ao público a que ele se destina, à sua própria época.

E é por esse motivo, por exemplo, que não se pode dizer que Michelet, com a sua *Histoire de la Révolution Française*⁹⁶, e Tocqueville, seu contemporâneo, valendo-se do mesmo evento e dispondo dos mesmos registros, tenham um ou outro mais ou menos conhecimento dos fatos e, assim, construído uma história mais ou menos confiável.

⁹⁶ A Edição brasileira é MICHELET, J. *História da Revolução Francesa: da queda da Bastilha à festa da Federação*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. Obra exultante, em que

Mas de que modo abordagens tão exclusivas podem ser igualmente plausíveis ao público a que se destinaram? A resposta de White aponta para a questão ideológica de que não podemos prescindir de qualquer abordagem historiográfica:

"Apenas porque os historiadores partilhavam com seus públicos certas concepções sobre o modo como a Revolução poderia ser contada, em resposta aos imperativos que eram de um modo geral extra-históricos, ideológicos, estéticos ou míticos."⁹⁷

Devemos entender isso, portanto, como uma "opção literária". Esse atributo, segundo White, de maneira alguma serve a depreciar o *status* das narrativas históricas como forma de construção do conhecimento. Ainda se utilizando de Collingwood, Hayden White defende que toda narrativa histórica é inerentemente trágica, cômica ou romântica. Entretanto, não necessitam ser confeccionadas dessa forma, o que dará tal escopo é o ponto de vista adotado pelo historiador. Ainda assim, essas aproximações conceituais só vêm à tona, pois temos uma herança cultural em geral, e literária em particular:

"O modo como uma determinada situação histórica deve ser configurada depende da sutileza com que o historiador harmoniza a estrutura específica do enredo com o conjunto de acontecimentos históricos aos quais deseja conferir um sentido particular. Trata-se essencialmente de uma operação literária"⁹⁸

vale a máxima: "a Revolução é o Povo", nela o autor revela toda a sua aversão pela história événementielle, isto é, pautada puramente em eventos políticos ou factuais.

⁹⁷ WHITE, H., *op. cit.*, p.101.

⁹⁸ *Op. cit.*, p. 102.

O que pode parecer pouco aceitável para alguns acadêmicos, para White essas operações de codificações de eventos são mesmo naturais se quisermos conferir algum sentido a um amontoado de registros esparsos, cuja lógica, na maioria das vezes, beira o exótico e, ainda por cima, distancia-se pelo tempo. Dar sentido, isto é, conferir coerência aos acontecimentos relatados, aqui tem a tarefa de tornar familiar o não-familiar, ou seja, tornar o mais próximo possível.

Há ainda outras formas de dar sentido àquilo que se configura como um não-familiar. Uma delas, por exemplo, é subordinar os eventos às leis causais que parecem ter regido os acontecimentos a fim de produzir determinado efeito, conferindo a esse “resultado” um produto originário de leis mecânicas. Outra forma de conferir sentido a um evento é subordiná-lo por conta de toda uma herança cultural, regional, milenar, enfim, suficientemente significativa, que possa ser explicada com base em crenças na religiosidade, manifestações metafísicas que podem fazer sentido dentro de um contexto específico.

No processo de confecção de sua história, os historiadores passam a refletir sobre um complexo de eventos aos quais uma estória pode se configurar como possível. Isso nos parece de tal ordem inevitável, uma vez organizada a História, e aí já não interessa que tipo de relato foi oferecido ao leitor, se romântico, trágico, etc. O que importa, nesse sentido, é que seu público pôde acompanhar a história com êxito, mais que isso, ele não só a acompanhou como a entendeu, pois o produto resultou de algo familiar. White, em parágrafo brilhante, mostra-nos que, tal como em psicanálise, a História ou mais precisamente o historiador-terapeuta busca refamiliarizar seu público com o seu passado, dotando-o de um sentido, tornando seu discurso plausível como caracterização do efeito explicativo da narrativa histórica.

Contudo, para White esse recurso compreende uma operação mimética, que é a opção do historiador, isto é, seu modelo escolhido, que não se encerra na explicação

propriamente dita dos eventos ou acontecimentos passados. Para ele, as narrativas históricas não são apenas modelos dos acontecimentos e processos passados, mas também afirmações metafóricas que sugerem uma relação de similitude entre esses acontecimentos e processos e os tipos de estória que visam dar um sentido específico à História que se pretende erigir.

Desse modo, a narrativa histórica “serve de mediadora entre, de um lado, os acontecimentos nela relatados e, de outro, a estrutura de enredo pré-genérica, convencionalmente usada em nossa cultura para dotar de sentido os acontecimentos e situações não-familiares.”⁹⁹ Poderíamos dizer, concordando com Hayden White, que as narrativas históricas não reproduzem os acontecimentos que procuram elucidar, nem tampouco os imaginam simplesmente, mas trazem à mente, tal como a metáfora, imagens das coisas que indica. Como metáfora, ela não imagina aquilo que se pretende abordar, mas apresenta diretrizes que permitem fornecer ao público imagens que, com base na vivência cultural, ele logra compreender. O que nos faz reconhecer, à revelia de muitos historiadores, que as obras historiográficas são traduções do fato em ficções.

Na primeira parte, *“Da servidão e do ódio”*, Michelet dedica-se a dissecar os “tipos” ou elementos pertencentes a diversas atividades e ofícios da sociedade francesa. Seu olhar não comporta um antagonismo de classe, antes procura colocar-se ora como o próprio protagonista da situação descrita, ora como um passante, um narrador oculto ou eclipsado pela cena que se desenrola ao mesmo tempo da narrativa.

Assim, toda análise de um tipo qualquer pressupõe a consideração de todas as agruras da mulher ou do homem analisado, isto é, longe de cair num relativismo perigoso, Michelet procura, à maneira do Monsenhor Bem-vindo de Hugo, “percorrer o caminho por onde passou a culpa”. Em outras palavras, Michelet tenta explicar as razões

⁹⁹ *Op. cit.*, p. 105

de determinado comportamento em face das situações que determinado indivíduo vivencia e assim entendendo o seu modo de viver.

No exemplo escolhido, Michelet toma como objeto o camponês, sempre sisudo, sempre avaro, mas que por uma série de circunstâncias não poderia ser visto de outro modo. Entretanto, também é necessário observar-lhe as qualidades do homem do campo. Logo no início, percebemos o Michelet narrador, como que à margem do caminho, flagrando o comportamento desse homem:

"Se quisermos conhecer o pensamento íntimo, a paixão do camponês da França, nada mais fácil. Basta passearmos no domingo pelo campo, sigamo-lo. Ei-lo que vai a nossa frente. São duas horas; sua mulher está na reza; ele está endomingado; garanto que vai ver a amante.

Que amante? Sua terra."¹⁰⁰

A narrativa flui relatando os fatos que se seguem: o camponês, provavelmente, no retorno da cidade ou da Igreja é incapaz de desviar-se de sua terra, entra, ela está lá, à espera de que lhe retirem uma erva daninha, um mato, enfim, que pelo menos lhe revolvam um pouco. O camponês está lá, por que o faria? Está endomingado, roupas brancas; mas ele vai, remexe umas pedras, vê uma erva daninha, lamenta não ter sua enxada, resolve deixar para amanhã, afinal, é domingo. Michelet, como testemunha de sua aflição, percebe toda a paixão desse humilde camponês pela sua terra, seu desespero de deixá-la porque a ama. Diz ele:

¹⁰⁰ MICHELET, J. *Op. cit.*, p. 27; no original: "Si nous voulons connaître la pensée intime, la passion du paysan de France, cela est fort aisé. Promenons-nous le dimanche dans la campagne, suivons-le. Le voilà quis'en va là-bas devant nous. Il est deux heures; sa femme est à vêpres; il est endimanché; je réponds qu'il va voir sa maîtresse. Quelle maîtresse? sa terre.", *op. cit.*, p. 79.

"Depois de alguns passos pãra, volta-se, faz meia volta e lança sobre a terra um derradeiro olhar, olhar profundo e sombrio; mas, para quem sabe observar, é um olhar todo paixão, todo de dentro do coração, repleto de devoção.

Se aquilo não é amor, por que sinal reconhecê-lo neste mundo? É ele, não rias... A terra assim o quer, para produzir; caso contrário, não dará nada, essa pobre terra da França, quase sem gado e sem adubo. Ela produz porque é amada"¹⁰¹

Para Jacques Rancière¹⁰², Michelet opõe-se ao procedimento dos historiadores metódicos que erigem o distanciamento com o objeto de estudo. Ao contrário, ele tenta "presentificar" ou tornar familiares os acontecimentos com a entrada dos anônimos do povo no universo de seres falantes, esse povo que o historiador saúda como o grande ator social. Assim o relato se organiza de modo distinto, de maneira a colocar em cena o próprio historiador, ao lado do povo, ora como espectador-narrador, ora como o próprio ator de sua história.

O historiador que, tradicionalmente, parece apagar-se para deixar falar o ator social, agora vem à frente da cena, é ele quem dá voz aos testemunhos que dormiam esquecidos, como quem abre um armário dos tesouros e dá a eles a visibilidade necessária, o faz, no mais das vezes, fazendo falar o coração. Entre a retórica aristocrática que enaltecia as "vidas ilustres" e o empirismo asséptico, ele se posiciona como uma terceira via, uma outra maneira de falar do outro.

¹⁰¹ *Op. cit.*, p. 28; no original: "A trente pas encore, il s'arrête, se retourne, et jette sur sa terre un dernier regard, regard profond et sombre; mais pour qui sait bien voir, il est tout passionné, ce regard, tout coeur, plein de dévotion.

Si ce n'est l'amour, à quel signe donc le reconnaîtrez-vous en ce monde? C'est lui, n'en riez point... La terre le veut ainsi, pour produire; autrement, elle ne donnerait rien, cette pauvre terre de France, sans bestiaux presque et sans engrais. Elle rapporte parce qu'elle est aimée.", *op. cit.*, p. 80.

¹⁰² RANCIÈRE, Jacques. *Os nomes da História – um ensaio de poética do saber*. São Paulo: Educ/Pontes, 1994.

A terceira via de que falamos é própria de um saber histórico que se pretende democrático, que vê na história uma forma de relato, que exprime sua força não pelo conteúdo que possa revelar, mas no esforço para descrever determinado processo, colocando em cena seu protagonista-povo, isto é, recriando cenas do cotidiano que dêem conta de exprimir sua essência como, por exemplo, quando demonstra que a siseudez do camponês não revela a misantropia gratuita, mas um apego à terra, um sentimento de enamoramento do campo que não permite traição.

Nesse sentido, a “fala” do povo é plena de sentido e, portanto, o papel do historiador é dar voz a esse canto mudo, liberar essa voz e recriar o seu sentido, dar visibilidade aos processos de sensibilidade oculto, precisamente àqueles que não aparecem nas estatísticas oficiais, como afirmamos anteriormente.

Rancière sugere que em Michelet essa evocação campestre pertence à pré-história literária da ciência histórica. O recurso do relato, as metáforas utilizadas tornam sensível o sentido de sua História. Ao operar essa revolução narrativa da História, com efeito, torna o relato de um acontecimento qualquer o relato de seu próprio sentido; assim, a evocação dos acontecimentos passados ou mesmo o relato do momento presente torna-se uma narração saborosa de alguém que “conta” uma história.

Esse intercambiamento entre a presença do autor no desenvolvimento de sua narrativa lembra-nos novamente o porquê de sua ascendência do sistema que caracterizou a *Nouvelle Histoire*. O curioso é que Michelet aplica seu “método” indistintamente ao passado e ao presente. Ao neutralizar a “aparência de passado”, Michelet subverte a noção de perspectiva que distancia o autor dos eventos que descreve, dando viva voz aos fatos que enuncia.

Ao operar o discurso diegético da História na forma de relato, Michelet não cai na armadilha mimética dos antigos oradores do povo, mas, ao contrário, ele usa os poderes do relato, destituindo-se do falso discurso mediador, para ouvir e compreender

a história da vida profunda das massas. Em outras palavras, Michelet faz passar a "fala dos pobres" de um modo que não é a forma enganosa dos oradores antigos, fazendo falar os campos, a colheita, o instinto laborioso dos simples, a ensurdecadora saída dos operários das fábricas e o seu sentimento momentâneo de liberdade, como elementos importantíssimos de sua análise que dá corpo ao povo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procuramos delimitar neste trabalho a apreciação do “povo” segundo as imagens construídas por Jules Michelet, em *Le Peuple*, na primeira metade do século XIX. Essa delimitação constituiu-se de uma tríade: a questão da identidade; da memória e da observação. Essa delimitação foi antecedida por uma discussão no Capítulo 1, que procurou circunscrever o lugar de Michelet dentro da “historiografia romântica”.

Apontando sua distinção em relação à História aristocrática tradicional, pontuada por “vidas ilustres” e intencionalmente concebida à guisa de exemplo formal, no sentido ideológico; por outro lado, distinguindo-se também do empirismo cientificista, encarnado na produção da escola metódica e seu pretendo distanciamento entre sujeito e objeto.

Nesse sentido, nossa intenção para o primeiro capítulo foi o de, modestamente, demonstrar que Michelet pertence a uma “terceira via”, muito mais identificada com o relato sofisticado dos eventos que pretendeu enunciar e elucidar, muito próximo da *Nouvelle Histoire*, para muitos filha do autor de *Le Peuple*. O rol de comentadores de Michelet naturalmente não foi aqui esgotado, entretanto preferimos “colocar em cena” aqueles que melhor auxiliaram no deslindamento da tríade proposta no início do trabalho.

No capítulo 2, tratamos a questão da identificação do autor com a sua obra em termos de um conhecimento ligado à noção de afeto, isto é, a insistência de Michelet em afirmar sua legitimação, em falar de uma História que ele próprio vivenciou, cujo emblema máximo foi: “Este livro é mais que um livro; sou eu mesmo”, ao mesmo tempo em que desautoriza aquele que desconhece porque não possui nem a filia nem a identidade.

O terceiro capítulo enumerou algumas das imagens concernentes à noção de conhecimento ligado à memória, em que inúmeros exemplos apontaram que a análise de Michelet é sempre norteadas por sua experiência vivida, longe de obliterar sua leitura da vida social, como defenderam posteriormente os metódicos; é essa experiência que dará vida ao seu relato. Nesse sentido, o historiador não é excêntrico à obra, mas, de modo inverso, ele é sua própria essência.

Ao final, no Capítulo concernente à observação, fizemos sucinta análise do recurso micheletiano do relato de cenas cotidianas como forma ou método a dar vida à sua narrativa, dando voz ao povo, antes excluído, silenciado. O relato micheletiano permitiu-nos entrever que o movimento narrativo é o próprio relato de seu sentido, num jogo personalíssimo de aproximação com o tempo histórico mencionado, fazendo dos eventos, passados ou do presente, algo cheio de vida que, no caso de *Le Peuple*, diz respeito ao direito dos simples, ao instinto ou *calor vital* das massas. Uma História pulsante, evocatória e apaixonadamente democrática.

BIBLIOGRAFIA

Obras gerais

- ADLER, L. *Os bordéis franceses: 1830-1930*. Trad. Kátia Maria Orberg, Eliane Fitippaldi Pereira. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1991.
- ANDRÊS-GALLEGO, José. *História da gente pouco importante*, trad. Ana Moura, Lisboa: Estampa, 1993.
- ANPUH. *Revista Brasileira de História*. São Paulo: ANPUH; Marco Zero, vol. 12, nº 23/24, set./ago., 1992.
- ARGAN, G. C. *Arte moderna*. Trad. Denise Bottmann, Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ARIËS, P. e Duby, G. (org.). *História da Vida Privada*, v. IV, trad. Denise Bottmann, Bernardo Joffily, São Paulo: Cia das Letras, 1991.
- ARIËS, P. *História social da criança e da família*. Trad. Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.
- ARISTÓTELES. *Poética; Organon; Ética a Nicômaco*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução, Prefácio, Introdução, Comentário e Apêndices de Eudoro de Souza. Porto Alegre: Editora Globo, 1966.
- AZEVEDO, I. B. *O prazer da produção científica: diretrizes para a elaboração de trabalhos acadêmicos*. Piracicaba: Unimep, 1995.
- BACCEGA, M. A. *Palavra e Discurso: História e Literatura*. São Paulo: Ática, 1995.
- BARTHES, R. *Aula – aula inaugural da cadeira de semiologia literária do colégio de França, pronunciada dia 7 de janeiro de 1977*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Cultrix, 1989.
- _____. *O rumor da língua*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Brasiliense, 1988.

- BAUDELAIRE, C. *Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BERMAN, M. *Tudo o que é sólido desmancha no ar – a aventura da modernidade*. Trad. Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriato. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- BLACKBURN, Richard. *O Vampiro da razão – Um ensaio de Filosofia da História*. Trad. Raul Ficker, São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- BLANNING, T. C. W. *Aristocratas versus Burgueses? A Revolução Francesa*. São Paulo: Ática, 1991.
- BLOCH, M. *Introdução a História*. Trad. M. Miguel e Rui Grácia, Lisboa: Publicações Europa-América, 1965.
- _____. *Os reis taumaturgos – o caráter sobrenatural do poder régio, França e Inglaterra*. Trad. Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- BOBBIO, N., MATTEUCCI, N., PASQUINO, G., *Dicionário de política vol. 1*. Trad. Carmen C. Varriale et. al. Brasília: Edunb, 1993.
- BOBBIO, N., MATTEUCCI, N., PASQUINO, G., *Dicionário de política vol. 2*. Trad. Carmen C. Varriale et. al. Brasília: Edunb, 1993.
- BORGES, V. P. *O que é História*. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- BRESCIANI, M. S. M. *Londres e Paris no século XIX: O espetáculo da pobreza*. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- BRESCIANI, M. S., SAMARA, E. M., LEWKOWICZ, I. (org.). *Jogos da Política: imagens, representações e práticas*. São Paulo: ANPUH; Marco Zero; FAPESP, s/d.
- BRESCIANI, S. (org.). *Imagens da cidade: séculos XIX e XX*. São Paulo: Marco Zero; ANPUH; FAPESP, 1994.
- BURKE, P. *A revolução francesa da historiografia: a História dos Annales, 1929 à 1989*. Trad. Nilo Odália. São Paulo: Unesp, 1991.

- _____. (org.). *A Escrita da História. Novas Perspectivas*. Trad. Magda Lopes, São Paulo: Ed. Unesp, 1992.
- _____. *Cultura Popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- _____. *Vico*. Trad. Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Unesp, 1997.
- _____. *Nouvelle Histoire e Tempo histórico – a contribuição de Febvre, Bloch e Braudel*. São Paulo: Ática, 1994.
- CASSIRER, E. *A Filosofia do Iluminismo*. Campinas: Unicamp, 1992.
- CERTEAU, M. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, R. (org.). *História da vida privada – 3: da Renascença ao Século das Luzes*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- COLI, J. *O que é Arte*. São Paulo: Brasiliense, 1997.
- COMTE, A. *Curso de Filosofia Positiva; Discurso Preliminar sobre o Conjunto do Positivismo; Catecismo Positivista*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- COSTA, L. M. da. *A poética de Aristóteles: Mímese e verossimilhança*. São Paulo: Ática, 1992.
- DARNTON, R. *O beijo de Lamourette – mídia, cultura e revolução*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- _____. *O grande massacre de gatos e outros episódios da História cultural francesa*. Trad. Sônia Coutinho. Rio de Janeiro, 1986.
- _____. *O Iluminismo como negócio – História da publicação da Enciclopédia 1775-1800*. Trad. Laura Teixeira Motta; Maria Lucia Machado (textos franceses). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *Os best-sellers proibidos da França pré-revolucionária*. Trad. Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- DAVIS, Natalie Zemon. *Culturas do Povo: Sociedade e Cultura no início da França moderna – oito ensaios*. Trad. Mariza Corrêa, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

- DECCA, E. de, MENEGUELLO, C. *Fábricas e Homens: A Revolução Industrial e o cotidiano dos trabalhadores*. São Paulo: Atual, 1999.
- DECCA, E. de. *O nascimento das fábricas*. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do Sentido*. Trad. Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- DETIENNE, Marcel. *A invenção da mitologia*. Trad. André Telles, Gilza Martins Saldanha da Gama. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília, D.F.: UnB, 1992.
- _____. *Os mestres da verdade na Grécia Arcaica*. Trad. Andréa Daher. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.
- ECO, H. *Como se faz uma tese*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Perspectiva, s/d.
- ENTREVISTAS DO LE MONDE. *Filosofias*. São Paulo: Ática, 1990. 221p.
- ENTREVISTAS DO LE MONDE. *Literaturas*. São Paulo: Ática, 1990. 168p.
- FERRO, M. *História das colonizações: das conquistas às independências, séculos XIII A XX*. Trad. Rosa Freire d'Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- FIKER, R. *Vico – o precursor*. São Paulo: Moderna, 1994.
- FONTANIER, Pierre. *Les Figures du discours*. Introduction par Gérard Genette. Paris, 1996.
- FOUCAULT, M. *A arqueologia do saber*. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- _____. *A ordem do discurso – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970*. Trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Loyola, 1996.
- _____. *As palavras e as Coisas*. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

- FRIEDRICH, Otto. *Olympia – Paris no tempo dos Impressionistas*. Trad. Hildegard Feist, São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- FURET, François. *A Oficina da História*. Trad. Adriano Duarte Rodrigues, Lisboa: Gradiva, s/d.
- GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997
- GAY, Peter. *O cultivo do ódio – A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud vol. 3*. Trad. Sérgio Goes de Paula, Viviane de Lamare Noronha. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- GAY, Peter. *O Estilo da História*. Trad. Denise Bottmann, São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- GINZBURG, Carlo. *A Micro-História e outros ensaios*. Trad. Antonio Marino, Lisboa: Difel, 1989.
- GRÜNEWALD, J. L. (org.). *Poetas Franceses do século XIX*. Trad. José Lino Grünwald. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1991.
- GUIMARÃES, Eduardo (org.). *História e sentido na linguagem*. Campinas/SP: Pontes, 1989.
- GUINSBURG, Jacob (org.). *O Romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 1985.
- HEGEL, G. W. F. *Estética – a Idéia e o Ideal; Estética – o Belo Artístico ou o Ideal*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- HERÓDOTO. *História*. Trad. J. Brito Broca. Rio de Janeiro: Ediouro, 1985.
- HOBSBAWM, E. J. *A Revolução Francesa*. Trad. Maria Tereza Lopes Teixeira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. *A Era das Revoluções: Europa 1789-1848*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

- _____. *Ecos da Marsehesa. Dois séculos revêem a Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- HOMERO. *A Ilíada*. Trad. Fernando C. de Araújo Gomes. Rio de Janeiro: 1998.
- _____. *Odisséia*. Trad. Antônio Pinto de Carvalho. São Paulo: Nova Cultural, 1993.
- HUGO, V. *Os miseráveis*. Trad. Casemiro L M. Fernandes. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d.
- _____. *Os trabalhadores do mar*. Trad. Machado de Assis. São Paulo: Nova Cultural; Círculo do Livro, 1994.
- HUNT, Lynn. *A Nova História Cultural*. Trad. Jefferson C. Camargo, São Paulo: Ática, 1992.
- JAMENSON, Frederic. *O Inconsciente Político – A Narrativa como ato socialmente simbólico*. trad. Valter Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.
- KANT, I. *Crítica da Razão Pura*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. 511p.
- KRANTZ, F. *A outra História – Ideologia e protesto popular nos séculos XVII à XIX*. Trad. Ruy Jungmann, Rio de Janeiro: J.Z.E., 1986.
- LE GOFF, J. e NORA, P. (org.). *História: Novas abordagens*. Trad. Henrique Mesquita, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.
- LE GOFF, Jacques. *História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- _____. *História e Memória*. Trad. Bernardo Leitão et. ali., Campinas: Ed. Unicamp, 1990.
- LE ROBERT. *Dictionnaire D'Aujourd'hui*. France: Le Robert, 1991.
- LEENHARDT, J.; PESAVENTO, S. J. (orgs.) *Discurso Histórico e Narrativa Literária*. Campinas, SP: UNICAMP, 1998.
- LIMA, Luiz Costa. *O controle do imaginário: razão e imaginação nos tempos modernos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
- LURKER, M. *Dicionário dos deuses e demônios*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. 283p.

- MARX, K., ENGELS, F. *O manifesto comunista*. Trad. Maria Lúcia Como. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- NOVAES, A. (org.). *Libertinos libertários*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- _____. *O desejo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____. *A crise da razão*. São Paulo: Companhia das Letras; Brasília: Ministério da Cultura; Rio de Janeiro: Fundação Nacional de Arte, 1999.
- _____. *Ética*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1994. .
- _____. *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- _____. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- PEDROSA, Célia. "Os dois gumes da história" in: D'Incao, Maria A.; SCARABOTO, Eloisa F. (org.). *Dentro do texto, dentro da vida: ensaios sobre Antônio Candido*. São Paulo: Companhia das Letra: Instituto Moreira Salles, 1992. p. 129.
- PERROT, M. (org.). *História da vida privada – 4: da Revolução Francesa à Primeira Guerra*. Trad. Denise Bottman e Bernardo Joffily. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- PLATÃO. *A República*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Editora Nova Cultural Ltda., 1997.
- PRAZ, Mário. *A carne, a morte e o diabo na Literatura romântica*. Campinas-SP: Unicamp, 1996.
- R.H. – *REVISTA DE HISTÓRIA*. N. 2/3, Campinas: Unicamp, 1991.
- RANCIÈRE, J. *Políticas da escrita*. Trad. Raquel Ramalhão et. al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.
- REIS, J. C. *A História – entre a Filosofia e a Ciência*. São Paulo: Ática, 1996.
- RIBEIRO, R. J. *A etiqueta no Antigo Regime: do sangue à doce vida*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

- _____. *A última razão dos reis: ensaios sobre filosofia e política*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- RIPERT, P. *Dictionnaire des Synonymes de la langue française*. Paris: Bookking, 1994.
- ROSSI, P. *Os sinais do tempo: História da Terra e História das nações de Hooke a Vico*. Trad. Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- ROUSSEAU, J. *Discurso sobre a Origem e os Fundamentos da Desigualdade entre os homens; Discurso sobre as Ciências e as Artes*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- ROUSSEAU, J. *Do Contrato Social; Ensaio sobre a origem das Línguas vol. I*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.
- RUDÉ, George. *A multidão na História - Um estudo dos movimentos populares na França e na Inglaterra 1730-1848*. Trad. Waltensin Dutra, Rio de Janeiro: Campus, 1991.
- SAINT-JUST, L. A. L. *O espírito da revolução e da constituição na França*. Trad. Lúcia Fachin, Maria Letícia G. Alcoforado. São Paulo: Unesp, 1989.
- SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. trad. Maria Paula Duarte, São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- SCHAMA, S. *Cidadãos: uma crônica da Revolução Francesa*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 1993.
- SKINNER, Q. *As fundações do pensamento político moderno*. Trad. Renato Janine Ribeiro, Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- TODOROV, Tzvetan. *Poética da Prosa*. Trad. Maria de Santa Cruz. Lisboa: Edições 70, 1979.
- VEYNE, Paul. *Como se escreve a História*. Trad. Alda Zaltar e M. A. Knerpp, Brasília: Ed. UnB, 1992.

- VICO, Giambattista. *Princípios de uma ciência nova acerca da natureza comum das nações*. Trad. Antonio Lázaro de A. Prado, São Paulo: Nova Cultural, 1988.
- VOVELLE, Michel. *Breve História da Revolução Francesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1986.
- VOVELLE, Michel. *Jacobinos e jacobinismo*. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru, SP: EDUSC, 2000.

Obras e referências sobre Michelet

- ANDRADE, Sérgio Augusto. "A História como um caso pessoal" in: *República*. São Paulo: D'Ávila Comunicações Ltda., 1998, Ano 2, Nº 22, p. 36.
- BARTHES, R. *Michelet*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.
- BENICHOV, Paul. *Le temps des prophetes – Doctrines de l'âge romantique*. Paris: Gallimard, 1977.
- BOLLÈME, G. *O Povo por Escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- BOURDÉ, G. e MARTIN, H. *As Escolas Históricas*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1983.
- COGGIOLA, Osvaldo. "A Política da História" IN : O Estado de São Paulo. São Paulo, 29/07/1989.
- DOSSE, F. *A História em migalhas: dos Annales à Nova História*. Trad. Dulce da Silva Ramos. São Paulo: Ensaio; Campinas: Unicamp, 1992.
- DUBY, G. (org.). *Histoire de la France – des origines à nos jours*. Paris: Larousse, 1995.
- DUBY, G. *A História continua*. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; UFRJ, 1993.
- EUROPE. *Europe – revue littéraire mensuelle: Jules Michelet*. Paris: 76 année, nº 829, mai., 1998.

- FEBVRE, L. *Michelet e a Renascença*. Trad. Renata Maria Parreira Cordeiro. São Paulo: Scritta, 1995.
- FRYE, N. *Anatomia da crítica*. Trad. Pêicles Eugênio da Silva Ramos. São Paulo: Cultrix, 1989.
- FRITZ, G. *L'idée de peuple en France du XVIIe au XIXe siècle*. Presses Universitaires de Strasbourg, 1988.
- GARO, Isabelle. *La nation et O Povo chez Michelet*. IN: *Revue littéraire Europe*. 76^e année, n° 829/Mai 1998, p. 24.
- GOSSMAN, L. "Jules Michelet: histoire nationale, biographie, autobiographie". *Échos et Traces*. Paris: Larousse, *Revue de Littérature*, n. 102, mai./1996.
- LE GOFF, J. *Para um novo conceito de Idade Média*. Lisboa: Estampa, 1979.
- MACHEREY, P. *A quoi pense la littérature? Exercices de philosophie littéraire*. Paris: Presses Universitaires de France, 1990.
- MILLET, Claude (org.). *L'Esthétique romantique en France – une anthologie*. Paris: Pocket, 1994.
- RANCIÈRE, J. *Os nomes da História: Ensaio de Poética do Saber*. Trad. Eduardo Guimarães, Eni Pulcinelli Orlandi. São Paulo: EDUC/Pontes, 1994.
- SALIBA, Elias Tomé. *As Utopias Românticas*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- THOMPSON, Paul. *A voz do passado – História Oral*. Trad. Lourenço de Oliveira, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- VIALLANEIX, P. *Michelet, les travaux et les jours 1798-1874*. Paris: Gallimard, 1998.
- _____. "Le Peuple, Introd. et notes" in: MICHELET, J. *Le peuple*. Paris: Flammarion, 1992.
- WHITE, H. *Meta-História – a imaginação histórica do século XIX*. Trad. José Laurêncio de Melo. São Paulo: Edusp, 1995.

WHITE, H. *Trópicos do discurso: ensaios sobre a crítica da Cultura*. Trad. Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Edusp, 1994.

WILSON, E. *Rumo à Estação Finlândia – escritores e atores da História*. Trad. Paulo Henriques Britto. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

Obras de Michelet

MICHELET, J. *A agonia da Idade Média*. Trad. Artemis Albuquerque Coêlho, Plínio Augusto Coêlho. São Paulo: Educ; Imaginário, 1992.

_____. *A Bíblia da Humanidade*. Trad. Romualdo Sister, Rio de Janeiro: Tecnoprint S.A. 1967.

_____. *A Feiticeira – 500 anos de transformações na figura da mulher*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

_____. *A mulher*. Trad. Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

_____. *Autobiographie. Introduction à l'histoire universelle*. Paris: Bibliothèque Larousse, tomo I, s/d.

_____. *Autour d'un grand historien. Nouvelles lettres inédites de Michelet*. Monaco: Éditions de l'Acanthe, s/d.

_____. *Correspondance Générale. Textes réunis, classés et annotés par Louis de Guillou*. Paris: H. Champion, tomo V, 1994.

_____. *Cours au Collège de France: 1838-1851*. Paris: Gallimard, 1985.

_____. *Écrits de Jeunesse. Journal (1820-1823) – Mémoires, Journal des Idées*. Introduction, des notes et de nombreux documents inédits par Paul Viallaneix. Paris: Gallimard, s/d.

- _____. *Épisodes de la Révolution Française. Choix de textes, introduction et notes par Henri Calvet*. Paris: Alpina, 1966.
- _____. *Géricault*. Paris: L'Échoppe, 1991.
- _____. *História da Revolução Francesa – Da queda da Bastilha à Festa da Federação*. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras; Círculo do Livro, 1989.
- _____. *Histoire de la Révolution Française*. Paris: Gallimard, 1952.
- _____. *Journal. Texte intégral, établi sur les manuscrits autographes et publié pour la première fois, avec une introduction, des notes et de nombreux inédits par Paul Viallaneix*. Paris: Gallimard, t. I (1828–1848), 1959.
- _____. *Journal. Texte intégral, établi sur les manuscrits autographes et publié pour la première fois, avec une introduction, des notes et de nombreux inédits par Paul Viallaneix*. Paris: Gallimard, t. II (1849–1860), 1962.
- _____. *Juana de Arco*. Trad. Angelina Del Campo, México/D.F.: Fondo de Cultura Económica S.A., 1986.
- _____. *La mujer*. Traducción de Stella Mastrangelo. México, D. F.: Fondo de Cultura Económica, 1985.
- _____. *Le Banquet. Papiers Intimes*. Paris: Calmann Lévy, 1879.
- _____. *Le peuple*. Paris: Flammarion, 1992.
- _____. *Les soldats de la Révolution. Hoche, La Tour d'Auvergne etc., etc.* Paris: Calmann Lévy, 1889.
- _____. *L'Étudiant*. Paris: Flammarion, 1974.
- _____. *O povo*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. *Oeuvres complètes, sous la direction de Paul Viallaneix: première édition critique (histoire des textes, présentation des variantes, dossiers de presse)*, Paris, Flammarion, 1971.

_____. *Précis de l'histoire moderne*. Paris: Calmann Lévy, s/d.